



.....

HOJE ACORDEI GORDA

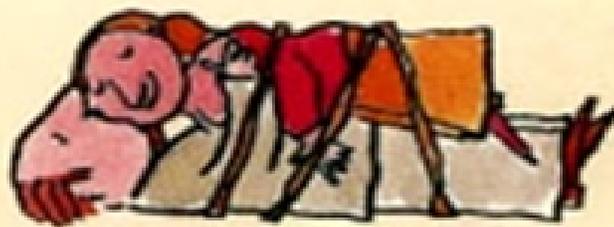
.....



Stella Florence



Pécoro



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

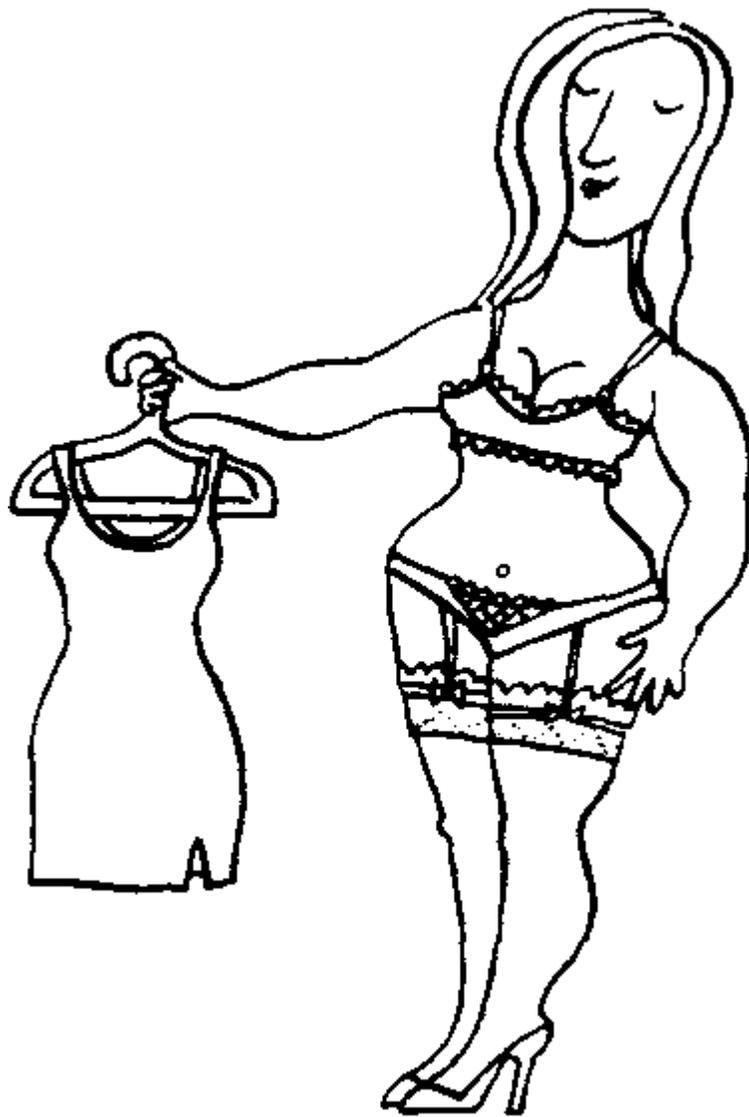
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Stella Florence

HOJE ACORDEI GORDA



Roco

Rio de Janeiro - 1999

Copyright © 1999 by Stella Florence

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar

20011-040 - Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 507-2000 - Fax: 507-2244

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Preparação de originais RYTA VINAGRE

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Florence, Stella

Hoje acordei gorda / Stella Florence. - Rio de Janeiro : Rocco, 1999.

1. Obesidade - crônica. 2. Emagrecimento - Crônica. I. Título.

Você tem fome de quê?

Comida - A. Antunes, M. Fromer e S. Britto

ÍNDICE

[Contracapa](#)

[Abas](#)

[Prefácio – Mario Prata](#)

[Manequim 40](#)

[Me deixa engordar em paz!](#)

[A sogra e a banana frita](#)

[Bem mais que um corpo perfeito](#)

[Sempre haverá a comida — ou uma barata...](#)

É só um piolho

A confissão de Silvana

A rã boquiaberta

João Carlos, o gordo

Simplesmente não pensei

Hoje acordei gorda

Guardanapos na cabeça

A máscara da convivência

Os homens são todos iguais

O medo do vento

Uma pessoa analisada

Caroços são feitos para serem cuspidos

Era uma vez um Spa

O dia em que tirei férias de mim

Sai da minha frente, Aníbal!

Beijar obeso não é pecado

Não acredite em nada

Eva era gorda mesmo

A vítima

Pantufas de cachorro

[A fome-por-ela-mesma](#)

Contracapa

Ao contrário do que se pode imaginar, nem todas as personagens desse livro são gordas: umas não são, mas se sentem; outras não se sentem, mas são; umas emagrecem, outras engordam; umas confundem suas fontes, outras sabem exatamente quais são; umas acusam o marido, outras, o endocrinologista; umas vão à luta, outras descambam; umas tomam laxante, outras deitam no divã do analista; umas se detestam, outras se adoram.

São todas habilmente delineadas pela mão de uma das poucas — e boas — escritoras cômicas que têm despontado na literatura nacional. Com humor sutil e apurado, Stella Florence promete conduzir os leitores a um agradável universo de entretenimento, que nos nossos dias se faz indispensável freqüentar.

Abas

Você já fez dieta algum dia na sua vida? Já suou para vestir uma calça justa? Já tentou emagrecer só para impressionar o seu ex? Já teve vontade de esganar alguma vendedora de roupas metida a modelo-manequim? Já se julgou a última das criaturas ao quebrar uma dieta? Já se perguntou, mil vezes, por que acaba sempre engordando tudo de novo? Já desconfiou que, talvez, sua fome não seja só de comida? Então, relaxe e aproveite: nestas páginas, seu prazer está absolutamente garantido! Afinal, nunca ninguém foi tão fundo no universo dos gordinhos e seus meandros cavernosos.

As personagens que desfilam pelas páginas desse livro — embora tenham, cada uma, sua própria história — possuem um ponto em comum: uma relação muito estreita com a comida.



Stella Florence é paulistana, nascida em 1967, formada em Letras.

Depois de dez anos como secretária executiva, resolveu abraçar a carreira literária e, após escrever crônicas para várias revistas e

jornais, publicou o livro de contos *Por que os homens não cortam as unhas dos pés?*, que será reeditado pela Rocco.

Ilustração de capa e miolo: MARIANA MASSARANI

Prefácio

MINHAS GORDAS PERSONAGENS

MARIO PRATA

Elas não sabem que são minhas personagens. Ainda.

Estou sentado no restaurante do Spa-São Pedro, em Sorocaba. Acabamos de jantar. Elas ficam nas mesas, conversando, trocam receitas, calorias, bodes. Outras vão ver televisão. Umas jogam buraco. Cada uma delas tem um motivo muito especial para estar aqui. E um denominador comum: são gordinhas. São minhas cobaias. São minhas novas personagens.

Com umas vinte estadas aqui no Spa, me sinto todo metido para achar que entendo cada uma delas. Até já escrevi um livro: *Diário de um magro*. Muitas dessas que estão aqui, agora, na minha frente, quase que se oferecendo para ser personagens desse livro, já leram o outro.

Este livro — meu melhor livro — que você tem agora em suas mãos deveria se chamar *Diário de uma gorda*. Mas achei óbvio demais. Resolvi, inclusive, assinar esse livro com um pseudônimo feminino.

Acho que, como mulher, vou convencer mais. Pensei em Esteia, talvez ainda influenciado por 40 dias em Paris no Méridien-Etoile. Depois achei melhor Stella, talvez ainda influenciado pela Stella Barros, que me levou pra lá. E já que era Stella, que fosse Florence, para universalizar mais a obesidade.

Fico aqui, da minha mesa, vendo e ouvindo as minhas personagens reais.

A Cláudia Vilela, por exemplo, que depois de dezessete anos, três filhos e onze meses de dieta baseada em setecentas calorias/dia e exercícios físicos regulares, voltou a ser manequim 40 e planeja uma grande vingança para quem sempre a olhou com olhos gordos. Ela já pode.

A Andréa de Lima Barbosa, que já foi gorda, fez tanto regime que está agora com um sério problema de anorexia. Periga sumir.

A Ângela Marques da Costa, que tem medo de barata e quase morreu para matar uma. Chegou aqui no Spa toda esfolada, machucada.

A Esteia Shering, que desde os doze anos ouve: "Cê tá gorda." Semana passada foi a vez do marido dizer essa frase pela primeira vez, depois de tantos anos felizes e juntos.

A Silvana Lando, coitada, que tem uma irresistível fixação em pizza. Isso a leva a verdadeiros delírios de culpa. Católica, afirma que gorda católica sofre muito mais.

Do lado da Silvana, está uma gordinha muito bonita e que eu ainda não sei o nome — tem cara de Pitucha — e que me disse que só vai ficar numa boa quando os pedreiros voltarem a mexer com ela na rua.

O João Carlos Bozo, vulgo Midinaite, um bochechudo, desajeitado, tarado, entalado, rejeitado, obeso, alinhado e adorável gordo.

A Renata Kupidlovski (é esse o nome dela?) chegou cheia de problemas, depois de passar por um tenebroso seqüestro. Ficou horas amarrada junto do Raul, corpo a corpo, toda gorda. Foram

momentos inesquecíveis, segundo ela mesma. Que emenda: "A esperança é a última que morre, mas morre."

Sabe aquelas calças de lycra? Você não pode imaginar a ginástica que a Janaína Diniz, de catorze anos, faz para colocar uma. Vai esticando, esticando e o que sobra acima do umbigo, só vendo.

Tem também a Pichadora. Ninguém sabe o nome dela, mas é famosa aqui por ser pichadora. Picha os muros das casas dos namorados que a trocam por duas de 50 (quilos).

A Sandrinha Abdalla, que acha que todos os endocrinologistas são completamente ignorantes.

E a mulher do seu Aníbal Machado, então? Um prato cheio, como personagem.

A Luísa Sawaia, que parece viver no passado e que me disse que veio para cá porque gosta de beijar gordos. Tem se dado muito bem.

A Walquíria Lobo, que foi abandonada há onze meses, vinte e três dias e quinze horas pelo Maurício. Mas ela promete vingança. O Maurício não presta, ela provou pra gente.

Tem a Ana Empanada que não engole gema, tem a bisneta da Leonor e seu bocó de mola, tem a Sílvia Campolim cheia de dores e doritos, tem a secretária Sueli Florença da Silva efficientíssima, tem a Luciana de Francesco louca pra dar, tem aquela uma que sumiu na gaveta, tem a Camila Amado com Síndrome da Mendiga Obesa, e tem aquele que acha que Eva foi a primeira gorda.

E ainda tem aquela outra gordinha, uma elementa que afirma que a fome dela é outra: diz que tem fome de amor.

Como todas, aliás.

Manequim 40

A constatação

Meu nome é Cláudia e hoje, às 16h40min, vestindo uma calça de couro da adolescência, constato que meu manequim, após dezessete anos, três filhos e onze meses de dieta baseada em setecentas calorias/dia e exercícios físicos regulares, voltou a ser 40.

Analiso cientificamente a calça no meu corpo. O cheiro de naftalina incomoda, mas não perturba minha atenção. Viro de costas, de lado, percebo folga de pano nas duas pernas, abro e fecho o zíper facilmente. Encaro meus olhos no espelho — agora amigo — e traço um sorriso sombrio no meu novo rosto sem papada.

A costura

Estou exausta de contentamento. Escancaro meus guarda-roupas e jogo tudo o que não é manequim 40 — e que eu continuava guardando por hábito — sobre a cama. Abro caixas e saquinhos com roupas antigas que convenientemente voltaram à absoluta última moda e as sacudo com vigor. Espirro. Levo para a sala dois grandes sacos de roupa: um para dar e outro para consertar.

Hoje não tem jantar. Que peçam pizza, que esperem o pai, que comam todos os salgadinhos no armário, se quiserem. Tenho muito o que costurar.

Hoje não tem cafuné. Que pegue mais um cobertor, que assista a um filme qualquer na TV, que tome um sonífero, se quiser. Tenho muito o que lavar.

Costuro, obstinadamente, e lavo roupa por toda a madrugada. As máquinas não são desligadas: tenho muito o que recuperar. Hoje não tem vocês, não. Nem amanhã. Cada um acorde como puder.

O plano

Eu vou ao shopping comprar uma calça jeans modelo básico: meu corpo magro pede justiça!

Durante anos freqüentei casas especializadas em moda para gordinhas, não só por serem lugares em que encontraria meu número com mais facilidade, mas, principalmente, por serem os únicos — de fato, os únicos — onde eu era tratada como uma freguesa comum: com atenção, respeito, lisonja. Desciam todo o estoque do que mais me interessasse, traziam cafezinho, sorrisos a granel, costureiras solícitas de plantão, vendedoras sem medo de gordas. Vendedoras que, ao contrário das de shopping, nunca me olharam de cima a baixo como que dizendo: "Ah, não! Esse barril suburbano tem a ilusão de poder entrar em alguma das nossas roupas? Pode até estourar alguma se tentar... e pelo jeito não pode nem pagar por elas. Como é que gente assim não se toca?"

Às vezes, a custo de certa humilhação, conseguia entrar cabisbaixa no provador das lojas de roupas "normais"; então eu acelerava o ritmo para experimentar o mais rápido possível a peça desejada. Gemia baixinho, pulava, suave e quando a roupa estava quase por entrar, a balconista abria a cortina e decretava, segurando a risadinha por ter me visto semidesnuda: "Não serve, senhora. Esse é o maior número que temos. A senhora não quer experimentar um camisão?"

Por que diabos elas sempre abriam as cortinas me fazendo passar por tamanho vexame? Essas meninas devem carregar sensores nos relógios, só pode ser. Exatamente na hora "h", no momento mais indiscreto, quando eu me encontrava na posição mais humilhante do planeta com meio bumbum de fora, *bang*, elas me pegavam no ato. Isso quando não havia uma criança muito mal-educada que, de cinco em cinco segundos, puxava a cortina para fora e dizia: "Mamãe, olha a gorda!"

A preparação

Escolho não a loja mais cara do shopping, mas a com maior coeficiente de frescura por centímetro quadrado. Por coincidência, é também a mais cara.

Vocês aí, vendedoras que sempre me olharam de esquelha e, me dando as costas, diziam, sem esboçar um sorriso sequer, "não temos o seu número"; vendedoras com asco de gordas — e como essas cretulinhas são numerosas!; vendedoras esquelhas em seus modelitos Barbie: hoje eu visto 40 e vocês não vão fugir de mim!

Chego ao salão de cabeleireiros na esquina da minha rua. Faço mão, pé, sobancelha e depilação. Para os cabelos, peço um corte ousado, Henna avermelhada e uma escova. Em casa, visto minhas melhores roupas antigas, que hoje custariam uma fortuna. Depois da costura, lavagem e sol pela manhã, elas estão absolutamente impecáveis. Resgato umas poucas, porém belíssimas, jóias de família. A maquiagem copio da modelo na capa da revista de moda.

Três horas da tarde. Estou no shopping e, sem dúvida, pareço uma socialite. Posso passar por qualquer colunável e foi tão fácil! Porém, ainda falta alguma coisa... Eu sou magra, agora. Posso comprar uma calça 40. Posso, inclusive, comprar uma calça 40 comendo um chocolate. Perdi todos os quilos que queria. Consegui. Cheguei. Eu posso.

Compro uma barra grossa de chocolate importado recheado com amêndoas. Faz tempo. Mas eu posso. Faço parte do mundo *fashion*, não sou minoria. Posso. Abro o tablete e começo a comê-lo devagarinho, em público.

No mundo das megeras magrelas, ou seja, o nosso, gordo comer em público é um sacrilégio. Se a gordinha enche o prato de salada num restaurante self-service, os outros olham penalizados e pensam: "Este balão fazendo dieta, pra quê? Imagina se uma salada vai dar jeito nesse paquiderme. Ai, ai, coitada." Contudo, se a gordinha atreve-se a comer doces andando, por exemplo, pelos corredores de um shopping center, então o olhar de pena vem acompanhado de um desprezo já ligeiramente raivoso como se estivesse, a pobre, usando drogas injetáveis na frente de crianças. Quem passa, olha e pensa: "Que absurdo, como é que um troço desses tem coragem de continuar comendo? Por isso está desse tamanho! Não tem vergonha na cara mesmo!" Era um transtorno. Mas eu sou magra agora e posso.

A desforra

Levanto o queixo, encolho a barriga, estufo o peito e entro na loja. Imediatamente uma balconista se aproxima de mim, sorrindo com a boca, processando dados com os olhos. O Exterminador do Futuro não faria análises tão rápidas. Bip. Rica. Bip. Magra. Bip. Consumidora de moda atual. Bip. Comissão. A moça é loira, olhos verdes, aproximadamente 1m70cm, veste uma minissaia jeans de cintura baixa que deixa sua barriga inexistente à mostra e uma blusa curta, do mesmo tom, colada aos seios perfeitos, porém de material não identificado. Tem as mãos e os pés feitos. As outras balconistas — é, são balconistas, balconistas, balconistas! — trajam, as duas, vestidos pretos colantes. Sou a única freguesa da loja e a gerente, caixa, dona, ou sei lá o quê, me olha sorridente do seu nicho.

Apesar de não vê-la por inteiro, tem os cabelos tratados, está bem maquiada e veste uma blusa de seda estampada belíssima.

O ar-condicionado não permite que ninguém transpire, ou seja, que ninguém transpareça qualquer resquício de normalidade. Bases não escorrem: socorrem. Batons não melam: retocam. Lápis não borram: torneiam.

A decoração lembra uma galeria de arte, ou pelo menos, a única que conheci. *Clean*: muito vidro e espaço, um toque dourado aqui e ali, mezanino, cheiro de rico no ar. Exatamente o que procurava.

Foram exatos oitenta e seis minutos de puro prazer. Experimentei tudo, infernizei todas elas e não comprei nada!

O perigo

Saio da loja com a alma absolutamente lavada. "Vocês nunca foram melhores do que eu para me tratar daquele jeito e hoje provei isso, suas balconistazinhas de quinta categoria metidas a modelo-manequim!"

Fiz tantos sacrifícios...passei Natal, Ano-Novo, aniversários, casamentos, festinhas, completamente a seco, só pensando no dia em que chegaria ao manequim 40 e poderia abraçar o mundo. Esse dia é hoje.

Compro mais uma barra de chocolate recheada com amêndoas. Estava tão boa a primeira... E além do mais, agora que sou magra, eu posso.

Me deixa engordar em paz!

I

— Que foi?

— Ai...

— Fala, que foi?

— Ai...

— Fala logo, que que aconteceu?

— Ai...

— Ô, mas que nervoso, que que é?

— Ai...

— Ai o quê?

— Ai...

— Comeu demais?

— Ai...

— Também, parece um saco sem fundo. Quem manda: agora fica aí gemendo. Eu bem que te disse! Comer toda aquela feijoada, que aliás não estava muito boa, depois misturar com torta de limão, não há estômago que agüente. Não sei como você consegue misturar doce com salgado desse jeito, credo. Quer um chá?

— Ai...

— Sou sempre eu quem paga o pato quando você faz essas mexidas. A tua sorte é que você tem um estômago de avestruz, se não ia ser isso toda a noite, do jeito que você come! Vai vomitar?

— Ai...

— Vai ou não vai?

— Ai...

— Vai lá pro banheiro, vai. Eu levo o chá lá, pelo menos se você vomitar não faz sujeira. Vê se não deita no chão gelado! Aí passa o enjôo e vem a sinusite.

— Ai...

II

— Toma aqui. Táquentinho, toma logo. Melhor queimar a língua do que ficar aí morrendo, anda.

— Ai...

— Por que você come tanto assim, minha filha? Só porque aquele beócio do José Eduardo te deu o fora? Vai adiantar você ficar comendo feito uma louca? Por acaso isso vai trazer ele de volta? Não vai. Pelo contrário: isso só vai fazer você ficar enorme de gorda e aí nenhum rapaz vai te olhar, muito menos ele. Assim você fica feliz, né? Bem feia, bem horrorosa, com todas as suas amigas-da-onça muito felizes por você estar fora do páreo. Você precisa é dar a volta por cima, ficar bonita, deixar todos os garotos babando. E depois, virando uma elefanta, todos vão ver o quanto você é fraca, o quanto você não superou o fora que esse besta te deu. Ficar um boi é como pendurar uma placa no pescoço dizendo: "Eu Estou Sofrendo." Olha só sua tia Maura, você quer ficar igual a ela? Ela já foi bonita,

acredita? Demais de linda, deixava a gente no chinelo. Mas um dia o namorado dela veio com uma conversinha de que era melhor eles terminarem porque ele não esquecia a ex-noiva e por aí vai. Adivinha o que aconteceu? Sua tia Maura, sua tia fraca feito um elefante, em vez de arranjar um partido daqueles arrasa-quarteirão-de-inveja, não: engordou, virou essa pipa que está aí, e tudo pra quê? Pra que os outros tivessem pena dela? Nenhum homem merece esse sacrifício, Andréa! Sua tia nunca mais teve coragem de arranjar outro namorado, porque se tivesse, emagrecia, a sem-vergonha. E olha aí você, com medo de se machucar, não é, benzinho? Você está com medo de arrumar um outro namorado e ele fazer a mesma coisa que o José Eduardo fez, tenho certeza. Mas eu não vou deixar você nessa depressão, não mesmo. Você vai aproveitar as férias e ir para um Spa!

— Ai...

— E isso aí, sem choro nem vela: é para o seu próprio bem. Aposto que você está pensando "mãe, me deixa engordar em paz!", não é? Pois pode tirar seu cavalinho da chuva: não vou deixar você se enterrar na gordura para curtir essa dor de cotovelo besta. Você vai ficar o verão todo num Spa, nem adianta pedir pra esperar o Natal, tá decidido! E *ai* de você se não me voltar magrinha, superelegante, de dar inveja a todas as garotas e deixar os rapazes babando.

— Ai...

— Quando você voltar, vai ter um novo guarda-roupa te esperando. Isso não te anima, não? Deixa com a mamãe: vou comprar as roupas da última, você vai voltar pras aulas translumbrante! Você ainda vai me agradecer de joelhos, filhinha. Escuta o que eu tô te dizendo.

— Ai...

III

Dois meses e meio depois.

Andréa volta do Spa magrinha, superelegante, de dar inveja a todas as garotas e deixar os rapazes babando.

Acabrunhada, triste, insegura, porém magrinha, superelegante, de dar inveja...

Seu guarda-roupa novo era um tanto desconfortável, tudo muito justo e curto, no entanto, como a mãe havia sumido com os moletoms folgados e as calças jeans larguinhas, aquilo era tudo o que ela podia usar, ao menos nos primeiros dias de aula.

No colégio, não só José Eduardo notou a ofuscante diferença — exterior. Vários outros garotos se interessaram prontamente pela casca esguia da nova Andréa e em menos de uma semana ela já estava namorando o atleta da turma.

Doze dias depois, havia sido trocada pela levantadora de vôlei da sua classe e passou a sair, em seguida, com o baterista da banda de trash local; depois, com o mauricinho cleptomaniaco, com o guitarrista da banda de trash local, com o jogador compulsivo de RPG, com o baixista da banda de trash local, com o CDF do 3º A, com o vocalista da banda de trash local, com o fisioculturista do 2º B...

Primeiro a bulimia. Os garotos gostavam de se exhibir com ela: uma cópia exata das mais esbeltas manequins, longos cabelos vermelhos, finíssimas sobrancelhas. Por quantas mãos passasse nunca era vista como vulgar, já que a aparência diáfana lhe conferia certo glamour de passarela.

IV

— Tudo é uma questão de atividade. Veja a minha Andréa: come superbem — e olha que a empregada me disse outro dia: "Essa menina anda assaltando a geladeira à noite." Ela é superelegante, mas também não pára, né! Tem sempre programas, ginástica... ah, preenche a vida. Não fica sentada numa cadeira, se entupindo de bombom, esperando a vida passar. Se eu não tivesse batido o pé pra enfiar ela naquele Spa... já pensou?

V

Andréa. Desmaios freqüentes. Quando sozinha, sentindo o desfalecimento chegar, corria ao banheiro mais próximo e, às vezes, permanecia inconsciente por tempo indeterminado.

Contudo, não costumava sair só e todos sabiam do frasquinho com amoníaco na sua bolsa. Acordar Andréa era normal, "regime apertado", dizia ela, "tenho de manter a forma".

VI

— Andréa, vem jantar!

— Jantei na casa da Beth.

— Andréa, vem almoçar!

— Acabei de comer um sanduíche.

— Andréa, você não tomou café!

— Eu tomo na escola.

— Andréa, você nem tocou na comida!

— Eu comi um chocolate no quarto.

VII

A anorexia tornou-se visível. Correu pela escola o boato de que ela estaria com AIDS e uma histeria masculina tomou o lugar dos egos inchados.

VIII

— Andréa, filhinha, come um pouco.

— Não.

— Querida, você está só pele e osso. Olha no espelho com a mamãe: vê como está magrinha? Magra demais, meu bem?

— Não.

— Mas está! Olha pra mamãe perto de você: eu sempre fui magra. Você dizia que queria ter me puxado, lembra? Então, olha como agora você está diferente da mamãe, vê que está magra demais?

— Não.

— Olha o meu braço do lado do seu, filha. Vamos medir? Você quer medir? Vamos medir. Veja só. Vinte e seis centímetros é o meu e eu sou magra, sempre fui magra, certo? Você queria ser igual a mamãe, lembra? Olha o seu. Dezoito centímetros: quase a metade do braço da mamãe. Você precisa comer, querida, só um pouco, o suficiente para ficar bonita de novo, tá bom?

— Não.

— Meu bem, você está doente, precisa comer, só esse bocado, um de cada vez, vamos, só um pouquinho, pela mamãe.

— Não.

— Não faz isso, Andréa... Quero te levar pra casa, você quer sair do hospital, não quer? Mas pra isso você tem que se alimentar, filha, só um pouco.

— Não.

IX

Soro. Muito soro. Litros, baldes, galões de soro. E Andréa não quer comer, recusa-se terminantemente a se alimentar por via oral.

Numa manhã especialmente ensolarada, ela move a cabeça débil para a esquerda na cama do hospital e percebe, com o canto de um dos olhos, a mãe recém-adormecida. Retira, então, um a um, todos os pequenos tubos presos à sua mão, os quais fluíam incessantes quotas de alimento em direção às veias.

No prelúdio do último desfalecimento, Andréa sente uma felicidade intensa tomar conta de seu corpo esquelético, felicidade que desde a internação não mais experimentara: a certeza de estar, naqueles instantes derradeiros, um tantinho mais magra.

A sogra e a banana frita

O fim dessa história turbulenta cujo novelo nem comecei a desenrolar é que depois (e por causa) de um almoço com a futura sogra — imediatamente após, diga-se de passagem — Ana rompeu seu relacionamento já bastante duradouro e feliz com Artur.

Mas voltemos alguns dias no tempo para conhecer o início e o meio da história de Ana.

Tudo o que Ana queria era travar um satisfatório primeiro contato com a futura sogra. Adiou o quanto pôde tal encontro; afinal, essa história de que quem casa com alguém, casa com toda a família, é apavorante. O fardo poderia ser pesado demais e Ana queria mesmo era manter distância dentro das possibilidades de convivência social obrigatória. No entanto, namorando Artur há um ano e meio, era impossível retardar mais tal embate. Ele havia sugerido o almoço na casa da mãe mais de uma vez; depois de sugerir, sem efeito, pediu por algum tempo e agora já não pedia: insistia mesmo.

Mãe italiana, almoço no domingo, único filho homem, Deus protegesse Ana.

Todos os seus temores em relação ao encontro com a mãe de seu namorado não tomaram corpo de fato naquele domingo: foi justamente o que ela não esperava que fez com que preferisse ficar sem Artur a ter aquela mulher como sogra.

No domingo programado, Artur acordou Ana com suaves beijos no rosto para lhe mostrar o radioso céu azul que há muito não se via na cidade: bom sinal.

Chegando à vila em que os pais de Artur moravam, Ana encontrou a rua interditada por crianças remelentas que jogavam, todas, um futebol descompassado. Ela tocou a campainha da casa, cuja porta estava aberta, e parou na entrada enquanto Artur, que nunca dera as mãos para ela ao caminhar, foi sumindo à sua frente numa cortina de fumaça provocada por quilos de macarrão cozido. Lá de dentro, veio um grito:

— Mas quem tocou a campainha? Tá aberta a porta, entra, caramba!

Artur voltou-se, deu dois passos para trás e fez um sinal chamando Ana que, só depois disso, se aventurou a entrar na casinha fumegante.

Ana esperava por um suave bate-papo no sofá antes do almoço e, para criar boa impressão, trouxe um vaso de crisântemos bem cuidados de presente para a futura sogra.

Antes da fumaça desanuviar, Ana sentiu-se pressionada por duas garras poderosas que quase quebraram sua clavícula e imediatamente a empurraram direto para a mesa.

— Querida, como você é linda! Até que enfim! Já tinha falado pro Arturzinho umas mil vezes: "Quando é que você traz sua noiva aqui pra comer com a gente?" Senta, lindinha, senta aqui que eu já estou trazendo a macarronada! Deixa eu te pôr um guardanapo que com a minha comida todo mundo baba! Nossa, que linda que você é, não é Paolo?

Ana nem soube o que havia acontecido ao vaso de crisântemos e à sua bolsa: quando deu por si já estava instalada na mesa com um guardanapo de pano enfiado na gola do seu vestido de crepe de seda. Só então — com medo de levantar-se da cadeira e trombar com alguma travessa de molho ambulante — ela olhou para a frente e cumprimentou, dali mesmo, apenas com um aceno, seu Paolo, o futuro sogro.

Ana estranhou o fato de a mesa estar praticamente servida, o que significava que ela não era a atração principal daquele domingo: o almoço é que era e se ela chegasse meia hora mais tarde comeria tudo frio e ainda levaria a culpa; afinal, o tão significativo almoço de domingo de uma família italiana não pode esperar, provavelmente, nem pelo papa.

E lá veio a enorme travessa de macarronada: mais inalação involuntária.

Tentando se sentir à vontade, Ana ameaçou fazer o próprio prato, no que a sogra, imediatamente, a interrompeu:

— Ô lindinha, você acha que a família do Artur é mal-educada? Imagina só! Deixa que eu faço seu prato, meu bem, nem precisa se levantar. Você gosta de bastante molho?

— Na verdade, eu estou de dieta...

— Ah, mas na minha casa ninguém faz dieta, ainda mais de domingo, não é Paolo? Deixa eu caprichar no seu prato que você está muito magrinha, isso sim!

— Não precisa se incomodar, dona Gema.

— Como não preciso me incomodar? A futura mãe dos meus netos vem pela primeira vez na minha casa depois de quase dois anos namorando meu filhinho e eu não vou tratá-la direito? Nem morta! Vai uns pasteizinhos, meu bem? Vai sim.

— Não precisa, obrigada.

— Precisa, sim, querida, você é muito magrinha!

— Eu tenho uma tendência enorme para engordar, dona Gema. Fazendo dieta é que eu fico assim ma...

— Dieta coisa nenhuma! Dieta é coisa de doente! Tem de aumentar essas ancas para ter filhos fortes, lindinha. Olha que eu sei o que é isso! Queria que você conhecesse a Rafaela, minha caçula, que pena que ela está no estrangeiro. O Artur quando nasceu parecia um tourinho, nem cara de joelho ele tinha, acredita?

— Ahã.

— Você gosta de banana frita na comida?

— Banana não me faz muito bem, quando eu era crian...

— A minha banana frita não faz mal para ninguém e não tem quem não goste dela, querida.

— Eu tenho alergia, dona Gema.

— A minha banana frita não dá alergia em ninguém! Puxa, minha filha, parece até que você está fazendo pouco de mim não querendo comer minha comida!

— Não é nada disso, é só que realmen...

— Ela está fazendo pouco de mim, Arturzinho?

— Não, mamãe. É alergia mesmo, a Aninha não agüenta bana...

— Isso é lá jeito de chamar sua noiva, Arturzinho? Ana Carolina é um nome tão bonito! Ana Carolina, meu bem, você pode ter a alergia que for de banana: a minha banana frita vai cair feito uma luva nesse seu estômago de passarinho, pode ficar sossegada, lindinha!

— Eu, eu... tomei muito café da manhã. Mais tarde eu como a sua banana frita.

— Quem não tem bom apetite, não serve para parir filhos.

— Mamãe teve cinco filhos, dona Gema. E nunca foi de comer muito.

— Cinco magrinhos assim como você?

— Eu nunca fui magrinha! E todos nós somos bem saudáveis.

— Saudável com alergia a banana? Sei, sei. Toma aqui seu prato, meu bem. Quero ver ele limpinho, hein?

Ana lançou um olhar de puro azedume para Artur, que limitou-se a levantar os ombros e as sobranceiras em sinal de impotência.

A coisa estava preta: antipatia imediata. Se pudesse, Ana sairia correndo daquela casa, mas se conteve: talvez, se ela limpasse o prato, a velha desse sossego. E afinal ela poderia agüentar algumas brotoejas uma vez na vida, outra na morte. Ana engoliu a banana frita, para lá de gordurosa, com a maior dificuldade, por pura educação.

A sogra não parava de falar com a boca cheia sobre as estripulias sem graça de Arturzinho quando criança. Mas Ana se consolava: não há mal que nunca se acabe. Uma hora iria anoitecer e ela teria de ir embora. E depois disso, só veria a velha no dia do casamento, prometeu a si mesma.

Lá pelas tantas a sogra olhou para o prato quase vazio de Ana e perguntou, aparentemente mais maleável.

— E então, gostou da minha banana frita?

— Gostei sim.

— Eu não disse? Pura frescura essa história de alergia. Você quer mais, lindinha?

— Estou satisfeitíssima, dona Gema, eu juro!

— Só mais uma... toma.

Ana respirou profundamente ao dar com mais uma imensa banana nanica frita em seu prato. Teria de passar três dias a líquido só para se desintoxicar das frituras da velha, além de horas e horas na malhação para que aquelas calorias evaporassem junto com as lembranças desagradáveis do almoço de domingo com a sogra. E Artur... Nunca pensou que Artur fosse tão submisso à mãe, um pateta. Entendia perfeitamente o silêncio de seu Paolo: ela era o boi de piranha da vez e ele iria passar um domingo sossegado à sua custa.

— Adivinha o que tem de sobremesa? O pavê especial que o Arturzinho adora! E o maior pedaço vai ser o seu, lindinha!

— Dona Gema, eu estou realmente satisfeita.

— Querida, pergunte pro Arturzinho, quando ele sair do mictório, se o meu pavê é ou não é irresistível. Acredita em mim: não dá para ficar sem provar pelo menos um pouquinho. Você experimenta?

— Um pouquinho eu aceito.

Até que enfim, a velha recuava em alguma coisa. Ao sair do banheiro, Artur deu um pulo de alegria.

— Mãe, que delícia! Estou morrendo de saudade do seu pavê!

— Também, depois que começou a namorar não vem mais almoçar com a gente... Nem domingo ele vem mais, Ana Carolina: não é uma vergonha? Eu só peço duas horinhas por semana de dedicação à família e ele aparece? De vez em quando, quase nunca! Custa vir almoçar com a gente? Me diz, minha filha, custa?

— Não, dona Gema. Claro que não.

— Então domingo que vem espero vocês, tá bom?

Ana tremeu dos pés à cabeça. Aquela era a hora de Artur mostrar se era um homem de verdade ou um rato costurado à barra da saia da mamãe.

— Se a Aninha também quiser...

— Ana Carolina, Arturzinho: fala o nome inteiro da sua noiva! E por que ela não ia querer? Responde, Ana Carolina: você vê algum problema em vir almoçar com a gente todo domingo?

— É... bem... depende do domingo.

— Como depende? Ninguém faz nada no domingo, minha filha! Já sei! É só a gente ficar velho que ninguém mais quer dar atenção pra gente, ai como é triste. Quando vocês ficarem velhos, se Deus permitir, é claro, aí vocês vão ver o quanto dói ser esquecido feito um trapo velho, né Paolo?

— Também não é assim, mãe!

— Como que não é assim, meu filho? A Ana Carolina não quer fazer esse agrado nos seus velhos aqui...

— Não é isso, dona Gema. É que não são todos os domingos que eu posso...

— Ai, Arturzinho, traz minhas pílulas para hipertensão, rápido! Não estou me sentindo nada bem. Isso, são essas mesmas, as vermelhas. Ai que dor no peito, Jesus! Ana Carolina, minha filha, vem dar um pouco de alegria a um coração cansado de mãe, só no domingo! Você não negaria esse agrado a uma pobre coitada, negava, lindinha?

Ana respirou fundo e respondeu com voz desanimada diante da chantagem da velha.

— Claro que não, dona Gema.

— Está vendo, Arturzinho? E você não vinha porque dizia que sua noiva não gostava dessas coisas de almoço de domingo: imagina só noiva não gostar do que o noivo gosta!

— Nós não estamos noivos.

— Como não estão noivos? O Arturzinho dorme na sua casa, que ele me contou! Como é que seus pais deixam ele dormir no quarto de hóspedes, se vocês não estão noivos?

Ana gelou: ela morava sozinha e provavelmente Artur havia inventado aquela história toda para amansar a déspota matriarca.

— Não estamos com aliança, ainda. É isso que eu quis dizer, dona Gema.

— Ah, bom! Eu sei que a situação está difícil para vocês, jovens, mas não precisa ficar vermelha de vergonha desse jeito, lindinha. Qualquer coisa vocês vêm morar aqui com a gente. Depois que a Rafaela foi pro estrangeiro essa casa ficou tão vazia... Não é uma idéia maravilhosa? Eu posso cuidar das crianças enquanto vocês trabalham! Ah, eu quero acompanhar a educação dos meus netos de pertinho: esse bando de maconheiros e bichas por aí não tiveram é família, isso sim! Não é uma ótima idéia, Ana Carolina?

Ana, apavorada, não teve outra saída a não ser desviar o assunto perguntando pela sobremesa.

Depois de servido o pavê, Ana começou a sentir o enjôo chegando. A sogra falava das ancas largas das boas genitoras, Artur da comida da mãe e seu Paolo mais parecia um manequim de loja: duro e calado.

E a sala foi revirando, revirando, até que Ana, meio zozza, se levantou perguntando pelo banheiro. A sogra pôs-se à sua frente e

segurou-a pelos dois braços.

— Você está passando bem, lindinha? Está tão pálida, branca feito cera. E essa dieta aí que você faz. Não te disse que você precisa parar com isso para ficar forte? Quer uma gemada com bastante açúcar pra reanimar, lindinha?

Ana lutava em vão para se desvencilhar da quase ex-futura-sogra e correr ao banheiro, mas como não conseguia, gritou, ultrapassando o limite de sua paciência:

— Me larga, me deixa!

E sem dar tempo a qualquer resposta, Ana aliviou seu maltratado estômago ali mesmo: vomitou macarronada, molho, banana frita e pavê bem na cara da velha.

Foi um sururu! Ana se limpou de qualquer jeito no próprio vestido, catou sua bolsa e correu para fora, em direção ao carro. Artur, sem saber se ia atrás da namorada ou acudia a mãe, ficou parado no meio da sala feito um paspalho. Foi seu Paolo quem puxou o braço do filho: "Vai atrás dela, burro!"

Ana estava dando a partida no carro quando notou, pelo espelho retrovisor, Artur vindo ao seu encontro. Ela saiu do carro, abriu os braços e lhe deu uma bolsada na cara que deve estar doendo até hoje.

Dona Gema, pelo que se sabe, nunca mais comeu banana frita.

Bem mais que um corpo perfeito

Os meus braços estão moles. Puxei a gola do pijama para procurar uma pulga e vi uma espécie de varal de pele: meus ossos, minhas peles. Ricardo está na *Veja*, numa propaganda de óculos, lindo. Não tem nada a ver com a pelanca do braço, isso.

Ontem ainda ele esteve aqui em casa e eu comprei a revista para ver o anúncio em que ele apareceria, segundo suas próprias palavras, "deslumbrante". Ele jogou charme — sua única arma de trabalho e sobrevivência— , porém, morrendo de medo de que eu o atacasse, se retraiu feito lesma quando meus dedos de sal subiram das mãos para o seu rosto: lugar mais íntimo. Provocar, ele provoca; pagar para ver, não paga. Modelos não devem se deixar tocar por dedos de sal: pode ser muito perigoso.

Eu não queria estar admitindo isso porque não sei o que pôr no lugar, no entanto a verdade da qual não posso mais fugir é que ele é um bocó. Um bocó de mola, como diria minha bisavó Leonor. O que você faz quando não dá mais para negar que o cara por quem você está apaixonada desde a adolescência é uma anta com todos os acessórios? Enquanto havia a mais remota possibilidade de engano, eu continuei, firme, mas agora...

Amar um bocó por muito tempo é um trabalho para os muito imbecis e muito criativos. O problema é esse: o estágio da imbecilidade acabou há uns três anos; a criatividade ficou sozinha com tamanho encargo e, desde então, trabalhando por duas, não agüentou o tranco e acabou por definhar sem que eu percebesse.

E agora ele está num anúncio de armação de óculos na *Veja*, lindo, é verdade. Mas sabe aquela beleza morta de songamonga? Eu

o observo maquiado, colorido, estampado na revista e não consigo pensar em outra coisa que não seja essa disposição simétrica de traços em seu rosto substituindo qualquer outro aspecto que pudesse compor uma personalidade interessante.

Percebi, há algum tempo, o que realmente fez com que eu permanecesse alheia à dura realidade dele ser um beócio absoluto: a minha própria aparência. Era importante para mim — então uma adolescente gordota e desajeitada — que um rapaz tão bonito e cobiçado como ele, vira e mexe estivesse comigo, mãos dadas, carinhos no rosto, mesmo que como "apenas bons amigos".

Ficamos juntos uma vez, há uns quatro anos. Se foi bom? Isso é pergunta que se faça? Sei lá, acho que foi para ele; eu não consegui pensar em muita coisa além de: "E não é que isto está acontecendo mesmo?"

Nem poderia ser diferente: quando a gente espera muito tempo para ficar com alguém, parece que o desejo choca como um ovo esquecido na geladeira e, apesar de além da casca oca não haver mais nada suculento e substancioso a saborear, a gente ainda aceita o tal ovo podre, só para não dar o braço a torcer. E mais: ainda finge que está bom. Pareceria ridículo esperar tanto por alguma coisa que não valesse mais do que um ovo passado, mas é isso o que ele é, admito: um ovo choco, um bocó de mola.

Lembro-me, naquela noite, dele se levantando e desfilando para mim, o que não era verdade: Ricardo desfilava para e por ele. Parecia dizer em seu andar empertigado: "Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, que está aqui, na sua frente, te dando a honra de compartilhar o mesmo ar." Mensagem subliminar: "Preciso que você diga, Thaís, com total entrega, que eu sou o máximo, porque se você não disser posso me desestruturar e pular no rio Tietê." E eu disse todo aquele *script* romântico centenas de milhares de vezes, até outro dia. Hoje estou exausta. Oito anos! Oito primaveras, verões, outonos e invernos e esse cara não decide o que vai fazer

comigo! Largar não larga, mas pegar também não pega e assim ficamos nesse limo chamado "um pouco além de amizade mas não exatamente namorados".

Se ele já disse que gostava de mim com todas as letras? Claro! Incontáveis vezes nesses anos todos. Eu não mantive essa chama acesa sem nenhum incentivo — o que, sei bem, é comum por aí.

E afinal, se ele realmente fosse uma pessoa esperta, inteligente, sensível, por que nunca quis ficar comigo, ou melhor, tentar ficar, que é o que todo mundo normal faz quando gosta de alguém? Te digo: porque ele é um bocó de mola. Porque é incapaz de permanecer especial depois de ter convivido comigo; porque Ricardo precisa e sempre precisou que eu, exatamente eu, que nem sou bonita como as Barbies com quem ele costuma badalar à caça de algum colunista social, que muito menos tenho um corpo compatível ao de suas coleguinhas, afirme que ele tem sempre um lugar para voltar, uma mulher que o quer, um porto seguro, e ele não conquistaria isso sem a ajuda da minha larga imaginação e baixa auto-estima gordurosa.

Não que Ricardo me despreze. Já que minha criatividade em justificar seu pouco encanto acabou, para que dar uma de vítima? Ele não me despreza: ele me subestima, me julga pelas minhas aparências flácidas e eu o superestimei, o julguei pelos seus rijos músculos.

Queria saber o que eu estou fazendo aqui ainda olhando para esse anúncio de armação de óculos. Eu nem uso óculos! Não preciso disso para parecer inteligente. Nem preciso emagrecer, enrijecer a musculatura, fazer limpeza de pele toda semana, injeção de botulismo, fios de ouro, lipoaspiração, *sculpter*, forno de *bier*, massagem, para que as pessoas gostem de mim.

É, tenho um varal de pele em cada braço, tenho celulites — e não são poucas — , tenho estrias e a parte interna das minhas coxas

é tão mole quanto um colchão d'água — com pouca água. E daí?

Eu valho bem mais do que uma silhueta perfeita: tenho o que falar e sou um ótimo papo; aprendi a usar meu corpo como ele é com graciosidade; meus olhos muito verdes sorriem o tempo todo; minha voz é rouca e ligeiramente grave, o que confere um grande charme a ela; minhas mãos são expressivas e meus dedos longos, delicado leque oriental; meu cabelo é farto, cacheado e bem cuidado. Uso bem tudo o que tenho e isso vale muito mais do que um corpo perfeito, te garanto.

Ricardo... ele e sua estética irretocável não merecem mais admiração do que o pedaço de rabanete murcho que caiu ontem da minha gaveta de legumes.

Por que demorei tanto para perceber isso?

Sempre haverá a comida — ou uma barata...

Imagine uma pessoa que tem medo de baratas. Medo, não: pavor, ojeriza, aversão completa. Uma pessoa cuja simples verificação da existência de seis pernas ásperas de barata cascuda rastejando a dois metros de distância, pelo asfalto, já causa arrepios n'alma e um pulo desarticulado. Imaginou? OK. Assim será mais fácil compreender Ângela.

Um metro e sessenta e sete centímetros, cabelo encaracolado, nem comprido, nem curto, pele morena. E não mais falemos: ela se ofenderia. Você se ofenderia se lesse um episódio pessoal, verídico e íntimo — como verá aqui — debulhado ao público com todos os detalhes, não? Preservemos Ângela. Paremos por aqui a descrição de seus dotes físicos, a não ser por mais um detalhe. Não por maldade, ora, conheço Ângela há muito tempo e não a magoaria por nada, mas acontece que este "detalhe" da sua anatomia é essencial para a nossa narração: oitenta e três quilos e subindo.

Não ignorem o "subindo", por favor, ele é parte integrante do peso de Ângela. Se eu dissesse que ela pesa oitenta e três quilos e "descendo", a história seria radicalmente outra. Esse peso em escala descendente, ou seja, quando se está emagrecendo, é refrescante ponto a menos na balança, ó leveza, ó alegria, ó poder. Já oitenta e três quilos — a mesma quantidade de carne, osso e banha — quando se está atolado até o pescoço à compulsão desvairada pela comida, é deprimente furo a mais no cinto. Nesse estado não é costume freqüentar a balança, ao contrário: a engenhoca demoníaca é brutalmente empurrada com o pé para debaixo do armário, o mais fundo e longe possível das vistas.

Ângela estava subindo: afogando na comida suas mágoas, ansiedades, ausências... Naquela noite o marido viajava a negócios: viajando, sempre estava; a negócios, ela não saberia dizer, nem queria. O caçula, saindo da adolescência, não parava em casa: morava mais no apartamento da namorada do que no próprio lar, além da faculdade e do estágio tomarem seu tempo restante. O mais velho, há dois anos cursando a universidade de oceanografia na Capital, ligava de vez em quando para se dizer vivo e, com as contas normais atrasadas por causa da compra de algum equipamento novo, pedir dinheiro extra. O quanto Ângela, na fase das intermináveis lições de casa, desejou que eles já estivessem "criados" e agora... Não importa. Há a comida e o trabalho. Certo, a firma a estava pressionando para se aposentar no tempo devido, no entanto, mesmo depois disso, ainda haveria a comida. Ao menos, a comida haveria sempre.

Ângela alcançara, no momento indiscreto que pretendo narrar aqui, o pico da dependência: aquele ponto em que se alguém — chefe, mãe, filho, marido, ou avó — se colocasse entre ela e um filé à parmegiana, por exemplo, um braço torcido ou uma perna quebrada seria inevitável.

Tudo o que eu poderia fazer para poupar Ângela foi feito e mais não diria sem afetar sobremaneira sua intimidade. Voltemos à noite de ontem, quando tudo aconteceu.

Ângela chegou do trabalho carregando um saquinho de pães de queijo de cujo conteúdo viera se empanturrando no ônibus. Com a boca cheia do penúltimo *petit four*, abriu a porta da varanda para ventilar o ambiente, tirou as roupas incômodas, jogou-as de lado e foi direto ao chuveiro preparar-se para degustar, limpa e relaxada, o meio bolo de frutas cristalizadas e as latas de batatas *Pringles* sabor caipira que estavam na cozinha.

E foi nisso o que pensou nos oito minutos em que durou o banho. Mais tempo para quê, se o corpo já estava limpo? Se depilar

para quê, se o marido — que achava antiestético pêlos livres — estava viajando, mais uma vez, a negócios? Lavar a cabeça para quê, se quanto mais sujo o cabelo menos precisava penteá-lo? Passar gel perfumado para quê, se ninguém iria cheirá-la? E mesmo se fosse, seria o marido; então, para quê? Uma rápida sova de sabonete ordinário estava bom demais.

Enxugou-se ligeira, meteu-se numa camisola velha, calçou um roto par de chinelos de pano, jogou a manta de lã — sempre tivera pés gelados — sobre o sofá, ligou a TV bem alto, e correu à cozinha para pegar seus desejados petiscos.

Abriu a porta. Ativou o interruptor. Foi em direção à geladeira. Assim que as luzes brancas — sempre meio retardadas — se acenderam, meio passo dentro da cozinha, Ângela viu. Enxergou.

No chão, estrategicamente posicionada entre a geladeira e o armário, uma barata olhava para Ângela, balançando as finas e longas antenas.

Ângela bateu a porta da cozinha aos berros e recuou trinta passos, quase despencando nove andares pela varanda da sala. Seus olhos se fixaram no corredor para que não fosse surpreendida por aquele ser repugnante em plena sala de visitas. Agachou, com o pescoço em riste, a fim de alcançar o jornal de domingo; enrolou um bocado e deu um passo a frente.

Uma barata. Uma nojenta, asquerosa, repulsiva e horrenda barata marrom. Lembrou-se do inseticida no alto do armário do banheiro. Se corresse até lá, pegasse o spray e voltasse imediatamente ao mesmo ponto, poderia flagrar a maldita em plena marcha caso ela estivesse vindo para sala, pois seu corredor era longo, quase cinco metros.

Num pé, Ângela estava no banheiro apanhando o veneno, no outro, retornara à entrada da varanda: um olhar perscrutador, passagem livre. Respirou fundo, gotículas de suor tomavam

corpo em sua frente. Com o jornal numa mão e o spray na outra, Ângela entrou no corredor cuja luz estava bem acesa.

Eis que, de repente, não mais que de repente (expressão que, apesar de ter criado fama nos versos de Vinícius, foi originalmente dita por uma empregada do poetinha que, ao lhe preparar o uísque das seis, foi surpreendida por uma barata dentro do porta-gelo), a inimiga dá as caras, ou melhor, as antenas.

A danada passou pelo vão da porta da cozinha e parou. Encarava Ângela desafiadora, bulindo uma na outra as patas dianteiras e saracoteando as ignóbeis antenas. Depois de três segundos estanque, a barata avançou em direção a Ângela que, sem conseguir controlar os nervos, começou a gritar desbragadamente. Então, o pior tomou forma.

A barata parou um instante e agitou as asas peçonhentas. Agitou novamente, sempre encarando Ângela que, pregada de pânico no soalho do corredor, gritava a plenos pulmões. A barata ameaçou voar e cumpriu a promessa: levantou-se do chão, indo diretamente para o rosto de Ângela e, tão súbito quanto o movimento dessas malditas criaturas que nunca deveriam ter recebido asas da Providência, Ângela pensou no seu bolo de frutas cristalizadas, nas suas latas de batata frita, no último pão de queijo e, principalmente, no quanto precisava deles todos.

Empunhou o spray qual espada e disparou o jato para frente enquanto berrava — que de berrar, pelo menos, ninguém a podia impedir. A barata tonteou e recuou o vôo. No chão, pôs-se a caminhar para a direita, e Ângela, sem tirar o dedo do spray, gritando e pulando como se pisasse em brasa, mirava o veneno com instável determinação.

A voz, de tanta gritaria, começou a falhar enquanto a barata rodava de um lado a outro do corredor, mais lenta, nem por isso menos viva. Ângela mal respirava, seu estoque de oxigênio se

transformava em berros, seu corpo todo balançava num chilique convulso, só o braço direito permanecia teso empunhando o escudo gasoso.

Tomada de intensa coragem pela necessidade que a dependência da comida lhe infundia, Ângela deu um passo à frente, o dedo molhado com o líquido venenoso que jorrava sem parar, enquanto a barata, só a dar voltas, sacudiu novamente as asas. Foi o máximo: Ângela não pôde mais.

Lágrimas gordas jorraram imediatas e Ângela, enquanto chorava, rasgava a garganta em uivos enlouquecidos, agitando-se como doida. O apartamento já estava inundado com o cheiro do spray que prometia matar insetos de qualquer espécie numa tacada só e, em meio a seu desespero, ela pedia aos céus que o demônio morresse. Entretanto, a barata balançava ainda as antenas e, apesar de rastejar com certa lentidão, era impossível para Ângela se aproximar com segurança daquele verme resistente.

Tamanha histeria fez saltar uma veia diagonal em sua testa e Ângela, de olhos, rosto e garganta inchados, se aproximou da barata (mantendo sempre distância razoável) em pulos curtos, sem largar um instante o botão do spray.

Enquanto pulava no mesmo lugar, Ângela tropeçou nos próprios pés e desabou ao chão, dando de cara com o bicho meio tonto. Reunindo um último fiapo de forças, Ângela cravou o jornal enrolado em cima da barata. Sem coragem de levantar o rolo, ela tascou a lata de veneno uma, duas, três, dez, vinte, cinqüenta vezes sobre o periódico até que nem um mamute pudesse permanecer vivo por baixo do que havia sido um dia o suplemento feminino.

Exausta, sentou-se ali mesmo. Enxugou o abundante suor do rosto que ameaçava pingar pelas próprias sobrancelhas. Verificou o estrago no pé: tornozelo inchado como um pão. Pensou então que precisaria da bolsa de gelo, de gelo também, claro, do livro do

seguro-saúde, de uma caneta, do telefone e da agenda com o número do radiotáxi.

Até agora, quase onze e meia da manhã de um sábado morno, Ângela, com o pé devidamente engessado, nem pensou em comida. Ao menos as baratas servem para alguma coisa.

É só um piolho

Hoje meu marido me chamou de gorda. Sem muita preparação, foi a seco mesmo. Enquanto lia o jornal de domingo e esfregava os calcanhares sobre o pufe da sala, abaixou ligeiramente o periódico e observou peremptório:

— Cê tá gorda.

Talvez o fato de a aliança ter criado um vinco úmido no meu dedo, das assinaturas estarem lá no livro tal, página tal, do cartório em que nos casamos ou da poeira ter se acumulado sobre meus planos enquanto lavava, passava, cozinhava, arrumava a casa, o tenha feito me cadastrar "gorda"; o tenha feito decretar que eu deveria fazer regime como se meu corpo fosse apenas o pátio em que seus desejos físicos encontravam certa saciedade; o tenha feito analisar minha silhueta como quem examina os cabelos, descobre um piolho, e diz: "Jogue fora isso aí, pressione a unha sobre ele, vamos; mas que demora, mulher, é só um piolho!"

Ouvi essa frase, pela primeira vez, em casa, aos doze anos. Minha irmã, de passagem pelo quarto, enquanto eu me arrumava defronte ao espelho com fresca vaidade adolescente, parou um segundinho e replicou certa:

— Cê tá gorda.

Não tive dúvida: me atraquei a ela, rolamos pelo chão e, depois de vários fios de cabelo espicaçados, ela não mais se atreveu a tecer tal comentário, ao menos na minha frente.

No ginásio, mais precisamente enquanto cursava a oitava série, um menino bonitinho chamado Paulo — por quem eu guardava certo

interesse romântico — , sentado em sua carteira, ao lado da minha, soltou muito naturalmente:

— Cê tá gorda.

Horror dos horrores: eu acabara de ouvir a opinião legítima de um membro do sexo oposto e ela não era nem um pouco galanteadora. Meus olhos não despregaram dos dele por longos segundos enquanto para dentro do meu mar, antes tropical, inúmeros blocos de gelo foram despencando, sem cerimônias.

Gordos são como bexigas de aniversário: vão se inchando de desprezo, se enchendo de comentários desagradáveis, se inflando de olhares debochados, sem ruído, sem estardalhaço, até que um dia ou estouram ou murcham. Se murcham, poderão inflar de novo, obrigatoriamente inflar mais do que antes para servir à festa e esconder a flacidez de bexiga velha. Se estouram são mal-educados, histéricos, mal-amados.

Enfim, ao longo da minha vida-bexiga, ouvi várias vezes essa frase, mas nunca a ouvira do meu próprio marido.

Eu ainda estava parada à sua frente, a xícara de café na mão direita, o biscoito de polvilho na esquerda: ele havia voltado ao jornal.

Continuei na mesma posição, apenas pensando. Simples, não é? Tão simples olhar para o outro e dizer "cê tá gordo", "cê tá velho", "não enche o saco", "vai tomar banho", "vê se me esquece", "tô por aqui de você, ó". Tão fácil. A xícara. Tão fácil. O polvilho. Tão fácil.

Me levantei sem dizer palavra, fui até a feira do bairro vizinho abastecer a despensa, passei também pela padaria e, durante todo o domingo, fartei meu marido com delícias fresquinhas, do almoço ao lanchinho noturno: maionese com uvas-passas, lasanha quatro queijos, bolo de chocolate recheado com doce de leite, pipoca amanteigada para microondas, pão feito em casa, patê de creme de

leite e cebola, lingüiça com toucinho, batata frita, sucrilhos com aveia, arroz-doce e muita, muita cerveja.

A madrugada entra e eu estico os músculos cansados na cama sem, contudo, conseguir dormir. Uma angústia me oprime o peito, uma tensão vinca minha testa, não posso relaxar. Então me lembro, ah, me lembro do prato favorito dele: já sei o que fazer para o almoço amanhã! A tensão se desmancha e o sono chega. Estou quase longe agora, mas a angústia, não sei por quê, a angústia ainda está aqui.

A confissão de Silvana

A pantalona marrom, cujas barras tremulavam frenéticas, formava desenhos estranhos no corredor da nave central. Quem, de dentro da igreja de Santo Onofre, olhasse para trás diria ter visto uma aparição curiosa, inflando e desinflando pernas desproporcionais.

De fato, se os poucos fiéis que rezavam baixinho nos bancos largos de madeira tivessem se voltado para a porta no momento em que Silvana parara ali, indecisa, teriam decifrado a verdade em seu coração: imperfeita, imponderada, imprudente, inamável, inaplicada, incompetente, impura, insaciável.

Silvana abaixou a cabeça, dobrou os joelhos no limite de suas possibilidades — que não eram muitas — e cortejou o corpo de Cristo com o sinal-da-cruz; o Messias ali sofrendo por nós, suportando, inclusive, o peso das maiores tentações em nome da humanidade e ela, ela... precisava se confessar.

Silvana não era católica apostólica romana realmente praticante, mas necessitava, com uma ardência de queimadura fresca, buscar consolo para sua consciência. Sim, agora era tarde, e o mal já estava feito, mas quem sabe o arrependimento e a bênção de um padre aliviariam sua alma desgraçadamente pecadora?

Fosse qual fosse a penitência — e decerto ela seria grande — , estava disposta a pagar: ajoelhar sobre grãos de milho uma centena de noites rezando o terço, açoitar as próprias costas por nove anos com chicote de metal, cantar em louvor a Deus até desfalecer exangue, arrastar-se de joelhos pela maior escadaria de pedra do mundo, pelo resto da vida, nos aniversários do seu delito...

As solas dos sapatos de um homem estavam à mostra no confessionário. Silvana esperou.

Um murmúrio desviou seu olhar para o vitral em que a imagem de Nossa Senhora subia aos céus. Uma réstia de sol, através de uma parte vermelha do vitral, repousou em suas mãos. A luz lhe fez voltar à mente o horror da noite passada: o líquido rubro escorrendo pelos dedos, impregnando as unhas, deixando rastros indeléveis nas cutículas.

Baixou a cabeça, fechou os olhos e tentou rezar, todavia não se sentia capaz, não sem antes pedir perdão. Ao tentar levantar a cabeça, trombava com a mesma luz vermelha que se liquefazia diante de seus olhos e migrava tonta em direção aos pés, exatamente ali, onde uma gota mais espessa pingara no tapete creme.

O dono dos sapatos se levantou: o confessionário estava livre. Silvana, zozna, ajoelhou-se de supetão.

— Padre, perdoa-me, porque pequei. Perdoa-me, padre, por favor!

A voz entrecortada por lágrimas abundantes não deixava dúvidas ao padre Eusébio: ali se encontrava uma alma em sofrimento pungente.

— Minha filha, estou aqui por ti, alivia a alma e conta: em que pecaste?

Silvana chorou por alguns minutos, pacientemente escoltada pela bondade do sacerdote, até que, inspirando um lufada de ar, decidida, iniciou sua confissão.

— Padre, cometi o maior dos delitos para com a minha própria consciência. Mal consigo me olhar no espelho! Meu sofrimento moral é enorme, assim como meu arrependimento. Padre, padre... isso é

muito delicado, mas eu confio no Senhor, confio no santo ministério da confissão e que isto ficará apenas entre nós e Deus.

Padre Eusébio empalideceu. Aquela não era, sem dúvida, uma confissão convencional. A ovelha desgarrada estremecia, em pranto ininterrupto. A coisa parecia séria e, por isso mesmo, sua curiosidade e seu medo em muito se aguçaram.

— Calma, filha. O que quer que me confesses, por certo ficará entre nós e Deus: mais ninguém. Abre teu coração.

— Graças a Deus, estou segura agora, não estou?

— Plenamente, filha.

— Padre, é triste. Minhas mãos manchadas, o tapete, meu corpo infectado, não consegui nem tomar banho, é humilhante! Padre, por favor, me dê o perdão de Deus e dos homens, por favor, eu lhe imploro!

O sacerdote, além de pálido, curioso e amedrontado, foi ficando aterrorizado. A moça parecia querer confessar um crime! Será? Ele recuou um pouco no confessionário, buscando distância segura, e continuou.

— Filha, o perdão de Deus será dado a ti perante a penitência necessária, afinal, o primeiro passo tu já deste: estás aqui. Arrependida, suplicando sossego à tua dor. Mas o perdão dos homens... por esse não posso me responsabilizar. Abre teu coração, filha, não temas, o que fizeste para se apresentar nesse estado de nervos?

Tendo a resposta se sufocado pelo choro convulsivo de Silvana, padre Eusébio fez cinco vezes o sinal-da-cruz enquanto rezava fervorosa Ave-Maria, buscando inspiração para acalmar a pobrezinha.

— Filha, lembra-te dos ensinamentos de Jesus. A ovelha mais preciosa ao Reino dos Céus é justamente a que se perdeu: és tu, filha, tu! Para tanto, basta que me contes tudo e te prepares para a penitência com resignação.

Após assoar o nariz várias vezes ruidosamente, Silvana confessou.

— Padre, eu, eu comi três pedaços de pizza ontem, cheios de molho e muzzarella. Meu regime, padre, meu regime! Depois de meses em abstinência, tudo por água abaixo por causa de uma tentação dos infernos como é a pizza! Comi tão desesperadamente, tão cheia de desejos insalubres, que até me lambuzei de molho de tomate; o tapete, então, está cheio de manchas. Comi as bordas também: as bordas massudas! Tenho certeza de que engordei, no mínimo, uns dois quilos. Não consigo nem me olhar no espelho, padre, não posso mais, minha consciência está me matando! Me ajude!

Padre Eusébio enxugou na batina a fronte banhada em suor gelado, retirou um dos cartõezinhos que mantinha no bolso para casos como aquele e o passou, enroladinho, à pseudopecadora, pela fresta de madeira do confessionário.

— O que é isto, padre? — replicou Silvana.

— É o cartão da minha irmã, filha, ela é psicanalista. Vá com Freud e que Deus te acompanhe. Amém.

A rã boquiaberta

Nas planícies argentinas encontra-se talvez o mais guloso de todos os canibais. São as rãs boquiabertas, um apelido dado a várias espécies de rãs similares nesses pólos sazonais. As rãs boquiabertas das áreas dos charcos são adaptadas para apanhar o que passar. Engolem tanta comida que literalmente rasgam seus estômagos de tanto comer.

Quando uma rã boquiaberta abocanha uma rã maior do que ela — mesmo sendo incapaz de engoli-la — , se recusa a soltar o alimento. Assim, ela acaba se sufocando até a morte, tentando devorar um corpo maior do que o seu.

Discovery Channel

82 quilos

Dizem que amanhã é outro dia. Para mim é o mesmo: é o dia em que, como todos nos últimos meses, me preparo para o ataque da rã boquiaberta que mora aqui dentro. E é assim que me sinto: como se ela morasse em mim; mas não uma do tamanho normal e sim uma rã boquiaberta gigante, que acorda e vai dormir junto ao meu corpo. Ela vigia. Todas as manhãs eu abro os olhos e penso: "Hoje vou começar uma dieta, é simples, é só parar de comer tanto." Isso todas as manhãs: invariavelmente, todas. Porém, antes do cheiro do café fresco entrar pelas minhas narinas, já começo a pensar nas delícias que poderia comer, e que de fato posso, não fosse esse incômodo corpanzil reclamando um alívio. Mesmo antes de me sentar à mesa, já desisti de qualquer dieta porque ela — a rã boquiaberta gigante que mora dentro de mim — já deu as ordens e estas incluem muita comida, muito sono e nada de reuniões sociais.

Bem, hoje é a festa de aniversário do meu sobrinho e eu não posso deixar de ir, caso contrário minha irmã ficará, no mínimo, um semestre sem falar comigo. Tentei inventar uma boa desculpa, entretanto todas elas, até as mais criativas, estão gastas: muito uso. Dizer a ela o verdadeiro motivo do meu desejo de ausentar-me de tão ilustre data seria como explicar a eternidade a um bebê de três dias: puro desperdício. Minha irmã é magra: em outras palavras, não entende o universo gordo e seus meandros cavernosos. Claro que eu poderia dar uma de ignorante e deixar o seguinte recado na sua secretária eletrônica: *Querida Sofia, não vou ao aniversário do Rogerinho porque teria de me vestir adequadamente e, para tanto, me olhar no espelho. Prestimosa irmã, não estou em condições de me colocar em frente a um vidro refletor e constatar o que já venho desconfiando há algum tempo: que o peso que vejo estampado na balança tem ligação direta com o tamanho do meu corpo. Se eu estivesse magra, iria de bom grado e até me jogaria na piscina de bolinhas com as crianças. Porém — usando a franqueza que deve permear as relações íntimas —, neste período particularmente delicado, você exigir minha presença nessa festinha em que estarão todos os parentes é cravar bem fundo uma faca de churrasco no peito dessa criatura que, apesar de guardar em seu interior um monstro canibal, ainda é sangue do seu sangue.* Sem chance: vou tentar me cobrir da melhor maneira possível. Poderia ser pior. O Júlio me ligou ontem, será que devo registrar isso? Um mísero telefonema. Ora, há sete meses saímos pela última vez e desde então ele praticamente se evaporou. Esses caras que ligam depois de um tempão como se estivessem estado sempre ali são mesmo uns tremendos caras-de-pau. Eu disse não. Confesso que me neguei a sair com ele não por seu estranho ritmo semestral, mas por estar muito gorda. Poderia ser pior, como disse: Júlio poderia me ver, assim, neste estado. Vamos ser realistas: o homem beija que é um absurdo e eu nunca me neguei a sair com ele. Ah, se ele é cafajeste, quem não é? O problema é a banha mesmo. Meus culotes estão formigando, será que isso só acontece comigo? A sensação é a de que tijolos estão pendurados em várias partes do meu corpo que, por isso, formigam. Enquanto eu sacio a fome da rã (essa fome não

é só minha, seria biologicamente impossível), exatamente enquanto mastigo a sensação de formigamento passa e a certeza da existência do corpo também. Enquanto como, eu sou normal. E é essa a droga da qual preciso: comida é o que me faz descansar de mim.

84 quilos

Hoje fui ao médico e ele foi tão amável comigo... Disse que, por causa das injeções de cortisona que andei tomando para curar minha sinusite aguda, eu fui induzida clinicamente a engordar, e isso me deu um alívio! Então não sou uma sem-vergonha, como todo mundo diz! E esse monstro a quem dou guarida está mais forte do que nunca servindo-se de um auxílio medicamentoso. Depois de amanhã, meus remédios ficam prontos. É, sempre achei um absurdo tomar remédio para emagrecer, mas não posso mais, preciso de ajuda, de um porto seguro ou, que seja, de um socorro simbólico na forma de cápsulas coloridas. Aquelas baboseiras da TV eu nunca quis comprar, mas o Dr. Nelson me atendeu, conversou longamente comigo, me examinou com atenção e esses remédios são específicos para o meu caso: estou confiante. Iniciar regime sério dá sempre uma certa euforia, como se o mundo criasse, de repente, cores vibrantes.

79 quilos

Hoje um pedreiro mexeu comigo na rua. Foi a glória!!!

77 quilos

Ah, tem coisa melhor do que fazer dieta? Me sinto tão forte, tão potente, posso vencer qualquer dificuldade ou contratempo. Tenho

saboreado o prazer de jejuar em festas: os outros ficam olhando para mim como se eu possuísse algum dom especial e cochicham entre si "nossa, que força de vontade". Agora, não tenho medo de nada, nem de ninguém! É como se uma carga violenta de adrenalina tivesse entrado na minha circulação! Estou com disposição para tudo: faxinas, caminhadas, compras, festas, paqueras: o mundo era tão bom assim e ninguém me avisou?

74 quilos

Nossa, estourei o cartão de crédito só em roupas! Isso é o que chamo de desvantagem vantajosa da dieta!

72 quilos

Estacionei. Duas semanas inteiras se passaram: continuo rigorosamente dentro do regime e o ponteiro da balança nem se mexe! Liguei para o médico, que disse para eu não me preocupar pois é comum o corpo, depois de um bom emagrecimento, estacionar um pouco para que o metabolismo se ajuste ao novo peso. Tá certo...

Hei! Espera um pouco! Não quero que meu corpo se acomode neste peso!!! Só há uma saída... pensei que nunca

chegaria a este ponto, que tristeza: vou ter de fazer — eca! — ginástica — mil vezes eca!!!

71 quilos

Ufa! Que alívio!

67 quilos

O Dr. Nelson me disse que na próxima consulta já terei, provavelmente, chegado à minha meta de peso e poderei entrar em manutenção. A dose do remédio está cada vez mais fraca, mas eu me sinto bem. Sei que estou amparada, porém só a idéia de entrar em manutenção mina minha confiança. Como vou agir sem um controle rígido, sem um sonífero para esse monstro que apenas espera que eu durma para me fazer sonhar com pratos abarrotados de macarronada, picanha, chocolates?... Tantas vezes emagreci e não soube sustentar o emagrecimento... será que dessa vez vai ser diferente? Será que se, ao menos, eu pensar sobre o assunto isso não vai acontecer de novo?

60 quilos

Acabou. Entrei em manutenção. Posso comer 1.750 calorias diárias... não sei o que, nem como fazer. Ainda tomo remédio, mas é tão fraquinho... e o pior: já comecei a ter aquela vontade de comer doce, doce, doce. Se eu mantiver o peso nesse inverno, disse o Dr. Nelson, tudo ficará mais fácil. Tenho medo. Quando estou fazendo dieta parece que nunca mais a gordura vai me alcançar, é como se estivesse correndo a quilômetros de distância dela. Contudo, relaxando a disciplina, diminuindo os remédios, sinto essa distância se reduzir perigosamente. Não sei me portar numa liberdade parcial como esta! Sempre estive em dois extremos: ou comendo de tudo e muito ou fazendo dieta de forma rigorosa. E agora?

58 quilos

É incrível eu ainda estar emagrecendo na manutenção...

59 quilos

Variações são normais, Dr. Nelson disse: "Até três quilos é uma variação normal." Variações normais, muito normais, normalíssimas, normalézimas, uma simples variação aprovada pela medicina moderna, um mero quilinho de variação, normal, comum, usual, natural, variaçõzinha tranqüila. Eu não estou em período menstrual, mas posso estar ovulando... Ovulação também aumenta o peso?

60 quilos

Até três quilos, foi o que o dr. Nelson disse, então não vou me desesperar. Ih, hormônios! Mulher é cheia de hormônios esquisitos que oscilam histéricos: para que me preocupar? A rã. Até ela deve estar cansada de tanto ouvir falar em comida, vai ver ela está se alimentando dos meus pensamentos gordurosos. Deve ser a rã então que não me deixa esquecer, deve ser sua constante voracidade que me faz salivar quando alguém passa na rua comendo um pastel. Sua vontade anfíbia pede: "Coma mais um pouco, você já está magra, não precisa mais disso, coma..." e a minha boca saliva... Claro que não sou só eu quem abriga uma rã insólita no corpo, mas a minha é gigante, como gigante ao cubo deve ter sido a que matou aquela moça que foi pro Spa num carro de bombeiros porque pesava quase quatrocentos quilos... No jornal eles enfatizaram as medidas do seu caixão, lembro bem até hoje. Será que esse povo não tem um pingão de sensibilidade? Acham que estão livres da incubação de uma rã boquiaberta? Não estão não!!! Ninguém está. De repente, uma doença, uma menopausa, uma gravidez, um problema, uma decepção e *voilà*: o monstro se instala. No entanto, é mais fácil pensar que isso é problema dos outros e caçoar de alguém que não é o padrão. Pois bem. Eu estou padrão, quem me olha, vê uma pessoa padrão. E daí?

59 quilos

Não disse? Variações normais. Consegui identificar um ponto positivo em estar gorda: a gente fica livre daqueles caras que dizem coisas imundas quando a gente passa na rua. Se saísse com tudo de fora, daria até para entender, mas eu só uso calça jeans e camiseta, nada especial, e ouço aquelas coisas nojentas. Às vezes, queria ser meio *Thelma e Louise* e dar uma lição nesses caras. Quando estava gorda, passava por esses mesmos homens incólume; aí já é um ponto positivo para eles, que não caçoam como os adolescentes fazem. Os *teens* são muito impiedosos: eles debocham de qualquer ser vivo, morto ou agonizante que não seja exatamente como eles. Não sou nenhuma velha, mas essa geração que está aí me dá medo. Em resumo: se estou magra, escuto obscenidades dos homens; se estou gorda, chacotas dos adolescentes. E se desenvolvo uma síndrome do pânico, eu é que sou a doida.

63 quilos

Cinco quilos acima do ponto mínimo que atingi na balança: isso não é variação! Valha-me, São Pedro! O que que eu faço? O que que eu faço? Laxante, claro!

64 quilos

Ai que tremenda cólica! Mas que idéia de jegue foi essa de tomar laxante: tudo o que consegui foi uma barriga super-inchada. Hum, será que eu tomei pouco?

65 quilos

Calma. Ainda dá para voltar atrás sem muito prejuízo. É só não perder o controle. Vou agora mesmo ao supermercado comprar ingredientes para um sopão de legumes e passar a semana a líquido.

64 quilos e 900 gramas

Se eu tomar mais uma colher dessa geleca, juro que vou ao pronto socorro mais próximo fazer uma lavagem estomacal!

68 quilos

Estou me sentindo grávida dos dois litros de sorvete de chocolate que acabei de entornar... O que será que vai nascer? Um sundae?

69 quilos

Eu deveria era voltar ao Dr. Nelson, isso sim. Mas com que cara? Que vergonha! E além do mais, ainda não chegou a época do retorno. Melhor mesmo é tentar emagrecer e só depois voltar nele. É isso aí, amanhã eu começo!

73 quilos

Tudo bem, vamos ser racionais. Comi demais, engordei: natural. Para reverter a situação, dieta: natural. Desespero só prejudica, para que vou me afobar? Ficar pensando no passado e olhando as fotos

de quando estava magra não ajuda. O mal está feito, então bola para frente. Vou comprar aquelas refeições diet congeladas e resolvo essa parada em dez dias.

76 quilos

Ah, me deixa, me larga, eu quero comer.

80 quilos

Que depressão... Preciso fazer alguma coisa, preciso...

82 quilos

Não quero ficar assim: chega! Não dá mais! Vou levantar dessa tumba gorda em que me enterrei e tomar as rédeas da minha vida! Afinal, eu sou uma mulher ou uma rã?

83 quilos

Fui, há três dias, ao Dr. Nelson. Fiquei um pouco envergonhada, confesso, mas não me dá cansaço ter de começar tudo de novo. O processo de emagrecimento é bom demais: estar descendo é fácil, é reto, é "não" e pronto. Sem múltiplos caminhos. Eu adoro esse período! É como se uma força extraordinária tomasse conta de mim: uma luz se acende no palco, iluminando a domadora de rãs boquiabertas que também vive aqui dentro e, de repente, sou mais forte que tudo! Com apenas dois dias de regime, já me sinto uma rainha! Emagrecer é tão bom... Alegria! Alegria! E como eu poderia usufruir desse prazer se não engordasse tudo de novo?

João Carlos, o gordo

— Gordôô!

João Carlos sempre foi chamado assim.

No pequeno circuito familiar, ainda bebê, foi o bochechudo "gordo".

Nas brincadeiras de bola na rua, aos cinco anos, foi o desajeitado "gordo".

No colégio, aos sete, quando levou uma surra daquelas por levantar a saia das meninas no recreio, foi o tarado "gordo".

No parque de diversão, aos oito, já no primeiro brinquedo, foi o entalado "gordo".

Nos jogos de futebol das olimpíadas estudantis, aos nove, foi o frangueiro "gordo".

Nos trabalhos escolares em grupo, aos dez, foi o CDF "gordo".

No bailinho, aos onze, foi o rejeitado "gordo".

Na consulta médica, aos doze, foi o obeso "gordo".

Na repetência da sétima série, aos treze, foi o incompetente "gordo".

Na mudança de colégio, aos catorze, foi o aluno novo "gordo".

Na primeira namorada, aos quinze, foi o apaixonado "gordo".

No colegial, aos dezesseis, foi o amigão de todas as horas "gordo".

Na primeira noite de amor, aos dezessete, foi o inexperiente "gordo".

No primeiro emprego de auxiliar de tesouraria, aos dezoito, foi o aplicado "gordo".

No vestibular, aos dezenove, foi o ansioso "gordo".

Nas eleições para presidente do diretório acadêmico da faculdade, aos vinte e um, foi o renovador "gordo".

Na formatura em administração de empresas, aos vinte e quatro, foi o alinhado "gordo".

No noivado com Maria Aparecida, aos vinte e cinco, foi o sortudo "gordo".

Na chefia da seção no trabalho, aos vinte e sete, foi o caxias "gordo".

Na lua-de-mel com Maria Aparecida, aos vinte e oito, foi o adorável "gordo".

No primeiro filho, aos trinta, foi o paizão "gordo".

No segundo filho, aos trinta e cinco, foi o surpreso pai "gordo".

No terceiro filho, aos trinta e seis, foi o fértil pai "gordo".

No caso com Eulália, aos trinta e sete, foi o amante "gordo".

Nas brigas com Eulália, aos trinta e nove, foi o indeciso "gordo".

Na descoberta do caso extraconjugal, aos quarenta, foi o canalha "gordo".

No rompimento com Eulália, aos quarenta e um, foi o ingrato "gordo".

Nos piores recalques de Maria Aparecida, aos quarenta e três, foi o bode fedorento "gordo".

Na recessão, aos quarenta e cinco, foi o desempregado "gordo".

Na doença cardíaca do caçula, aos quarenta e oito, foi o dedicado pai "gordo".

Na homenagem dos colegas e amigos, aos cinqüenta, foi o inesquecível "gordo".

Na aposentadoria, aos cinqüenta e cinco, foi o aposentado "gordo".

No primeiro neto, aos cinqüenta e seis, foi o bonachão vovô "gordo".

No enfarte, aos cinqüenta e nove, foi o cansado coração "gordo".

No enterro de Maria Aparecida, aos sessenta e dois, foi o inconsolável viúvo "gordo".

No reencontro com Eulália, aos sessenta e quatro, foi o superado "gordo".

No segundo enfarte, aos sessenta e sete, foi o safenado "gordo".

Na casa do primogênito, aos sessenta e oito, foi o inconveniente "gordo".

No apartamento do segundo filho, aos sessenta e nove, foi o indesejável "gordo".

Na chácara do terceiro filho, aos setenta, foi o imprestável "gordo".

No asilo, aos setenta e dois, foi o bom companheiro "gordo".

Nos últimos instantes, aos setenta e cinco, enquanto o padre preparava a extrema-unção, foi um pobre espírito "gordo".

Chegando ao céu, supondo estar sem idade e sem peso, foi recebido por amigos e parentes mortos antes dele, que, num coro emocionado, desabafaram:

— Gordôô, que saudade!!!

Mudou-se então, de livre e espontânea vontade, para o inferno, onde o prazer de o chamarem simplesmente de "João Carlos" foi incomparável, inenarrável e indescritível.

Simplemente não pensei

Essa passagem é tão estranha, nunca consegui capturá-la. Como é que daqui a alguns minutos estaremos em outro ano? De acordo com o calendário, em breve, tudo o que aconteceu comigo e com Raul pertencerá a um ano inexistente, ao século passado, a um milênio findo, enquanto as conseqüências continuarão brotando: não faz sentido.

O que mais pensar depois desses últimos dias? Toda aquela tragédia e...

Seu cabelo cheira a maçã verde, a barba está por fazer, dois ou três dias. Três. No dia em que fomos à delegacia, ele fez a barba. Um de seus olhos parece maquiado com lápis vermelho e esfumaçado ao redor, e até isso, até esse machucado, lhe confere um charme atroz.

Às vezes a gente ama alguém por tanto tempo que cansa de desejá-lo dentro da própria vida: se acostuma a amar e só. Dar e só. Estar lá e só. O amor que vem de uma só parte, que é despejado aos borbotões por uma só bica, migalhas suficientes, canções em mono.

Foi sempre assim com Raul, desde a primeira vez em que o vi, naquela manhã quente, segundo dia na faculdade, ele passando pelo corredor e eu mordendo sua isca. Aliás, muitas morderam, além de mim.

Não que eu teime em me apaixonar por homens inatingíveis: a esmagadora maioria dos homens razoavelmente interessantes é que está além do meu alcance. Em outras palavras: não sou uma garota

interessante. Meu rosto é até bonito, eu acho, mas no conjunto ele acaba não funcionando bem. O conjunto: esse é o entrave. Mais especificamente *meu* conjunto, composto de montes de quilos mal e mal distribuídos. No entanto agora, aqui na praia... não sei.

Usualmente enfiada num blusão jeans bem comprido — que disfarçava meu estômago saltado — , cruzei os corredores da faculdade por cinco anos, sempre à procura de algum resto de casca de pão piedosamente deixada por Raul para que eu me alimentasse dele: um olhar descuidado, um cumprimento, um sorriso menos burocrático...

No decorrer do curso, sem que eu forçasse uma situação — coisa que nunca me pareceu atraente — , ficamos amigos. Com o passar dos anos, muito amigos. E só. O que era de se esperar: eu esperava, pelo menos. Aprendi há muito a desistir da idéia do sucesso em minhas intenções românticas; a esperança é a última que morre, mas morre. E era mais fácil assim: sem me ver em condições de ter alguém, sequer supunha tal possibilidade e era doce não poder sentir mais nada além de um desusado amor platônico.

Tantos anos atrás isso e há alguns dias, enquanto jantávamos no restaurante japonês, pensei (fruto de um estranho surto esperançoso): "Nada vai mudar, continuo aqui, ainda olhando para esses imensos olhos azuis que não me querem, não me sentem, sequer me refletem: continuo."

Entretanto, tudo começou, sim, a mudar no minuto seguinte, na hora em que aqueles homens encapuzados entraram no restaurante, mandando todo mundo se ajoelhar, abaixar as cabeças e nem pensar em olhar para cima. Eu não olhei para cima, nem mesmo olhei para o Raul. Daquela maneira, só vendo o piso colado ao meu

nariz, Raul estava distante de mim como sempre esteve, mas eu, pela primeira vez, estava distante dele como nunca estive.

Ao receber o primeiro chute na barriga, não sei por que, pensei nele: fechei os olhos e pensei que ele estava me vendo sentir dor e isso me provocou um estranho prazer. Era se como me tornasse uma heroína, suportando honrosamente, indefesa, os golpes mais duros. O simples fato dele sentir algo por mim, não a pena humilhante mas uma pena aflita, que fosse, me induzia àquele prazer. Algum sentimento saía dele em minha direção: não para as garotas das quais o ouvi falar incontáveis vezes, nem para os problemas no trabalho, ou para a lembrança do pai morto ano passado. Não: naquela hora Raul poderia estar sentindo alguma coisa diretamente por e para mim.

No quarto ou quinto chute, uma botina me acertou a testa e eu apaguei. No entanto, antes de tudo sumir na escuridão, rolei para cima e vi Raul: mãos na cabeça, ajoelhado, olhando para mim, como imaginara, e em seus olhos azuis havia alguma coisa que nunca estivera lá antes.

Quando acordei estava, provavelmente, na traseira de algum tipo de furgão. Nunca fui muito interessada em carros, então não sabia exatamente qual era, entretanto tinha de ser um furgão porque havia vozes demais para um carro qualquer. Senti uma coisa molhada em minha testa que era colhida por um lenço, ou fita de pano, que tapava meus olhos. Minhas mãos estavam atadas com corda áspera e os pés também. Demorei até me mexer porque, naquele quadrado perfeito, eu não estava só.

Algum outro corpo, também vivo, estava encostado ao meu e eu, com medo, desejei que fosse o do Raul; depois, com mais medo ainda, desejei que não fosse, pois nesse caso ele estaria sentindo meu corpo também e isso significava ter a dimensão tátil da minha gordura.

Vergonha: era isso o que sentia quando ouvi Raul dizer meu nome baixinho; baixinho, mas nem um pouco calmo, seu tom continha uma angústia inédita e quase nem era mais sua voz. Eu nada respondi, não tive tempo, pois logo em seguida recebi mais pancadas, dessa vez com alguma coisa de ferro e me assustei demais, tanto que resolvi me fingir desmaiada.

Raul se manteve calado e, depois de alguns minutos, com as pontas dos dedos livres procurou minha garganta, agora virada para cima, e verificou se havia pulsação. Havia. Havia bem mais do que pulsação.

Estive desacordada, não sabia o que havia acontecido no restaurante e o porquê de nós estarmos ali, nem sabia se iria morrer no próximo minuto e, se assim fosse, morreria sem dizer a ele que o amava. Os romances baratos cruzaram minha cabeça: "Ah, pelo menos morrerei a seu lado." Eu não queria morrer com ele, queria viver com ele!

No entanto, finalmente estávamos só nós dois, compartilhando uma experiência intensa; juntos vivendo algo em que ninguém poderia penetrar. Se eu morresse naquela hora, não morreria feliz: não sou doida! Minha vida corria risco, porém o melhor que podia fazer era pensar em alguma coisa boa, qualquer coisa, para deter a claustrofobia. Nunca fui claustrofóbica, contudo a própria situação já era. Estava me dando um tremendo desespero o fato de não conseguir afastar as mãos, nem os pés, e não poder esticar o corpo para melhorar minhas proporções que deviam estar esparramadas por aquele quadrado, invadindo o corpo de Raul: banha se espalha.

Numa cama fofa, a banha afunda com a gente, disfarça-se por entre a compressão da espuma, e o corpo parece até macio de se olhar. Numa superfície dura como a que estávamos, a banha se espalha mais e pior.

Os caras falavam português com um sotaque carioca, como o nosso, bem pronunciado. A diferença é que não dava para entender quase nada: era mais um dialeto que um sotaque. Parecia um código, numa velocidade extraordinária. Será que estávamos sendo seqüestrados? Ou seríamos apenas reféns para fuga? Contudo, eu não ouvia sirene alguma ao nosso redor: nada que não fosse barulho de motor, aquele dialeto estranho e uns roncões mais fortes de vez em quando, provavelmente carros lá fora.

De repente, começaram uns solavancos muito fortes, bati a cabeça novamente mas não apaguei dessa vez. Melhor para mim: num ritmo daqueles Raul não perceberia que eu era tão gorda, talvez nem estivesse se importando com isso.

Claro, estávamos entrando no mato ou numa estrada de terra, indo para um lugar deserto. Desova. Mas para que matar a gente? Eu não vi nada, não sei quem eles são e não sou ninguém! Não tenho grana, nem pai empresário, nem família mafiosa, nunca me meti com drogas para dizer que é vingança! Não fazia sentido, porém esses caras vêm sentido em alguma coisa? Poderiam ter usado a gente para escapar do restaurante e agora iriam fazer a desova dos corpos: no fundo, não acreditava naquilo. Acho que a intuição, ou outra coisa qualquer, nessas horas fica muito forte porque a gente clama a Deus com toda fé que jamais teve, ou melhor, a gente lembra que Deus tem a obrigação de existir porque o instante exige.

Então aconteceu: numa das vezes em que fomos chocalhados pelos solavancos do veículo, Raul agarrou meu braço. Não disse nada, nem ousaríamos abrir a boca, no entanto ele o segurou firme com os quatro dedos livres das cordas logo acima. O pavor e a angústia eram terríveis, entretanto, por trás daquilo tudo, senti algo novo quando ele agarrou meu braço. Senti não o seu desespero, mas o desejo mais primitivo e humano de, na dor, querer ficar junto, se perceber junto. Por um acaso (será mesmo?) não era nenhuma candidata a Pantera-2000 que estava ali, nem um garçom anônimo,

nem o Cazé ou o Rodolfo, seus melhores amigos. Era eu. Eu, não mais a garota legal que atendia aos seus telefonemas-dor-de-cotovelo às quatro da manhã. Era eu, pela primeira vez, inteira naquele espaço. Era a mim que sua mão procurava e não fazia diferença a qualidade do corpo a que ele se agarrava, e esse corpo era, supremo, o meu. Era eu quem estava lá: visível, necessária, desejada.

Não pude retribuir, era impossível orientar os movimentos naquele balanço em que estávamos, porém forcei meu braço o quanto pude para que ele notasse: eu também me agarrava a ele.

O furgão parou. Eles saíram, bateram portas e começou um falatório exacerbado lá fora. Algum deles poderia ter ficado lá para nos vigiar e por cautela eu iria continuar calada, mas Raul me chamou de novo, baixinho e mais tranqüilo, ou, ao menos, o mais tranqüilo que alguém poderia estar numa situação como aquela. Queria saber se eu estava bem e eu, por que estávamos ali. Ele me disse.

Alguém gritou do lado de fora do restaurante que havia chamado a polícia e eles fugiram. Parecia que já haviam pego tudo o que queriam e nos levaram como reféns no caso de a polícia os perseguir. Então nos calamos, cada um com suas próprias preocupações.

Não entendi por que me levaram... refém desmaiado dá menos trabalho, mas refém gordo desmaiado dá mais, então por que a gente? Não tive coragem de perguntar, mesmo porque a resposta correta seria uma outra pergunta: "Por que não a gente?" Foi assim: bateram em mim, desmaiei, supuseram-se, com razão, fortes o suficiente para me carregar, Raul estava comigo, um refém só não faz verão e aqui estamos. Culpa de ninguém.

Por todo o tempo, Raul esteve agarrado ao meu braço, mas eu não me mexi em sua direção com medo de o balanço no carro atraí-

los para dentro. Ouvimos um tiro e o dialeto emudeceu. Um som seco. Naquela hora, não me importei mais com as proporções do meu corpo; me virei em direção a Raul e pressionei meu corpo contra o seu enquanto ele ensaiava um movimento que só percebi mais tarde.

Raul tentava colocar os braços em volta de mim! Que se danasse ser queimada viva, estuprada ou ter os miolos estourados: a vida que eu tinha era aquela, a daquele segundo; não a do filme, a da novela, a do livro, a que poderia ser ou deveria ter sido. Era aquela, lá, daquele jeito e, por Deus, durasse ela um minuto ou cem anos, eu a viveria!

Seus braços estavam esticados ao redor do meu pescoço, então virei de bruços, apoiei a testa machucada no carpete úmido e levantei o tronco o suficiente para que eles chegassem à minha cintura, sem me importar com os pneus ao redor dela. Ao mesmo tempo em que eu tentava virar de lado, ele me puxava mais ainda em sua direção como se não fosse dar tempo para abraçar alguém, nunca mais. E ele me abraçou.

As vozes recomeçaram irregulares: parecia que eles iam e vinham o tempo todo. Raul me apertou como pôde de encontro ao peito e, naquela posição completamente incômoda, diria até mesmo impraticável em condições normais, me coleí ao corpo dele pela primeira vez: o coração, os pêlos no peito, o pescoço largo, o resto do perfume.

Eles abriram a porta de novo enquanto Raul protegia meu rosto e meus seios de possíveis golpes, apertando-os fortemente contra seu corpo. Eles sacudiam o furgão (Raul me dissera que era uma van), parecia que tiravam e punham coisas nele. Alguns barulhos eram secos e abafados, outros estridentes, metal, armas provavelmente. Eles falaram em desova. Ouvi perfeitamente a palavra: desova. Raul também ouviu, pois apertou mais ainda meu corpo de encontro ao seu.

Não confessarei para ninguém o que senti naquele momento, pois essa afirmação seria motivo suficiente para me prenderem numa camisa-de-força. Mas o que é que eu posso fazer? Estava feliz da vida mesmo! Excepcionalmente feliz! Ali, abraçada a Raul, comecei a imaginar que, se estivéssemos dormindo juntos e fôssemos casados e aquele carpete fino fosse uma cama fofa e as cordas que nos atavam não existissem, talvez dormiríamos daquele jeito, bem abraçados, quentinhos, colados. Eu me moldava a ele com tanta facilidade... e naquele instante intuí que seu corpo se aninhava bem melhor ao meu do que ao da Claudia Schiffer, por exemplo. Enquanto eu, macia, acolchoada, envolvente, conferia-lhe calor e conforto em meio a tamanho incômodo, o que lhe daria aquele saco de ossos comprido?

Então um cara com voz aguda falou de novo a palavra "desova" e saiu dali com os outros. Bateram as portas e suas vozes se afastaram novamente. Eu e Raul não sabíamos mais no que pensar: ora as vozes se afastavam e nos agarrávamos à possibilidade deles terem ido embora, nos deixando para trás, ora eles voltavam com sua presença ameaçadora.

Ficamos esperando por uma nova investida a qualquer momento, mas as vozes foram diminuindo até desaparecerem por completo. Por um longo tempo, nada mais se ouviu a não ser o canto dos pássaros: estava amanhecendo. Raul e eu não havíamos desviado um milímetro um do outro e conversávamos baixinho sobre o que eles poderiam estar fazendo, sobre a impossibilidade e o perigo de uma reação nossa, sobre como cortar as cordas, fugir e, enquanto o tempo passava em silêncio lá fora, fomos conversando cada vez mais sobre nós mesmos, até que ele parou. Eu parei também.

Senti seu nariz tocar o meu; sabia que sua boca estava próxima e não pensei duas vezes. Ou melhor: simplesmente não pensei e, por não pensar, não cheguei a me lembrar de que era gorda, de que

poderia ser rejeitada, e que nem deveria me arriscar daquela forma, pois a decepção seria inevitável.

Avancei certa e, pela pista do seu nariz, alcancei sua boca. Eu não via o seu rosto há horas, mas nas reações do seu corpo, que sentia em cada mínimo detalhe, nem uma pálida sombra de rejeição havia. A maciez da boca de Raul era infinitamente superior a qualquer um dos meus sonhos platônicos. Inspiramos e expiramos várias vezes dentro do beijo. Dentro. Nós dois.

Assim que descolamos nossas bocas eu quis sair dali, urgente. Disse que poderíamos tentar, não se ouvia viva alma, eles já deveriam ter ido embora. Não compreendo por quê,

Raul quis esperar. "Vamos ficar aqui mais um pouco", ele sussurrou e dessa vez não havia medo, pena, pânico: só uma indefinida entrega.

Era a maior e melhor chance que jamais tivera de encontrar-me em seus braços por mais tempo, de beijá-lo, tocá-lo mais, muito mais, porém não convinha ficarmos ali parados enquanto aqueles homens pareciam estar a quilômetros de distância. E talvez voltassem, ou talvez o lugar em que estávamos fosse alvo fácil de outros marginais. Não: tínhamos de sair de lá e a hora era aquela.

Ele, meio que acordando de um sono letárgico, concordou. Tirar as vendas um do outro com a boca foi fácil. Meus olhos doeram quando vi o rosto de Raul, bastante machucado, principalmente um dos olhos. Ele não teve reação desigual: ficamos chocados um com os machucados do outro sem supor que, naquela manhã, éramos espelho.

Ele tirou os braços do meu redor e nós nos sentamos, muito devagar: poderíamos ter ainda algo a temer, quem sabe alguém calado ou dormindo lá de arma em punho, embora não ouvíssemos nada. Havia necessidade de cautela.

Desde o seqüestro nós só nos falamos por telefone — com exceção da ida à delegacia — e combinamos passar o Ano-Novo juntos, ao ar livre, aqui na praia. Idéia dele: perder logo o medo de sair. Nós não havíamos ficado a sós desde o acontecido e eu poderia estar confundindo as coisas: sua resposta ao meu beijo talvez tivesse sido por cansaço ou sobrevida.

Quando Raul tocou a campainha, eu já havia me preparado para não ter esperança alguma, embora tivesse, e as tinha porque alguma coisa mudou. O vestido que uso agora me caiu realmente bem; meu cabelo, meu rosto, meu corpo, inclusive, parecem estranhamente bonitos e vivos. Eu não sou invisível, ao contrário: me vejo linda! Será apenas uma ilusão fugidia?

Porém, para não me machucar com falsas expectativas, montei o roteiro usual. Pretendia abraçá-lo e, como de costume, convidá-lo a tomar um café na cozinha, como de costume, tocar aquela canção da Marina cujo CD ele nunca comprava, como de costume, desabafar sobre quase tudo, como de costume.

Levei um susto. O engraçado é que ele também levou. Há três dias, na delegacia, estávamos esgotados e prestamos nossos depoimentos separadamente. Lá, apesar da barba feita e da roupa limpa, ele trazia um curativo enorme no braço, outros pequenos no rosto e caminhava curvado como um velho cheio de bicos de papagaio. Eu não parecia melhor: bandagens variadas, seis pontos na testa, dor em todos os ossos, passos irregulares. Estávamos um lixo, há apenas três dias.

Parado na soleira da porta, carregando um buquê de flores do campo, calça e camisa brancas, cabelo muito limpo chegando aos ombros em cachos revoltos, sorriso franco, um só olho maquiado de vermelho, doze pontos no braço esquerdo cercado por hematomas esmaecidos, pequena cicatriz infantil no queixo, íris azul-piscina no

olhar surpreso como o meu, braços estendidos... ah, ele estava estupendo!

"Eu beijei esse homem. Deus, obrigada, obrigada", pensei.

— Você está linda, Renata!

E não é que, sinceramente, eu concordava? Ele se curvou passando as costas da mão livre pelo meu rosto. Então nos abraçamos, não conforme o esperado. Ele deixou as flores caírem e senti suas mãos bem espalmadas nas minhas costas me apertando firme. Suspiramos profundamente, ele depois eu, então entramos. Claro, peguei as flores no chão.

Do nosso nicho na van, empurramos as cortinas esquerda e direita com a cabeça: mato, estradinha de terra lá longe, ninguém por perto. Nos arrastamos para o meio do veículo procurando algo cortante sem sucesso. Abrimos a porta e caímos na terra. Havia cachimbos improvisados espalhados por ali. Podíamos quebrar os vidros do carro e usá-los para romper as cordas mas, além de dificultar o corte das amarras dos pés, provavelmente nos cortaríamos numa área muito delicada: os pulsos. Puxei Raul pelo braço com os poucos dedos livres e demos toda a volta na van, provavelmente roubada, aos pulinhos, mapeando as redondezas. Interessante como nunca me senti tão leve e ágil antes...

Ninguém à vista. Do lado do motorista, quase embaixo do pneu, havia um alicate de unhas enferrujado, o que significava que o lugar era conhecido dos marginais. O que um alicate de unhas estaria fazendo no meio daquele deserto a não ser que tivesse sido resto de uma desova ou de uma intenção de desova, como parecia ser a nossa? Agachamos os dois. Raul, apoiado na van, espicaçou com a tosca ferramenta as cordas dos pés. Eu disse, ansiosa por me afastar dali: "Das mãos a gente corta andando." Com mais facilidade ele liberou meus pés e decidimos por correr para o lado da estrada

de terra, mas não por ela: apenas servindo-se dela para orientar o caminho.

Acho que havíamos corrido um quilômetro num só fôlego, ainda de mãos atadas, tamanha a avidez de sair dali, quando ouvimos o barulho de um carro. Raul se jogou sobre mim e deitamos em silêncio absoluto. Tomei o alicate das suas mãos e me pus a cortar as cordas restantes; se alguém se aproximasse, precisaríamos das mãos livres para nos defender.

Livre das cordas, Raul estremeceu, pálido. "Não vou agüentar", ele disse, e desmaiou. Era só eu então. O ruído de motor era claro, mas não intenso: antes desarticulado do que contínuo. O som era agudo e grave ao mesmo tempo; vários tons agudos e outros tantos graves, então percebi: "São vários motores, claro, estamos perto de uma estrada principal!" Me agachei sobre Raul e comecei a fazer o óbvio: bater no seu rosto e chamar seu nome. Não demorou muito até seus olhos tremerem e ele recobrar a consciência. Voltamos à marcha, dessa vez mais lenta, perseguindo os ainda longínquos motores. Meus reflexos estavam num limite nunca antes atingido: se um besouro se arrastasse pelo mato em nossa direção eu o ouviria, o veria e o mataria em uma fração de instante. Andávamos, agora sim, de mãos dadas e eu nem parei para pensar o quanto aquilo significaria para mim um dia antes. Enfim, visualizamos a estrada asfaltada e, mais à frente, talvez a duzentos metros, um posto de pedágio. Estávamos salvos.

Programei a repetição daquela música da Marina no som, coloquei o pó na cafeteira, sentei à mesa da copa e Raul arrastou sua cadeira para mais perto da minha. Então ficamos mais sérios. *Outros olhos sem armadilhas.* Só então conversamos sobre os últimos dias. Dissecamos sentimentos, temores, impressões, a não ser por um único ponto: o beijo. Nenhuma palavra, nem dele, muito menos minha. Choramos, tomamos café, trocamos toalhas úmidas

de papel, demos risada do nosso jeito cortando cordas com um alicate de unhas, discutimos como afastar nossas cabeças daquilo, descobrimos tanto em tão pouco tempo. Ele disse isso.

— Descobrimos tanto em tão pouco tempo.

E eu pensei o que aquela frase poderia significar. Ele havia me enxergado, afinal? Estaria interessado em mim? Curioso: a idéia me parecia perfeitamente possível.

Descemos as escadas de casa lá pelas nove horas da noite. Raul abriu a porta do carro para mim, coisa que nunca fez antes, ou que eu nunca havia permitido, não sei. Havia um desconforto claro entre nós. Quando ele fechou a porta emudecemos, sem graça. Os comentários óbvios reforçavam o incômodo da situação: éramos como estranhos, depois de tanto tempo. Sem passar pelo crivo da censura, minha boca falou por mim: "Em que posição você dorme?" Raul não achou engraçado o que eu disse, pois ficou sério, lançou um olhar que me queimou por dentro, e apenas devolveu a pergunta. "E você, dorme como?"

Se ele tivesse rido, mostrado os dentes mesmo, não haveria preocupações: tudo estaria no mesmo lugar. Contudo, o seu desconcerto era prova evidente de que um sentimento inédito se estabelecia entre nós e, justamente por ser novo, causava aquela timidez temporária.

Pijamas, camiseta branca, short, quem agüenta o calor do Rio, pernilongos, tela na janela, Marilyn só usava Chanel nº 5, duvido, isso é mídia pura, de braços, abraçando o travesseiro, chupava o dedo quando criança, só a luz da TV, depende do dia, rádio ligado, colchão duro, *você dormiria comigo?*

Ele engasgou, sério, enquanto minha boca ardia com o disparo da pergunta. "Não só dormiria", ele respondeu. Trânsito, muito trânsito, 30 km por hora, primeira, segunda, ponto morto, calor. Raul olhou para mim diretamente: "E você?" Nunca foi tão quente o Rio.

Desconforto brutal. A resposta sempre foi sim, SIM, mas quilos de cimento selavam minha língua. Demorei. Ele me olhando, ainda, mudo. Me pareceu por um instante que aquele seu olho machucado atingira uma coloração fosforescente, rubro escaldante sobressaltando o azul, não mais piscina, lago, mar; um azul-raio, sobrenatural. Pedra, cal, tijolo foram desabando em minha boca: "Eu também", finalmente respondi. Inspirando profundamente voltamos nossos rostos para frente: olhares paralelos na atenção, cruzados na intenção.

Uma vaga para o carro, que bom. Ao atravessar a avenida, em direção à praia, sem a mais remota necessidade, Raul pegou na minha mão. Quando nos misturamos à massa branca, ele me puxou para mais perto e me enlaçou.

E aqui estamos agora. Uma flor do ramallete que ele me trouxe à tarde está encaixada no bolso da sua camisa branca e brinco com ela só para sentir seu olhar quente pousado em mim, sem retribuição por um momento. Além da flor, além do tecido leve da sua camisa, eu toco de fato a curvatura do seu peito e arranho de leve seus pêlos castanhos que formam rasuras na seda.

Os fogos apenas começam a pipocar e os alto-falantes anunciam.

Dez: Raul se aproxima e varre minha pele com a barba por fazer; seus lábios roçam úmidos os meus e seu hálito se faz mais quente.

Nove: eu o beijo. Como é fácil...

Oito: beijo...

Sete: beijo...

Seis: beijo...

Cinco: beijo...

Quatro: beijo...

Três: separo minha boca da sua e num relance simultâneo vejo um rapaz segurando uma taça de champanhe nos observando... me observando. Está com amigos, que se confraternizam e o puxam para o centro, mas me olha diretamente, nem se importando com a presença de Raul que, abraçado a mim, olha para o céu à espera dos fogos intensos.

Dois: O rapaz levanta um brinde de longe para mim. Feliz Ano-Novo. Olhos francos. Posso sentir a brisa do mar se fazendo gelada bem no canto da minha boca onde um pouco da saliva de Raul ainda está úmida.

Um: Sorrio para o rapaz que continua a me olhar e retribuo seu brinde com um copo imaginário. O rapaz escancara um sorriso.

Zero: Os fogos começam a estourar e tamanha claridade me cega, fecho os olhos. Nunca enxerguei tão bem.

Hoje acordei gorda

Hoje acordei gorda. Desgrudei os cílios, olhadela no rádio-relógio: mais de meio-dia. Domingo, não me importo. Ainda na cama pensei que o melhor almoço seria a pizza e o guaraná que sobraram do lanche de ontem. O bolo de milho meio solado da tia Cleide serviria de sobremesa. Bom, vontade mesmo era comer quindim... Rápida inquisição à memória: não havia sequer um ovo na geladeira. Sair, com esse frio? Até que poderia, se eu não tivesse acordado gorda.

Em duas horas almocei, em quinze minutos voltei a dormir: frio, gorda. Acordei quando já estava anoitecendo, o que vou jantar? Pesada, saí da cama e fuzei a geladeira: restos. Juntei todas as sobras da semana numa panela, disfarcei com creme de leite e alguns temperos. Muito bom. Ressuscito uma lata de bolachas estrangeiras amanteigadas do armário e uns pedaços de ovos de Páscoa velhos. Depois do *Fantástico*, volto para cama e o sono vem devagar.

Suavidade, mulher gosta de suavidade, um beijo, um afago, um olhar bem demorado, eu gosto. Ele me trata assim... Às vezes faço umas besteiras tão grandes... Hoje: eu poderia, aliás deveria, se já não fosse tão tarde, iria mesmo sair correndo e voltar lá, só para dizer o quanto eu o amo, que não importa mais nada, que meu desejo é ficar com ele, e que vou lutar, sim! Porém de um minuto para o outro fica tão difícil suportar as pressões e, sem querer, eu cedo... e acordo gorda.

Ah... amor, me desculpe. Ontem você foi embora sob meu olhar flácido, não fui atrás, deixei que os outros dissessem, agissem, pensassem por mim, naquela impotência de deixa-para-depois. Amanhã: eu juro. Sempre se tem esperança quando existe uma segunda-feira por vir: dia dos arremates, dos consertos, dos

começos. Amanhã é segunda e eu vou, vou me jogar nos seus braços e gritar a plenos pulmões que não posso viver sem você, "vamos começar tudo de novo?".

Amanhã vou dizer que te amo. Amanhã. Hoje não tenho forças. Me desculpe. Hoje acordei gorda.

Guardanapos na cabeça

Foi num Spa que tudo começou. Eu e Sílvia nos conhecemos dentro de um deles e, fugindo à exceção, nos tornamos amigas além de seus muros também.

Primeiro, há que se explicar por que as pessoas não levam a amizade que se desenrola, tão íntima, dentro de um Spa, para fora dele.

É o seguinte: a grande maioria das pessoas que procura um hotel dessa espécie está numa situação-limite. Ninguém vai pagar os tubos para ficar olhando o céu e comendo grama: todo mundo quer resultado, perder peso mesmo, e quanto mais em menos tempo, melhor. Você já foi a um Spa? Então sabe o nível de intimidade que se cria lá dentro: todos no mesmo barco, morrendo de fome, fazendo contas diárias da perda de alguns gramas multiplicados pelos dias que ainda virão, babando nos comerciais da TV e nas comilanças das novelas.

Sem trânsito, trabalho ou crianças, não há muito o que fazer a não ser conversar. Conversa-se demais em Spa, o tempo todo, e de tanto conversar o diálogo rola a ribanceira e cai no desabafo rasgado. Ouvei um velhinho — cuja barriga não o deixava cortar as unhas dos pés há mais de vinte anos — rigoroso na sua timidez de primeiro dia, lá pelo décimo quarto acordando lampeiro e expondo a pleno pulmões, todo animado: "Hoje eu tive uma ereção!" (Esse é o efeito-Spa favorito dos homens: sem qualquer aditivo químico, necessário dizer.)

Perdem-se as vergonhas num Spa: primeiro as vergonhas físicas, pois todo mundo tem a mesmíssima silhueta em diferentes proporções; depois a vergonha moral, já que ninguém pretende continuar a amizade depois da internação — e como o mundo não é

tão pequeno assim como pintam, não é uma delícia desabafar tudo o que quiser com um estranho que provavelmente nunca mais cruzará o seu caminho? Ninguém faz força para manter contato justamente por isso.

Quando é dia da saída de alguém, a pessoa se despede emocionada com uma coleta hipócrita de endereços e telefones para os quais nunca escreverá ou ligará. E isso não faz com que o Spa seja menos divertido: ao contrário, essa é a graça.

Mas com Sílvia foi diferente: nós criamos uma sólida amizade nos incontáveis cafés da manhã minguados que tomamos juntas.

Sílvia tinha uma esquisitice (tudo bem, depois eu conto uma bobagem minha para equilibrar): ela guardava dentro do porta-luvas do seu carro um pacote de Doritos. No Spa em que ficávamos, os funcionários não revistavam carros, quartos ou malas atrás de comida: se resolvêssemos quebrar a dieta, o problema era exclusivamente nosso.

Muito bem. Sílvia, nos vinte e seis dias em que estivemos juntas no Spa, nunca avançou no tal pacote de Doritos. Segundo ela, a certeza da proximidade física do *snack* — que era seu petisco preferido — transmitia uma segurança sem igual. Só em saber que o pacote de salgadinho estava ali, ao alcance de um desejo mais impulsivo, fazia com que ela ficasse calma e sua vontade de comer passasse. Bem, passava só a dela: eu estava doida para raptar aquele Doritos e todas as noites, depois do jantar, quando estava bem escuro, eu subia até o estacionamento para tentar roubá-lo. Contudo, invariavelmente, a cinqüenta metros do carro já dava de cara com a Sílvia, como um guarda-noturno de museu, assegurando aquela preciosidade toda. Eu sempre dizia que estava passeando para digerir melhor a lauta refeição (que havia virado poeira no meu estômago): lógico que ela não acreditava em mim. Não consegui assassinar aquele pacote: ele entrou e saiu do Spa como veio ao mundo, fechadinho.

Um ano depois, exatamente em 96, fui visitar Sílvia em sua chácara em Campinas e a encontrei completamente desesperada.

OK, antes disso eu havia prometido contar uma esquisitice minha: já que de perto ninguém é normal, vá lá. No Spa, todas as manhãs, ao sentar-me à mesa para o café, eu desfazia a dobradura normal do guardanapo, enrolava-o na forma de uma tripa e o punha sobre a minha cabeça, solto mesmo, prestes a cair. Ficava eu o café inteiro — que nem era tão inteiro assim — com o guardanapo sobre o cabelo em sinal do meu profundo mau humor matutino. O guardanapo era um aviso: "Não fale comigo nos próximos quinze minutos ou eu posso te morder."

Sílvia havia chegado depois de mim ao Spa e não entendia meu constante mau humor até que, certa manhã — creio que na sua segunda semana internada —, ela se sentou para o café e repetiu meu gesto, colocando o guardanapo sobre a cabeça. Permanecíamos então, as rabugentas, resmungando feito velhas mal-amadas o desjejum inteiro. Sílvia aprendeu: depois da cetose, vem o guardanapo na cabeça.

Voltemos a 96, quando a encontrei desesperada. Logo que cheguei em frente ao portão da casa de Sílvia, notei uma série de caixas de papelão fechadas sobre a pick-up dela. Estaria se mudando? Talvez. Quando toquei o sino do portão e ela apareceu, levei o maior susto: ela estava toda descabelada, com olheiras fundas, carregava debaixo do braço uma caixa fechada igual às outras e trazia o telefone encravado entre o pescoço e o ombro, gritando ao seu interlocutor: "Mas como vocês fazem uma coisa dessas? Isso é um absurdo, uma falta de respeito!"

Resolvi aguardar o fim daquele gentil colóquio para nos cumprimentarmos, porém Sílvia foi fazendo sinal para que eu entrasse enquanto dava continuidade à batalha telefônica: "Eu sou uma consumidora assídua faz seis anos! Nem você sabia que esse produto estava há seis anos no mercado, aposto! Mocinho, eu não

vivo sem Doritos sabor natural! Que história é essa de o retirar do mercado assim sem mais nem menos? Falta de respeito, sim! Eu não quero mais falar com vocês da central de atendimento, quero falar com o presidente da Elma Chip's! Me dá o telefone dele, o endereço, qualquer coisa: eu vou atrás desse homem até no inferno! Ele vai ter de me escutar!"

O telefonema foi se prolongando tanto que resolvi brincar com as cadelas de Sílvia — uma weimaraner e uma dogue alemã — e lá fui eu para o quintal. Uma hora depois, Sílvia aparece, dessa vez só com um molho de chaves na mão.

— Vamos, fofinha, vamos embora!

— Pra onde, Sílvia? Eu acabei de chegar!

— Prós supermercados! Vou dar mais uma ronda pra ver se ainda sobrou algum Doritos sabor natural! — O quê???

— Ai, menina, você não sabe? Tiraram o Doritos sabor natural do mercado! Dá pra acreditar que eles fizeram essa loucura? Substituíram pelo Doritos sabor pizza. Você já comeu? E completamente diferente do sabor natural: um crime! Como é que eu vou viver?!

Pois é. Embarquei com a Sílvia numa *via crucis* pelos armazéns, padarias, vendas, super e hipermercados de Campinas atrás do estoque restante do Doritos sabor natural. Ficamos o dia inteiro nessa procura — e olha que ela já havia varrido a maior parte da cidade no dia anterior, pode?

Ela conseguiu juntar, no fim daquele dia, quarenta e duas caixas fechadas com o tal Doritos e à noite, depois de tanta correria, eu pedi:

— Sílvia, me arranja um pacote aí pra eu comer essa maravilha que o mercado está aposentando.

Sílvia arregalou os olhos, pegou um guardanapo, dobrou-o em forma de tripa, colocou sobre a cabeça e sentenciou, solene, com a voz bem baixinha, quase entre dentes:

— Só por cima do meu cadáver!

— Mas Sílvia, esse troço tem data de validade! Se a gente não comer, um dia apodrece tudo!

Nada feito: ela nem quis me escutar.

Durante a noite, levantei para tomar um copo d'água e encontrei Sílvia em vigília, ao lado das caixas de Doritos, com uma espingarda carregada e as cadelas por perto.

Logo cedo, fiz minha mala para ir embora: ela estava se preparando para varrer as regiões vizinhas atrás do Doritos sabor natural e eu não queria fazer parte da nova empreitada. Despedi-me desejando sorte em sua busca.

Voltei à chácara de Sílvia uns três meses mais tarde. Encontrei a casa em reforma: ela estava construindo um abrigo subterrâneo para guardar as trezentas e setenta e oito caixas de Doritos amealhadas em exaustivas capturas pelo estado.

Sílvia hoje continua a mesma pessoa adorável de sempre: a única diferença é a chave do abrigo-antiladrões-de-Doritos-sabor-natural sempre pendurada ao redor do seu pescoço, chocalhando feito sino de vaca.

Semana passada, Sílvia me ligou do pronto-socorro: o namorado quis tirar a chave do seu pescoço para acariciá-lo melhor e levou uma dentada na orelha. Ela me disse que não gosta nem de orelha de porco com farofa, mas que para defender o patrimônio histórico que possuía sob sua casa era capaz de qualquer coisa.

Ontem ainda ouvi dizer que Sílvia recebeu um telefonema de solidariedade do Mike Tyson. Quando soube com quem estava falando, ela inquiriu mais que depressa:

— Mike, meu chapa, você conhece o presidente da Elma Chip's? Conhece?

A máscara da convivência

Sueli tomava o mesmo ônibus todos os dias levando consigo uma frasqueira preta, dois passes e uns trocados no eterno bolso do blazer de linho bastante largo e confortável em que sua figura redonda se protegia mais e melhor das zombarias alheias.

Apesar de morar numa cidade grande, era bastante comum encontrar os mesmos passageiros, o mesmo motorista, a mesma cobradora: a todos cumprimentava com um suave balançar de cabeça enquanto o suor já ameaçava escorrer pelas axilas, já que ela não tirava o blazer nem no mais alto verão. Parecia preferir uma forte enxaqueca a passar vergonha.

Chegava ao trabalho, impreterivelmente, antes das oito e meia. Dirigia um aceno suficiente ao porteiro, à recepcionista e à copeira, variando comentários sobre como o tempo, o trânsito ou o estado dos elevadores sempre desnivelados eram incômodos.

Por volta das nove e meia, Sueli dispunha sobre a mesa do chefe os pagamentos do dia acompanhados dos respectivos cheques enfileirados em cascata com notas explicativas, os principais jornais, bem como um novo par de luvas descartáveis para seu manuseio e as cartas prontas para assinatura numa pasta plástica azul, caso ele não desejasse despachar pessoalmente, o que era usual. Comunicavam-se por bip, celular e telefone comum o expediente todo, mesmo quando estavam apenas a alguns metros de distância.

Ainda cedo, ela ouvia todas as secretárias da empresa dando seus gritinhos matutinos seqüenciais enquanto Adriano, o estagiário xodó de todas elas, fazia sua peregrinação, assustando-as pelas costas, para deleite coletivo. Com Sueli, entretanto — pessoa seríssima a quem parecia faltar, inclusive, um certo senso de humor —, ele jamais tomara tais liberdades.

O office-boy responsável pela circulação dos documentos internos cruzava a mesa de Sueli nas mais diferentes horas, várias vezes por dia, e guardava-lhe profundo respeito por nunca ter presenciado outra fisionomia em seu rosto que não a placidez-prestativa-humilde-quase-triste de uma boa secretária.

Mais que uma boa secretária: Sueli era uma boa secretária gorda, o que a fazia bem mais humilde, servil e prestativa do que as outras, já que parecia dever algo aos superiores e colegas pelo simples fato de eles serem tão condescendentes para com sua deformidade plástica. Tinha de ser ou agir como se fosse grata: eles a haviam contratado mesmo sabendo que ela se locomoveria mais devagar do que as outras secretárias quando estivesse, por exemplo, servindo a uma reunião importante.

Ao meio-dia e meia Sueli subia até o refeitório e preparava, diariamente, um diet shake como almoço. Limitava-se a comentar com os colegas de trabalho, que também usavam o refeitório, o quanto, para ela, era difícil emagrecer, que fazia dieta o tempo todo e ainda assim não emagrecia um grama e que só quebrava o regime nas festinhas da empresa, afinal é até falta de educação não comer o bolo que o chefe oferece de graça.

Depois da refeição frugal, Sueli descia para o seu andar e pegava, dentro de uma gavetinha sempre trancada, sua frasqueira preta (cujo conteúdo jamais fora revelado a ninguém) e um *nécessaire* para higiene pessoal. Também recolhia os jornais já liberados pelo chefe e se fechava no banheiro, àquele horário sempre vazio. Aproximadamente uma hora mais tarde, retornava ao trabalho, mesmo que este consistisse apenas em estar ali, solícita.

Nunca entrava em discussões ou fofocas e, escusando-se a pretexto de muito, muito trabalho, retirava-se das aglomerações ao redor da máquina de café sorrateiramente, quase de cabeça baixa, para não ofender ninguém. Quando a situação impunha a obrigatoriedade de um comentário, concordava com a maioria e

emendava com uma queixa qualquer contra o prefeito ou o governador.

Ao se despedir, às seis da tarde, desejava a todos um bom descanso, amavelmente. O ritual de Sueli no escritório, semana após semana, fluía imutável.

Foi um choque quando souberam-na presa por desacato à autoridade.

Seu chefe — sempre frio e distante até então — decidiu não medir esforços para libertá-la do que só poderia ter sido um engano. Na delegacia, soube que Sueli fora presa em uma casa noturna suspeitíssima quando, se recusando terminantemente a ser revistada, dera um tapa de mão cheia no rosto de um policial. Não poderia ficar detida por muito tempo, mas, ao menos, passaria a noite ali como reprimenda, disse o delegado.

O chefe não quis vê-la, não estava acostumado a encará-la, ainda mais numa situação extraordinária como aquela. Preferia agir a ouvir lamúrias. Após uma operação simples que envolveu duas mãos molhadas a preço módico, ela foi solta e sua ficha magicamente limpa.

Depois de um banho demorado em casa, Sueli ligou para o celular do chefe e, chorando de mansinho, agradeceu sua atitude, digna de um homem bom. Segredou-lhe, entre diminutos soluços, ser um ex-namorado de sua irmã, de nome Geraldo, o policial que a prendera. Ela havia presenciado, há alguns anos — absolutamente por acaso, quando saía de um seminário para secretárias num hotel finíssimo — , o próprio acompanhado de uma dama vulgar em atitude indubitavelmente culposa. Arrependera-se amargamente por ter contado o ocorrido à irmã, que se perdera no mundo depois da traição sofrida e hoje era cafetinada justamente pelo ex-namorado, um policial corrupto. Estava ela resgatando a pobrezinha de uma casa de espetáculos duvidosa quando o drama se desenrolara.

O chefe considerou desnecessários os agradecimentos e explicações, posto que acreditava nela; era sua secretária há seis anos. Ordenou que voltasse ao trabalho e esquecesse o ocorrido. Na mesma tarde, transmitiu um *mail* a todos os terminais do escritório — com exceção do dela — no qual se lia: "Nossa respeitável colega foi vítima de uma ação inescrupulosa da polícia. Qualquer comentário sobre esse assunto, com quem quer que seja, será considerado por mim falta grave, culminando em demissão sumária. Ajam normalmente."

Dessa forma, Sueli voltou ao trabalho e à rotina. Os funcionários, apavorados com a perspectiva de perderem o emprego, nada comentaram aos borbotões, como era de se esperar num caso como aquele. Aos poucos, de baixinho nos banheiros o assunto passou a não ser mais discutido e, por fim, foi esquecido. Tudo voltara ao normal.

Um ano se passou até que, numa quarta-feira de cinzas, Sueli disse ter recebido o telefonema de um primo-irmão comunicando o falecimento de sua mãe e a conseqüente necessidade de sua volta imediata à cidade natal. Expôs o fato ao chefe, contendo as redondas lágrimas num lençinho violeta, e este lhe concedeu licença por três dias úteis.

Assim que chegou em casa, Sueli abriu a misteriosa frasqueira preta. De dentro dela diversos raios acinzentados brotaram em filetes fracos e curtos. Ignorando a estranha luminosidade, ela umedeceu cuidadosamente as pontas dos dedos num fluido gelatinoso que tomava quase todo o conteúdo da frasqueira, levando-as ao queixo e à frente. Alguns segundos depois, bordas sintéticas começaram a despregar de seu rosto qual clara em neve em tigela de louça. De posse das pontas, tirou, sem a menor dificuldade, uma máscara cor da pele contendo um ar de placidez-prestativa-humilde-quase-triste, mergulhando-a, imediatamente, no fluido indefinido com cuidado para que, ao trancar a frasqueira, a estranha película não grudasse nas suas extremidades secas.

Apanhou vários vestidos leves e coloridos de verão, uma jaqueta de couro surrada, uma colônia, duas sandálias e jogou-os, displicentemente, dentro da mochila aberta sobre a cama. Foi até a sala, abaixou-se em frente a uma estante de madeira e, ao retirar alguns livros, um fundo falso foi revelado. Passou a mão na frásqueira e encaixou-a com toda delicadeza na abertura. Algum tempo depois, fechou o gás e os registros de água, desligou a chave geral da eletricidade e trancou a porta atrás de si.

Ao entrar no elevador, demorou-se alguns instantes admirando o próprio rosto: tez morena e delicada colorida por bochechas róseas, olheiras sutis, cílios longos, olhar leve e expressivo e um sorriso jovial, fresco, cintilante mesmo, escorrendo farto pelos cantos da boca.

Voltou quatro dias depois, no domingo à noite. Foi direto para a cama sem sequer acender as luzes do apartamento. No dia seguinte, acordou quarenta minutos mais cedo que de costume.

Tomou um banho cuidadoso, escovando com habilidade uma camada dourada de purpurina dos olhos, do colo, da barriga, da parte frontal das coxas e dos cabelos, prendendo-os, ainda molhados, num coque na altura da nuca; comeu três sanduíches com geléia e queijo prato, um copo de leite com chocolate e duas cocadas caseiras; vestiu-se toda de cinza e verde-musgo; encontrou no bolso da jaqueta de couro a falsa certidão de óbito de sua mãe (para, mesmo não sendo necessário, mostrá-la ao chefe) e passou-a para o blazer de linho; recuperou a frásqueira do fundo da estante, recolocou sua máscara da convivência e saiu para o escritório protegendo devidamente sua desafiadora e desaforada alegria de viver gorda.

Os homens são todos iguais

Na hora "h" eu vou ter de contar. Não conseguirei esconder a verdade dele por mais tempo, mesmo querendo. Essa praia, noite estrelada em capacidade máxima, cheiro de flor, atabaques ao longe e o vento carregando toda essa atmosfera para dentro do apartamento em que estamos agora. E eu aqui, tendo de confessar para ele que... tão bonito, os enormes olhos castanhos cravados nos meus, nem suspeita.... como me defenderei de um possível questionamento sobre doença mental, problemas psicológicos, trauma de infância, quando ele souber?

Eu que até esses meus vinte e oito anos já ouvi frases as mais agressivas e humilhantes ("não acredito", "que droga", "por que você não me falou antes?", "sai daqui", "você tá brincando, né bonitinha?", "ih, você precisa resolver esse problema logo"), estou mais escaldada que gato de mergulhador profissional.

Como irei lhe explicar que sempre tive muita, mas muita vergonha mesmo, de revelar por completo minhas infelicidades plásticas e que isso me fez chegar aos vinte e oito anos virgencinha da silva?

Como fazê-lo crer que eu o tenho em altíssima conta, que o considero ideal para mim, tão carinhoso como é, que penso em me casar com ele, sem parecer precipitada? Valdemar me parece diferente de qualquer outro rapaz que tenha se interessado por mim. Será que ele vai ser cuidadoso ao resolver esse meu problema?

Está me olhando com uma cara de que sabe de tudo... posso até ver uns lampejos de piedade nos seus olhos. Será que ele está pensando que eu sou uma coitadinha indesejada e que ele vai me fazer o favor de realizar o serviço sujo de uma vez?

Mas por que ser virgem é um problemão se há muito pouco tempo todas as garotas tinham de ser puras, se não ai ai ai? Há trinta anos eu seria uma pérola de moça e hoje sou a rejeitada do Pari? Pensando bem, é muito atrevimento da parte dele ficar me olhando com cara de pena só por causa disso: quem ele pensa que é? Isso não é justo, nem certo: não tenho de me submeter aos costumes de meia dúzia de perdidas e alguns garanhões sem-vergonha! Tem cabimento eu ser anormal só porque sou virgem?

E tem mais, eu sei bem em que estado lastimável estão as partes pudendas das minhas amigas com vida sexual ativa: é candidíase, vaginite ulcerativa, cervicite erosiva, gardnerella vaginalis que não acaba mais! E dá-lhe tudo quanto é remédio: Gyno-Icaden, Gyno-Fungix, Gyno-Iruxol, Flagyl, Pletil, Flogo-Rosa, Zoltec, Zolzan, Zanzanenê... Quer saber? Não estou gostando nem um pouco dessa cara de dó que ele está fazendo para mim! Metidinho a gostosão! Eu sou é boa demais para esse cara!

— O que aconteceu, Lu?

— Acho melhor você ir embora.

— Mas que foi?

— Agora! Eu não vou ficar aturando mais essas coisas!

— Que coisas?

— Nada, nada! Vocês nunca sabem de nada, nunca fazem nada. São uns santinhos do pau oco. Vai embora, Valdemar, eu não quero mais ver você nem pintado de ouro!

— Você quer me fazer o favor de dizer o que que eu fiz?

— Mas você é muito cara-de-pau mesmo, hein? O que você fez? Você sabe muito bem o que todo mundo faz, o que você faz

também: vai embora e vê se não aparece nunca mais na minha frente! Some, rua!

— Você tá louca, Lu?! Estava tudo bem e de repente você dá um pulo e começa a falar essas doideras!

— Claro, agora eu que sou louca, né? Vocês homens são todos iguais!

— Lu?!

— Não me chame de Lu, pra você eu sou Luciane, ou melhor: dona Luciane! Eu sei muito bem o que você está pensando: que se ninguém me quis até hoje é porque eu não valho a pena, é porque sou carne de segunda. Eu não sou um pedaço de carne de segunda, tá legal? Nem dura eu sou, tá vendo aqui? Sou mole, meu filho, bem mole! Eu sou um filé mignon!

— Do que você está falando???

— Ahá! Pensou que eu nunca iria adivinhar suas verdadeiras intenções? Enquanto você ia com a farinha eu voltava com a broa!

— Você precisa é de uma camisa-de-força. Eu vou embora!

— Vai mesmo! Você não tem mais nada pra fazer aqui agora que sua máscara caiu!

Ele foi embora. Está vendo como são todos os homens? Uns cafajestes que só pensam naquilo, não assumem um compromisso sério, não querem nada com a hora do Brasil e ainda ficam jogando na minha cara que eu sou gorda e virgem e não sirvo para eles...

Veja como são as coisas: eu quero, eu tento me relacionar, mas não encontro ninguém que preste neste mundo de meu Deus! Ninguém!

O medo do vento

Janaína, do alto dos seus catorze anos, olhou-se no espelho: as faces em brasa expunham todo o pânico que assolava sua alma adolescente. Não poderia, não conseguiria, é: não iria.

Felipe havia acabado de ligar convidando-a para um cineminha; logo ele, o garoto por quem era apaixonada desde a quinta série, resolve, três anos depois, para seu completo desespero, notá-la. O tal "cineminha na tarde de sábado" significava que ela teria, em primeiro lugar, de comparecer ao encontro. Frente a essa verdade irrefutável sentiu a pressão cair, amparou a cabeça zonga nas mãos geladas e sentou-se rapidamente no banquinho plástico do banheiro.

Como esconderia sua barriga protuberante, seus seios imensos e seu magno culote? O cabelo já ia pelo meio das costas, mas ainda não era capote suficiente. Um encontro como aquele pedia uma roupa diferente do uniforme azul-marinho cujas mangas do casaco se encontravam esgarçadas por estarem constantemente — inclusive no inverno — presas aos quadris: pedia algo esbelto, esguio.

E se não fosse? E se dissesse que tinha esquecido um outro compromisso? Não. Felipe era especial demais para que ela o fizesse pensar o contrário. Doença! Doença é a desculpa mais comum: catapora, caxumba, sarampo, quem sabe uma pneumonia dupla e, assim, ganharia tempo para emagrecer até um outro convite de Felipe... Entretanto, não poderia sustentar a mentira virótica por muito tempo e, além do mais, seria um pouco difícil, para não dizer absolutamente improvável, que tais sintomas amadurecessem da sexta para o sábado.

Decidiu-se por um pé torcido, afinal pés se torcem de uma hora para outra, e já dera um passo em direção ao telefone a fim de acabar com aquela agonia — só o fato de Felipe a ter convidado

para sair já era alegria para mais de ano na cronologia adolescente, época em que um nada de ilusão ainda alimenta — quando o dito tocou.

A voz amiga de sua prima Carla, revendedora de roupas, de quem Janaína era freguesa assídua, fez uma luz-de-fim-do-túnel acender em seu rosto.

— Carlinha, você me caiu do céu! Preciso urgente de uma roupa que me deixe magra para um encontro. Magra, Carlinha, magra!

Pois como não. Carlinha havia acabado de comprar uma leva de roupas com novidades à beca. Janaína correu para a casa da prima e, instalada com conforto no quarto de casal improvisado como provador, começou a experimentar tudo o que encontrava pela frente, inclusive peças que, visivelmente, não entrariam nem no seu tornozelo.

Após atender a uma cliente que viera comprar o *kit* da "dieta popcorn", Carlinha — que também vendia dietas — entrou no quarto encontrando Janaína com um ar desconsolado diante da montanha de roupas.

— E aí Janinha? Gostou de alguma coisa? Não? Vou te ajudar: comprei umas calças de lycra — ainda estão no armário — que são um arraso! Certeza que pelo menos uma delas vai ficar perfeita em você.

Mas, porém, contudo, entretanto, outrossim, Janaína queria ficar magra — magra de uma hora para a outra. Portanto, nada poderia ser mais adequado do que se enfiar numa calça um número menor que seu manequim. E ela fez questão disso, bateu o pé, fechou assunto. Carlinha, em respeito, inclusive, aos laços sangüíneos evocados por Janaína, consentiu e foi buscar a calça.

Assim começou a operação que poderíamos rotular como "preciso dessa calça agora", ou "engordei um pouquinho, mas deve

entrar", talvez "como enfiar a calça jeans da sua irmã caçula", ou quem sabe "sem lenço e sem documento nos bolsos senão eles rasgam" e, por que não?, "mamãe, arranja talco"...

Talco foi a única solução viável encontrada por Carla para que aquele pedacinho de pano elástico pudesse, talvez, entrar no corpo da prima.

Janaína besuntou-se com o pó cheiroso, especialmente nas coxas e em parte dos glúteos, e começou a puxar a calça, alternando cinco centímetros do lado esquerdo para cima, cinco do lado direito, sob o olhar apreensivo de Carlinha.

Quando a calça chegou à altura dos quadris (a ciência deve explicar isso de algum modo) uma cena dantesca havia se delineado. A silhueta das pernas de Janaína assemelhava-se a uma caixa d'água municipal: espremida na base e represada em forma de cogumelo no topo, a banha caindo por sobre a costura para lá de resistente.

Decidida, Janaína enroscou os dedos no passador do lado esquerdo e, dando um pulo aflito, conseguiu que ela subisse mais um pouco. Repetiu a operação com o passador do lado direito e assim, de pulo em pulo, um suadouro danado, a calça entrou. Entrou, mas não fechou. Com medo de estourar o zíper ou o dedo — já sangrara várias vezes o indicador tentando fechar zíperes — , deitou-se de costas numa clareira previamente aberta na cama para esse fim e rogou a Carla que a ajudasse.

— Vamos lá, Carlinha, tá quase, tá quase...

Assim como o subir, o fechar da calça envolvia toda uma técnica especial: enquanto Carlinha segurava um lado do zíper ao encontro do outro com força, no mínimo, brutal, Janaína o subia um pouquinho, mais uma seguradinha, mais uma fechadinha, mais uma forcinha, mais uma subidinha.

O resultado foi algo que Deus só não duvida porque permitiu que o homem, usando a inteligência por ele concedida, criasse coisas, por exemplo, como calças de lycra. A calça jeans pura, quando não entra, não entra e pronto: pode-se mugir, zunir, urrar. Mas a de lycra... estica. E se estica, tem de entrar.

O que se via no quarto abafado era o seguinte: Carlinha, encolhida no chão, assoprava as mãos inchadas enquanto Janaína, deitada na cama, molhada de suor, respirando como uma asmática, chupava o vinco profundo formado no dedo indicador.

Depois de alguns minutos descansando, Janaína rolou pela cama e, se apoiando na parede como uma lagartixa, ficou de pé. Sorriu para a prima.

— Ela está ótima, uau! Vou ficar sem comer hoje e pra poder sentar no cinema... meio inclinada, mas tudo bem. Olha como estou magrinha!

De fato, da barriga para baixo, estava magrinha. A cintura de Janaína — pois possuía uma e até bem definida — havia sumido por completo, já que toda a banha de baixo pulara para cima, recheando-a com pneus tala-larga e estômago de pomba exagerados em relação à realidade. Não que fosse magra: era uma adolescente, como centenas de outras, apenas cheinha; nada que justificasse tamanho sacrifício. Todavia, na cabeça de Janaína, seu corpo era o exato clone de um bípede massudo.

Ela voltou para casa cheia de alegria e expectativas pelo encontro do dia seguinte. Compôs um conjunto combinando o azul profundo da lycra com um camisa vinho, um lençinho azul do tom da calça para amarrar no pescoço e um sapato modelo boneca marrom-avermelhado.

A noite, não jantou. No sábado, não tomou café da manhã nem almoçou: se manteve em pé apenas com um copo de leite desnatado e meia pêra — para evitar mau hálito.

Dezessete horas. Dentro de casa, pronta, sentia-se segura e bonita — apesar da respiração entrecortada. Saiu.

Entrou no metrô. Assim que o primeiro vento tocou o corpo de Janaína, sua posição altiva começou a ser minada. A roupa colou-se em seu corpo sem folgas, evidenciando cada milímetro excedente. Ela vergou-se, puxou o blusão para frente em sentido oposto à pele a fim de que as gorduras saltadas não aparecessem, tornou-se corcunda, não abriu os braços, o rosto contraiu-se numa careta.

A corrente de ar contínua nos corredores cimentados foi deixando-a, em princípio, angustiada: não conseguiria esconder do mundo suas excrescências se houvesse um mínimo de vento onde quer que fosse. Quando passou pela roleta, a angústia evoluíra ao desespero e, mais tarde, à profunda tristeza e incapacidade diante da vida.

Arrastou-se, desanimada, até o encontro. Assistiu ao filme com Felipe, que mesmo saudando-a com olhos sinceramente interessados, mesmo dizendo com todas as letras que ela estava linda aquela tarde, mesmo tentando em vão abraçá-la, tocar sua mão, dar-lhe um beijo, não fez brotar sequer um sorriso nos lábios de Janaína ou diminuiu a tristeza que havia se tornado, em curto espaço de tempo, sua dona e senhora.

Quando, em casa, pôde ela se livrar da calça — para isso passando por nova operação complicadíssima —, apanhou o bolo de chocolate congelado do seu aniversário e, lascando a obturação de um molar na pedra gelada, pôs-se a comer como louca.

Desde então, com medo do vento a encontrar, a menina Janaína nunca mais saiu de casa, nem deixou que qualquer arzinho novo entrasse pelas janelas, portas ou frestas. A calça de lycra, aquela mesma, transformou-se num rolo improvisado, tapando eternamente o vão da porta de entrada, por onde uma brisa costumava entrar vez em quando.

Uma pessoa analisada

Três anos de terapia e emagreci de uma vez para sempre: por isso resolvi me dar alta. Meu analista disse que, muito pelo contrário, eu estava numa fase delicadíssima — e mais um monte de observações que não me interessa agora. Estou ótima.

Muita coisa mudou e eu adoro falar da minha marcha vitoriosa sobre a dependência da comida. Senta aqui, vou te contar.

Já faz dois anos e três meses que mantenho o peso, e tudo isso graças a um intenso mergulho nos meus próprios conflitos: sabe como é, para gordo comida é solução dos problemas. A grana estava curta? Eu comia. Levava um fora? Comia. O chefe dava uma bronca daquelas de fazer chorar? Comia. E nem precisava muito. O Brasil perdia a Copa? A TV a cabo caía no fim do filme? A fila pro cinema dava a volta no quarteirão? Qualquer probleminha era desculpa; mas isso, lógico, antes de eu ser essa pessoa analisada, pronta, que sou agora.

Uma pessoa analisada identifica claramente as próprias válvulas de escape: a minha era comida. Era. Passado. Sou uma mulher livre desses problemas de dependência faz dois anos e três meses, já disse. Foi quando conheci o Fábio. Me lembro muito bem de tudo, desde o começo.

Nos conhecemos quando uma turma grande se reuniu para comer pizza no feriado de Tiradentes. Nos sentamos em mesas separadas e eu notei algo de incomum nos olhares que aquele rapaz moreno me lançava: ele movia os olhos para a direita, segurava o queixo com a mão e deitava suavemente a cabeça também para a direita, sempre que eu o olhava; uma sedução sem tamanho. Na terceira vez em que ele repetiu o movimento, acenei em silêncio, "é comigo?", e ele consentiu com a cabeça; "lá fora?", e ele consentiu

novamente. Ele poderia ter se levantado e me convidado para conversar no jardim; porém, sem dúvida, era muito mais excitante convidar-me sem palavras ou alarde, sem atrair a atenção de ninguém. Me levantei da mesa sem dar explicações, pois havia chegado sozinha.

A noite estava linda: não sei da temperatura, nem se havia estrelas, se era lua cheia... Ela estava linda porque eu queria, porque ela já era linda sem necessidades. Alguns minutos depois, Fábio apareceu e começamos a conversar bobagens cotidianas até que ele encostou a mão no meu rosto e se aproximou um pouco, apenas o suficiente para que eu me visse refletida em seus olhos verdes.

Pela primeira vez na vida vivi uma situação típica de cinema americano, telenovela, dramalhão e mais todos os clichês do mundo juntos. Quando nossas bocas estavam se aproximando lentamente, tão lentamente que o aproximar era imperceptível porém inexorável, o babaca do Jaime, que cismou com a minha cara, aparece berrando, já meio alcoolizado: "Foi aí que você se enfiou, sua sumida!" Por que diabos aquele estrupício tinha de ir atrás de mim? E eu estava tão a fim de dar aquele beijo no Fábio... Logo em seguida, ele foi embora: que situação desagradável! Acabei voltando com o Jaime para a pizzaria só para ter o prazer de dizer "não, obrigada" para quem me oferecesse um pedacinho de calabresa, de napolitana, de portuguesa.

Certa vez fui a uma festa de Ano-Novo em que ninguém dava a menor bola para mim, então saí da casa onde a festa rolava e resolvi passar o ano sentada na calçada olhando uma fileira de formigas triturar um pão velho. Naquela noite, ninguém veio me procurar, embora eu desejasse muito que uma pessoa, que qualquer pessoa, sentisse a minha falta e não me deixasse sozinha bem na passagem do ano. E justamente quando queria que o mundo inteiro — menos o Fábio — esquecesse que eu existo, o mundo resolveu não me deixar em paz. É a lei de Murphy mesmo.

Péssimo para um primeiro encontro, não é? Entretanto, consegui o telefone dele e, depois de uma certa canseira que ele me deu para se fazer de difícil, acabamos nos encaixando, como tinha de ser.

Admito que o Fábio nunca foi muito católico no nosso namoro: é o jeito dele. Aquário, menina. Homem de Aquário é o bicho mais escorregadio do planeta!

Ele andou pisando na bola comigo no último ano, mas agora está tudo bem. Sabe quando a gente só quer estar com *aquela* pessoa vinte e quatro horas por dia? Quero estar com ele vinte e cinco, se possível. Eu o adoro, mais do que isso, é muito mais.

Como já disse, houve um tempo em que ele mergulhou numa má fase. Primeiro começou a não me pegar mais na faculdade — e não tinha desculpa para isso, pois a minha era ao lado da dele — , depois furou comigo em vários encontros e eu me senti tão insegura... Até que ele me deu o fora: assim, sem mais nem menos. Pensei: "Ele não pode fazer isso, não vou deixar, preciso dele, ele é mais do que o mundo pra mim!" Implorei para que voltasse e ele, irredutível.

Então eu pichei, pichei sim. Pichei o muro da casa do Fábio. Ele não respondia aos meus telefonemas, o que que é isso? Ele não tinha o direito de me seduzir, me deixar apaixonada e, de repente, me abandonar como um chinelo velho: isso não é justo! E eu não ia deixar.

Comecei a segui-lo. Se ele tivesse outra, iria descobrir e aí, coitada da piranha. Depois de apenas — veja que miséria — dois dias, o peguei com outra, num barzinho, aos beijos e abraços. Quando vi aquela cena, ali de longe, não quis nem saber! Saí do carro, fui até onde eles estavam e fiz o maior escândalo: derrubei suco de laranja na cara da bruaca, arranquei um monte daqueles cabelos oxigenados, soltei a mão com vontade!

Claro que o Fábio ficou do lado dela naquele dia, me empurrou para longe, me chamou de louca e outras coisas. Ih, foi péssimo, mas eu não desisti! De jeito nenhum. O Fábio é tudo o que tenho de mais precioso, de vital mesmo! Eu lutaria por ele todas as batalhas do mundo, se preciso fosse; pegaria até em armas, se você quer saber.

Aí sabe o que eu fiz? Fui até o Jockey Club e enchi uma caixa de sapato com estrume de cavalo, muito estrume, bem fresquinho. Depois, em casa, embrulhei para presente o pacote e mandei entregar no trabalho da fulaninha. É: a miserável trabalha com ele. Ainda trabalha, porém não me faz afronta alguma agora. Escrevi um bilhete para ela dizendo que se afastasse do meu namorado ou aquele estrume todo iria parar na sua boca à força: e eu não estava brincando! O Fábio me ligou, meia hora depois da entrega, calmo, dizendo que precisávamos conversar, só nós dois. Achei que eleja havia recobrado o juízo e iria voltar para mim, mas ele estava confuso ainda. Disse que eu precisava de tratamento, que estava desequilibrada, que era compulsiva e não tinha limite. Que bobagem... Logo eu, uma pessoa analisada! Tudo o que precisava era dele, só dele, nada mais: aliás, eu não preciso mais de nada.

Foi então que resolvi tomar uma atitude mais drástica: deixei um bilhete para o Fábio culpando-o pelo meu suicídio e tomei dez comprimidos de... isso não conto. Pode me dar problemas, sabe. Mas veja que não sou nenhuma tonta: eu sabia que não era o suficiente para me matar; pesquisei muito bem antes. É claro que não queria morrer, só precisava dar uma lição a ele, sensibilizá-lo, pelo menos enchê-lo de culpa, qualquer coisa que me ligasse a ele, que o fizesse recobrar a razão!

O quê? Eu poderia ter morrido mesmo? É... mas... ah, eu não morri: pronto. Não se fala mais nisso.

Eu amo tanto o Fábio! Nós tivemos momentos tão felizes! E vamos continuar a ter! Agora mesmo eu o estou esperando aqui no

hospital. Ele acabou de ligar e disse que estava a caminho, que vinha conversar comigo para pôr um ponto final nessa história. Viu? É claro que ele vai pôr — se já não pôs — um ponto final no seu caso com aquela fulana, o que mais poderia ser?

Imagina se eu, logo eu, iria deixar ele ir embora, assim. Nem pensar! Puxa, como preciso dele! Um docinho? Não, meu bem, obrigada. Pode comer na minha frente sim, eu não fico com vontade. Essa história de dependência é coisa do passado para uma pessoa analisada como eu.

Caroços são feitos para serem cuspidos

Sandra, com a cabeça baixa e os dedinhos rechonchudos cruzados, não conseguia encarar seu endocrinologista. Há um ano e meio ela havia sentado naquela cadeira, mesmo olhar triste, mesmas mãozinhas entrelaçadas, mesma expressão sofrida. Só que agora havia um elemento a mais: a vergonha.

Dr. Pietro inspirou longa e profundamente, expirou quase num espirro e, aborrecido como um professor severo, perguntou:

— Sandra, você estava tão bem. Vinte e um quilos perdidos, Sandra, vinte e um! Como é que pode você estar desse jeito?

Depois do silêncio, ele insistiu.

— O que aconteceu? Será que você pode me explicar o que significa isso em tão pouco tempo?

Os olhos inchados de Sandra brilhavam como um lago vertical: as lágrimas estavam lá, porém não escorriam. Seus pensamentos, durante a inquisição patética do médico, se voltaram não para o que a fizera engordar todos os vinte e um quilos novamente, já que nem ela mesma sabia. Lembrava-se do dramático momento em que, presumindo ter falhado, decidiu voltar ao dr. Pietro: naufraga, exausta, ainda teve forças para, movendo céus e montanhas, marcar aquela consulta. E agora tudo o que sentia — já que pensar lhe parecia inconcebível diante de tamanha onipotência — era o quanto aquele senhor rodeado por diplomas não percebia a incomensurável fragilidade de uma mulher obesa quando esta consegue, de forma extremamente dolorosa, levantar a mão e pedir ajuda. No seu caso, pior ainda: submeter-se a assistir ao mesmo médico que

acompanhou seu emagrecimento sorridente e orgulhoso lhe acender a fogueira sob os pés nus.

Como ele não percebia sua dor, se ela era palpável, visível, tinha peso, medida, diâmetro?

Dr. Pietro, ainda incomodado, incomodadíssimo, após consultar a agenda, disparou:

— Você pode responder a minha pergunta ou vou ter de cancelar todos os meus compromissos pra ficar te esperando?

Dr. Pietro — a seu ver — emagrecia criaturas irrecuperáveis. O que seriam daquelas mulheres danadas sem sua existência? Quantas moças e senhoras haviam passado por aquele consultório e estavam, felizes, desfilando seus corpinhos em biquínis sumários graças às suas mãos dadas? Quando uma ou outra fracassava, não era problema dele; afinal, o fracasso é comum às neuróticas, problemáticas e complexadas como Sandra.

No entanto, a verdade estatística era a seguinte: das pacientes que, após um emagrecimento satisfatório (graças aos seus próprios esforços e não às milagrosas palavras decoradas, tabelinhas e fórmulas do dr. Pietro), nunca mais retornaram ao seu consultório, oitenta e cinco por cento voltaram a engordar e procuraram outro médico, apenas como quem alterna, nas noites de verão, os sabores dos sorvetes; dez por cento recuperaram seu peso e um quarto a mais e se encontravam atualmente em profunda depressão; finalmente, as cinco por cento restantes acharam seus quilos perdidos, os multiplicaram por dois e foram internadas, pelos próprios maridos, pais ou responsáveis, nos Spas mais próximos.

Percebendo que Sandra mostrava sinais de comunicação, dr. Pietro esperou, um pouco mais tranquilo, pela confissão de culpa seguida de humilde pedido de ajuda.

No entanto, Sandra estava, naquele momento, mais preocupada com algo que a incomodava terrivelmente. Descruzou as mãos e sentiu, nítido, um caroço de manga preso à garganta. Levantou a cabeça e encarou dr. Pietro. Esticou o pescoço o mais que pôde, arrebitou o nariz adunco e pôs-se de pé, ágil, magra, gazela, enquanto o objeto saía de sua garganta, num jato, em meio ao desabafo:

— O senhor é um tremendo ignorante!

Hoje, dez meses mais tarde, Sandra mantém, sozinha e saudavelmente, os vinte e sete quilos emagrecidos sem grandes ansiedades, enquanto dr. Pietro ainda se recupera de uma cirurgia no olho esquerdo provocada, ao que parece, por uma lasca de caroço de manga que quase o deixou cego.

Era uma vez um Spa

— Eu, por via das dúvidas, estou escovando os dentes com sabão. Já parou para pensar quantas calorias por dia descem inadvertidamente pela sua boca enquanto você usa aqueles cremes dentais docinhos?

— Não: bom mesmo é passar duas semanas a abacaxi, só abacaxi. A boca estoura em aftas, mas isso é apenas um detalhe.

— Meu bem, o que é que você está fazendo aqui com apenas noventa e cinco quilos?

— Você já provou chantilly batido com raspas grossas de chocolate amargo em cima de um bolo de laranja? Nossa, é divino!

— Essas florzinhas da mesa são naturais? Quer dizer, comestíveis?

— Quantas calorias tem esse comprimido de vitamina C?

— Sei que não vou emagrecer os vinte quilos que quero em dez dias no Spa. Mas uns dez, talvez quinze quilos, já está bom, tudo bem.

— Então ele disse: "O fofa, me paga essa grana toda que eu te emagreço em menos tempo..."

— Isso é só um empurrão, sabe? Comprei o livro de receitas ultra-hipocalóricas e vou fazer tudo direitinho em casa, certeza!

— Não se iluda: isto aqui é uma internação.

— Me passa o vinagre? Hum, o quê? Você nunca tomou sopa com vinagre? Ah, mas aqui a gente aprende cada coisa...

experimenta, vai!

— Quem vem para um Spa e come escondido está se enganando. Ôps, essa uva no chão é minha. É minha, sim!

— Arranjar namorado é igual a regime: a gente faz umas cinqüenta mil tentativas; dessas cinqüenta mil, umas três ou quatro dão certo por tempo indeterminado. Se você passa da terceira semana já é vitória radiante: três semanas seguidas, lógico.

— Você sabia que nós vamos andar hoje até a Fazenda da Galinha Dourada? Se você avistar alguma penosa no meio do caminho, me chama que a gente dá um jeito nela ali mesmo.

— Teu caso é lipo, santa. Garanto: pode voltar para casa.

— Você pôs tanto farelo no seu prato que a sopa de feijão está mais para tutu!

— Gente, tive um sonho erótico com um anão a noite passada, nossa! Olha aqui a mordida que eu dei no meu próprio lábio...

— E todo mundo de boné, hein? Assim a gente esconde os pães de queijo dentro deles na volta da caminhada.

— Plástica não adianta nada, tem é de fazer ginástica!

— É o senhor quem tem um pacote de bolachas no quarto? Não, por favor, não me entenda mal. Estou disposta a qualquer coisa por umas, digamos, cinco bolachas... Cinco, não? Duas? Três, vai... Tudo bem, duas. Sem camisinha? Não: sem camisinha são quatro e ponto final.

— Depois você me ensina essa dieta?

— Você me ensina a dieta?

— Me ensina?

— Dieta?

— Sina?

O dia em que tirei férias de mim

Tomo um cuidado quando limpo minha casa... Para jogar um papelzinho fora penso mil vezes, afinal, "aquilo" pode acontecer de novo: eu tirar férias de mim.

Antes, eu adorava esvaziar gavetas. E por mais que eu as esvaziasse de papéis, pessoas, lembranças indesejáveis, em menos de uma semana lá estavam elas lotadas, reclamando nova limpeza.

E eu jogava tudo fora mesmo, tinha de jogar, era compulsivo: sem dúvidas, remorso ou hesitação.

Esse papel não me interessa. O que ele pode provar em minha defesa? Nada. Lixo.

Essa pessoa não me interessa. Que ganhos ela pode me trazer? Nenhum. Lixo.

Essa lembrança desagradável me incomoda. Para que me serve se nem mesmo em roda de amigos vou poder me vangloriar de tal vexame? Lixo.

Domingo era um dia perfeito para limpar gavetas e, mesmo que elas não estivessem muito cheias, lá ia eu com o saco de lixo preto e opaco nas mãos — preto e opaco para que ninguém visse o conteúdo.

Mas naquele dia as coisas não correram como de costume. Abri as gavetas na maior tranqüilidade adquirida pelo hábito de sempre encontrá-las abarrotadas, certeza como aquela de que você vai ligar para o ex-namorado que foi loucamente apaixonado por você, dizer

que se arrepende, ó, muito mesmo, e ele vai querer te encontrar na mesma hora, esqueçamos as mágoas, eu te amo, te adoro... Aquelas certezas estúpidas: antes não era certeza estúpida. Era certeza e pronto.

Voltando ao assunto, abri as gavetas. Nada. Nem um papelzinho, nem um comprovante de renda ou cartão de crédito, nem um extrato coligado, nota fiscal, bilhete, foto, receita médica, agenda de telefones: nada. Abaixei a cabeça e procurei mais no fundo: e as pessoas, as descartáveis, as chatas? Ninguém. Impossível: ao menos um chefe insuportável eu deveria ter: todo mundo tem! Retirei as gavetas dos seus encaixes e as virei de cabeça para baixo em direção ao meu rosto: e as lembranças, aquelas que pareciam não servir para nada, como eram mesmo, do que se tratavam?

Corri para a janela, amarrotei a cara entre suas grades e gritei: "Onde estão vocês? Onde?" Nada, nem um eco. A rua estava apinhada de gente, contudo ninguém ouviu o grito da louca do segundo andar. Não parecia haver grito. Nem louca. Nem segundo andar.

Ainda presa às grades, àquela altura sem lembranças por suspirar, observei as pessoas, coisa que não tinha certeza seja havia feito antes. A morena vendendo pastéis na barraquinha, o jornalista proseando com a freguesa, a nova mamãe empurrando o carrinho do bebê, o entra-e-sai na padaria que vendia frango assado, o vendedor de bilhetes de loteria, o afiador de facas... Todos sabendo qual a direção dos seus caminhos, pelo menos dos caminhos daquele domingo: todos, provavelmente, com gavetas cheinhas. Será que eu costumava comprar aquele frango assado na padaria, alguns pastéis de carne também e depois de fazer uma fezinha, pegar uma revista de fofocas prometendo pagar no dia seguinte ao jornalista?

Chateada, resolvi: "Vou fingir que não aconteceu, vou jogar fora mais essa experiência." Joguei. Sentei para ver televisão... qual era o meu canal preferido? Peguei um livro, mas a capa era branca e suas folhas também... Se eu gostava de ler, o que era?

As coisas começaram a desaparecer à minha volta e, desesperada, ainda pude agarrar, mergulhando no chão duro, um último CD antes que evaporasse com a pilha de outros: nada, capa em branco. Mas a música, ah, a música deveria estar lá e, esperançosa, corri ao aparelho de som, que nada tocou, pior, desapareceu também. Será que eu gostava de música? Poderia ligar para alguém e perguntar: "Fulano, eu gosto de música?" Outro problema: eu tinha telefone? Quantos anos teria eu? Será que eu ainda estava viva ou aquela seria a tal morte, aquele negócio que serve para... do qual eu tinha... medo?

Sem saber do que gostava de comer, permaneci em jejum; sem saber qual a minha profissão, decidi não sair na segunda-feira; hesitei entre dormir ou permanecer em vigília, afinal, não sabia se eu era do tipo insone ou dorminhoca; sem saber se tinha família, me olhei no espelho procurando traços, marcas, uma cicatriz, quem sabe; sem saber por quais experiências havia passado e no que costumava pensar nas noites de domingo, deitei-me no sinteco e pensei só na abstração de tudo que eu não tinha certeza se existia ou não.

Não deixava de ser excitante aquele nada total e comecei a curtir a situação. Talvez eu fosse uma atriz, uma balconista de supermercado, uma feirante, uma empresária, uma assistente social, uma dançarina da noite, uma dona de casa cujos filhos e marido também desapareceram nas gavetas... e eu poderia ser tudo o que quisesse, ali no apartamento em branco.

Um dia (nem sei dizer se muito ou pouco tempo depois) acordei na minha cama me sentindo estranhamente pesada. O aparelho de som tocava Sting. Havia um livro de Tchekhov e um bilhete dentro

dele, escrito à mão, em que li: "Teresa, eu não volto mais. Será muito melhor para nós dois. Não tem nada de errado com você: eu é que quero ficar sozinho. Além do mais, não posso te dar tudo o que você merece. Carlos." Levei a mão ao peito: me lembrei do Carlos. Doeu.

Levantei-me com dificuldade e me arrastei até o guarda-roupa em que a cor azul predominava, abri as gavetas da escrivaninha: notas de supermercado, muitas. Sem dúvida, eu havia voltado das férias de mim.

Foi então que levei o maior choque de todos ao me olhar no espelho: eu havia engordado mais de quarenta quilos desde a última vez em que me lembrava de ter vivido um dia completo. Não compreendo — ainda não compreendo — como, tão de repente, engordei tudo aquilo sem me dar conta.

Até voltar ao peso razoável em que estou agora, foi um sufoco. Me incomodam os dias de regime... Enquanto se emagrece — ao contrário de quando engordamos — os dias não passam rápido: mais rastejam feito bicho-preguiça que qualquer outra coisa.

O que me aflige agora é que eu posso resolver, a qualquer momento, tirar férias de mim novamente e meu maior medo nisso tudo é que foi suave e tranquilo estar longe, muito longe de mim.

Sai da minha frente, Aníbal!

— Você não pode me impedir, ninguém pode. Não torce a conversa, é claro que Deus pode. Eu não tô falando de Deus, tô falando de gente! Olha, eu não tomei uma atitude mais drástica ainda porque pretendo te convencer, na mais perfeita tranquilidade, que você não pode me impedir, OK? Não me olha com essa cara melada: eu ainda tenho alguma consideração por você porque sou burra, só por isso. Burra, besta e idiota. Vamos acabar com essa conversa? Deixa eu passar? Que covardia! Se colocar na minha frente dessa maneira, feito galo de briga. Pára um segundinho e finge que tem um espelho na sua frente. Dá para sentir o ridículo da situação? Você, nesse seu um metro e noventa, parado feito uma muralha na frente de uma mulher mignon como eu. Que coisa mais patética... Aníbal, não tenho a noite toda: ou você sai da minha frente ou eu viro Hulka. Deu para entender? Você nunca ouviu falar que nas horas de extrema necessidade as forças de uma pessoa se multiplicam? Eu estou numa hora de extrema necessidade e você está empacado feito uma mula velha no meio do meu caminho. Olha, Aníbal, se você tá querendo dar uma de marido preocupadíssimo só porque tua consciência tá pesada por causa de tanto chifre que você colocou na minha cabeça, isso não é, definitivamente, problema meu. Eu já te perdoei: ganhei uma diabetes, mas te perdoei. Não te deixei na rua como tua amante japonesa fez, tô te recolhendo em casa com a maior boa vontade agora que você virou um trapo de gente, um encosto que ninguém quer, mas você tá passando dos limites comigo. Paciência tem limite, Aníbal. Você não acha que para as minhas possibilidades eu já tô fazendo bastante? Aníbal, homem, sai da minha frente, você não tem noção do que tá fazendo. Você acha que foi fácil ouvir tuas conversinhas abafadas no telefone durante vinte anos e fingir que não estava acontecendo nada? Lavar tuas roupas cheirando a perfume bom? Se ainda fosse perfume barato, mas era perfume

bom! Encostar minha cabeça no teu peito à noite e você dizer "tô cansado". Olha, Aníbal, nunca te disse, mas eu também estava cansada e precisando de um pouco do carinho que uma mulher espera receber do seu marido na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, lembra? Aníbal, sai da minha frente! Eu tô ficando nervosa! Olha: só uma coisa, tá? Sabe quem segurou a minha barra todos esses anos? Sabe quem me fez companhia nas noites em que eu te esperava acordada? Sabe quem estava ali, perto, firme, forte, companheira, em todas as horas? A geladeira, Aníbal: a geladeira cheia de comida! Não vem agora querer me separar dela! Sai da minha frente, homem: eu vou me empanturrar com o pudim de pão da minha tia Jandira e a diabetes que se dane! Sai da minha frente, Aníbal!

Beijar obeso não é pecado

No não tão longínquo povoado de Codilha, Luísa, moça de extrema beleza, encontrou-se casualmente na rua, numa manhã de outono — quando nossa fábula começa — , com Fernando, seu conhecido de infância.

Ao encontrá-lo, Luísa recuou o couro cabeludo instintivamente: sensação boa. Sorrindo, ambos iniciaram alegre conversa e, enquanto ouvia a voz suavemente rouca de Fernando, Luísa começou a sentir um desejo estranho chegar sorrateiro; estranho não por nunca tê-lo sentido, mas por não fazer o menor sentido senti-lo por ele. Luísa quis, e continuou querendo por toda a duração do colóquio, beijar Fernando... na boca.

O que seria feito daquele beijo se ele realmente fosse dado? Será que a sombra da sedução física criaria um desconforto irreversível a cada esporádica vez em que se encontrassem? Tornar-se-ia um beijo metálico, artificial, cheio de gostos estranhos, como culpa, remorso amargo? Claro que não! Isso nunca aconteceria, afinal o seu conhecido de tantos anos era tão, tão, como diria?, bonzinho...

Quando se despediram, com dois beijos úmidos e estalados nas bochechas, Luísa formulou a questão de maneira mais prática, levando em conta as rígidas leis de costumes em Codilha. "Por que não poderia, só uma vez, beijar Fernando na boca? Não deve ser proibido trocar esse carinho... em todo caso, não custa me certificar disso com um dos Grãos-Senhores."

Segura da inocência de sua reivindicação, Luísa marcou hora com o Grão-Senhor da Sabedoria Social, um dos ditadores das regras da cidadela, e, no dia marcado, em suntuosa sala de atendimento ao público, o questionou:

— Grão-Senhor da Sabedoria Social, gostaria de beijar um amigo meu...

— Ora, súdita mimosa, pois beije-o então.

— Posso beijá-lo na boca?

— O seu amigo? De jeito nenhum! Beijo na boca só pro marido, senão pra que beijar na boca? Beija a bochecha, oras; bochecha não tá bom demais? Se não tá bom, então é porque você quer alguma coisa além do beijo. Vai cutucar a onça com vara curta pra quê, hein? Você quer é que o beijo leve o pobre até sua cama para praticar sexo cheio daqueles chupões escandalosos em lugares totalmente proibidos. É isso, não é? Beijo na boca é sedução, minha filha, cê acha que ia me enrolar com um papo furado desses? É ruim, hein! Quem é o fulano?

— É o Fernando Dalémtejo, Grão-Senhor, pessoa excelente e tamb...

— Fernando Dalém... aquele que pesa mais de cento e cinqüenta quilos?

— Esse mesmo e, com todo respeito, eu não vejo proble...

— Por que você não disse logo que era um obeso? Pode beijar à vontade, onde quiser: gente assim não cria estrago algum. É por isso, súdita mimosa, que não isolamos esse povo em vales sombrios longe da cidade como fazemos com os outros múltiplos pestilentos. Os obesos, saiba, têm função nobre em nossa sociedade. Todas as mulheres, digamos, encalhadas — você me compreende — se encaminham para essas almas insossas e suarentas. Sossegue, criança, beije-o à vontade: beijar obeso não é pecado.

Luísa, com as intenções devidamente regularizadas, correu feliz à casa do seu amigo, tocou a campainha e esperou, ansiosa.

Quando Fernando abriu a porta, ela tascou-lhe o tal beijo autorizado.

Imediatamente, uma efervescência sensual tomou conta do corpo de Luísa que, sentindo um comichão fumegar-lhe as veias todas, jogou-se por sobre Fernando em ardente arrebatamento, amplamente recíproco.

A população de Codilha jamais presenciou tão tórrido caso de amor a céu aberto. Luísa e Fernando andavam abraçados para todo lado e já trocavam até beijinhos em salas de cinema, museus, sorveterias, praças públicas, quando os Grãos-Senhores Mantenedores dos Preconceitos Necessários à Riqueza e ao Poder Sem Rosto, preocupadíssimos com o vulto que tal escândalo tomara na sociedade, mandaram prender os amantes por aberração de toda sorte.

Fernando resistiu à prisão o quanto pôde e, como prova da inocência do par romântico, apresentou o anel de noivado que comprara a fim de oficializar, em algumas semanas, seu compromisso com Luísa. A intenção do casal era consagrar as artes do amor à construção de um lar feliz, base para o desenvolvimento dos cinco filhos que pretendiam ter. E isso lá importava para os Grãos-Senhores?

O grande pecado de Fernando foi desertar do papel que lhe cabia naquele latifúndio: o de amigão comunitário e confidente do sexo oposto até que uma criatura cujas possibilidades estivessem todas consumidas cairia em seus braços roliços para união dos iguais, desvalido com desvalida.

Entretanto, aos olhos dos Grãos-Senhores, Luísa era muito mais pecadora do que Fernando, pois, tomando a iniciativa, rompeu com o padrão estético de Codilha, mantido a duras penas através de sofisticadas manipulações.

E ambos ainda tinham o desprazer de pensar que um casamento resolveria o medonho ataque aos costumes. De forma alguma: o matrimônio aí se constituiria na averbação legal de um verdadeiro, sincero e *caliente* amor por um, um obeso! Catástrofe! Nitroglicerina pura!

Luísa foi detida em casa enquanto escrevia uma carta de amor, sem saber que, por esse motivo, seu crime passaria de grave a hediondo.

Os Grãos-Senhores ficaram muitíssimo interessados na tal carta; na verdade, ela poderia ser a manutenção das regras do feudo. Caso a missiva se destinasse a um outro homem que não Fernando, todos os problemas estariam resolvidos: o padrão estético permaneceria intacto e os gordos continuariam no seu papel inócuo, porém essencial e eficiente, na sociedade.

O desespero entre os Grãos-Senhores foi geral quando, ao terem a folha de papel azul-clara com a caprichada letra de Luísa em mãos, descobriram-na não só escrita totalmente para Fernando como também, lástima profunda, em soneto! Foi o fim. Um soneto dedicado a um obeso era o máximo de atrevimento e ameaça que poderiam suportar.

O povo de Codilha, em praça pública, votou pelo enforcamento de Luísa, a pervertida, a se cumprir no sábado seguinte.

Fernando, desesperado, pediu clemência quanto à sentença de sua amada, implorou que fosse trocado por ela, montou — com a ajuda de uns poucos amigos revolucionários — planos de fuga, sem qualquer resultado.

Os Grãos-Senhores ainda propuseram a Luísa uma última saída: declarar insanidade temporária enquanto havia durado seu romance com Fernando e se casar, em um mês, com Igor, o modelo-manequim mais paparicado da cidade. Além de recusar-se terminantemente a negar seus profundos desejos românticos e

carnais pelo amado, Luísa protestou cantando Abba durante trinta e sete horas ininterruptas.

No dia marcado, Luísa, com a corda já literalmente no pescoço, gritou para que todos, e principalmente Fernando, na prisão, ouvissem a frase derradeira: "Fernando, eu te am..." interrompida pelo asfixiamento.

Desde então, amar ou desejar um gordo é, no não tão longínquo povoado de Codilha, além de inaceitável, crime passível do escárnio popular e da própria morte. Os magricelas intelectuais e os fisioculturistas acéfalos da comunidade dormem tranquilos.

Fernando? Fernando, levando consigo apenas uma contrabandeada fotografia de Luísa, fugiu da prisão, há alguns anos, à procura de uma sociedade esteticamente livre. Ao que consta, em junho último, pagou, numa promoção, apenas US\$ 999,999.99 para entrar no próximo ônibus espacial com destino a Júpiter. Boa escolha.

Não acredite em nada

Boa noite. Eu sou uma portadora da Síndrome da Mendiga Obesa e gostaria de agradecer muito ao "Instituto entre em coma ou deixe de comer" pela honra que tenho sentido em participar desse grupo terapêutico.

Agradeço também ao nosso patrono, o dr. Roosevelt Villaça, que diagnosticou pela primeira vez a Síndrome da Mendiga Obesa (SIMOB) na sua esposa, sra. Ariclê Villaça, em outubro de 1999, proporcionando, assim, alívio para tantas e tantas vítimas dessa terrível doença, apelidada com justa razão de o Mal do Milênio.

O que os outros chamavam de falta de força de vontade era uma patologia ainda não diagnosticada e, se hoje nós podemos tratá-la e contar com a ajuda de profissionais especializados, devemos isso, em primeiro lugar, ao dr. Roosevelt, um pioneiro.

Eu mesma sou uma prova viva do alívio trazido pela descoberta da SIMOB, da qual sou portadora desde criança.

Certa tarde — de importância capital para mim — estava eu almoçando vorazmente, como costumava fazer, curvada sobre o prato de lasanha, comendo sem intervalos para respirar ("come pela boca e pelo nariz", reclamava mamãe dos meus péssimos hábitos), quando minha irmã — sempre interessada pelas novas descobertas científicas — abriu meus olhos para a verdade dizendo assim:

— Camila, tem mais comida na geladeira. Você não precisa comer tudo agora como se fosse uma mendiga e não soubesse quando iria arranjar um outro prato de comida. Basta você esticar o braço e terá todo alimento que quiser, e mesmo que aqui em casa não tenha, você pode sair e comprar comida. Você trabalha, tem capacidade, tem amigos, família e nunca vai ficar sem poder

comprar ou conseguir alimento. Camila, olhe para sua roupa, seu cabelo limpo, não faz sentido você se comportar como uma mendiga porque você não é uma, compreende? E por que depois de comer você fica se culpando tanto? Parece até que se sente como uma mendiga obesa, sentada sem trabalhar o dia inteiro, esmolando para encher o papo. Você precisa de ajuda para se libertar dessa doença, Camila! Você já ouviu falar da SIMOB?

Depois daquela tarde minha vida mudou, e é exatamente isso o que cada um de vocês pode e deve fazer por qualquer portador da SIMOB que ainda a desconheça.

Graças a esse maravilhoso tratamento criado pelo dr. Villaça, eu emagreci dezenove quilos e meio e — vejam bem, minhas amigas — nunca mais engordei! E por ter a ajuda do Instituto, nunca mais vou engordar, nunca mais!

(palmas)

Obrigada! Obrigada!

Nós, cidadãs comuns, poderíamos até desconfiar que comíamos com um desespero além do normal, mas o grande pulo-do-gato foi o dr. Villaça nos supor como mendigas em ricos palácios, pois não importa se as travessas em que comemos são de porcelana chinesa, já que a sensação é sempre a mesma: a de que não haverá, nunca mais, comida na face da Terra além do conteúdo daquele prato, que tem de estar, no fim da refeição, mais limpo do que no começo.

E as buscas contínuas por alimento pela casa? A velha lata de leite condensado ou coisa assim tinha de ser imediatamente armazenada em nossos estômagos — e tudo o mais que coubesse neles (e o que não coubesse também). Estou mentindo? Quem aqui nunca mamou uma lata de leite condensado?

Como se não bastasse, ainda nos víamos não só como simples mendigas, mas como mendigas obesas, aquele tipo de pedinte

vagabunda, safada e molenga: culpada até o fim dos tempos; afinal, tem coisa mais vergonhosa do que pedir esmolas com o elástico da calça estourando?

Até a descoberta da SIMOB, tudo o que tínhamos para tentar esclarecer nossa dependência era, no máximo, a teoria de Darwin. A ela, dr. Villaça acrescentou e desenvolveu a Síndrome da Mendiga Obesa, que ultrapassa os conceitos meramente biológicos.

Prestem bastante atenção para que vocês compreendam — como eu e tantas companheiras aqui presentes compreendemos um dia — por que o tratamento do Instituto é a única arma infalível contra tamanho sofrimento.

Ao contrário dos vírus e bactérias, que podem se adaptar a qualquer adversidade com espantosa rapidez, o ser humano muda tão devagar que noventa e sete por cento de nossa programação biológica é idêntica à do tempo em que vivíamos na idade da pedra — aquela época em que não existiam docerias, supermercados, lojas de conveniência, restaurantes, padarias e quiosques nas praias.

Nós não fomos equipados para nos alimentar com nutrientes necessários à manutenção de apenas um dia de vida. Existe uma "desvantagem seletiva" em comer pouco incrustada em nossa carga genética.

Imaginem só: nós, pobres e indefesas criaturas, mendigas pré-históricas, cobertas por peles mal costuradas de péssimo caimento, vivendo a tortura diária de não saber se haveria ou não alimento para o dia seguinte. Qual era a atitude certa a tomar? Comer tudo o que estivesse ao nosso alcance para garantir a subsistência na próxima estiagem, num rigoroso inverno, numa colheita ruim.

Os quilos extras adquiridos eram apenas e tão-somente o que nos fazia sobreviver aos períodos difíceis. Portanto, quando temos bastante comida, a nossa tendência genética é comer muito para estocar. E os nossos ancestrais se sentiam mal por causa disso? Nem

um pouco! Éramos Pedritas neandertalescas acompanhando a engorda com profunda satisfação.

No entanto, hoje, intelectualmente evoluídos — com exceção dos homens ao volante — , descobrimos os prejuízos que o excesso contínuo de alimentação acarreta e elaboramos uma nutrição inteligente, adaptada ao nosso estilo de vida, que é bem distinto do da época das cavernas.

O que tentamos fazer agora com essa excepcional substância desenvolvida no Zimbabwe, a Tetrabulimiavançada — cujo investimento é de apenas US\$ 275.00 por comprimido e só é encontrada no Instituto — , é acelerar o nosso aprendizado genético nesse sentido.

No entanto, não é apenas o corpo que nos guia aos excessos da alimentação: um outro fator, de suma importância e influência, nos faz comer muito mais do que o necessário e saudável. É a tão falada compulsão.

Aí chegamos ao ponto crucial. Dr. Villaça observou que essa compulsão é sempre seguida de culpa: fechamos então o círculo vicioso, porque a culpa de quem come é menor do que a culpa de quem não come. Explicando: pressionadas por imperativos sociais, achamos que é pecado deixar comida sobrando no prato, pois alguém no mundo estará deixando de ser alimentado justamente por aquele naco de carne que queremos jogar no lixo: melhor então que ele esteja em nossos estômagos em perfeita segurança e utilidade do que num lixão, tirando a subsistência de alguém. Deixando a geladeira vazia, aquela criancinha esquelética no Sudão não estará morrendo de fome por nossa causa, já que toda a comida que estava ao alcance foi aproveitada para nossa subsistência, certo?

Errado. Agir dessa forma é se sentir como uma mendiga (precisando comer tudo o que cair na nossa frente, já que o próximo

prato sabe-se lá quando virá) e obesa (deitada no chão como uma abelha-rainha se fartando da comida alheia, da bonança sem trabalho, do prazer sem sacrifício; numa palavra: culpada).

Estamos aqui para dizer: chega! E cada uma de vocês, depois desta exposição objetiva, tenho certeza de que concorda comigo e há de se juntar a nós, pois sem a ajuda do Instituto, como ser feliz?

Venha, amiga! Venha dar um presente a si mesma e traga seus parentes, colegas, conhecidos, amigos ao grupo terapêutico desse Instituto em que você vai encontrar carinho e entendimento! Venha livrar-se da compulsão e alcançar o tão sonhado peso ideal! Deixe esse malévolos impulso biológico para trás! Abra as portas para que a solução de todos os seus problemas entre na sua vida! Diga "sim" à felicidade!

Para que toda essa alegria entre no seu coração, basta passar na secretaria do Instituto, acertar a inscrição na turma que mais se ajustar ao seu horário e adquirir duas caixas do Tetrabulimiavançada, com 60 comprimidos, que suprirão um mês inteiro de tratamento! E você acha que é só isso? Não é não: o Instituto reservou o melhor para. o final! Ao fazer a escolha certa para sua vida, você ainda leva, sem qualquer custo, uma caixa com doze unidades do batom Ariclê-arerê -cujo nome é uma homenagem à digníssima esposa do nosso patrono, a sra. Ariclê Villaça. O batom Ariclê-arerê — que estou usando agora, inclusive — vem em seis cores diferentes para facilitar o dia-a-dia da mulher vaidosa e contém uma substância revolucionária que extermina, gradualmente, toda compulsão e ansiedade. Além disso, seus efeitos benéficos são eficientes contra enxaqueca, tensão pré-menstrual, flacidez, pés-de-galinha, celulites, estrias e osteoporose. E o dr. Villaça não se esqueceu dos homens: para eles temos o batom Ariclê-arerê incolor. É demais, não é?

Talvez, num primeiro impulso, você ache um investimento muito alto, mas, minha amiga, pense comigo: quanto vale a sua felicidade?

Quanto você pagaria por ela?

Eva era gorda mesmo

A primeira mulher que disse "sim" com vontade de dizer "não" era gorda, garanto. Te digo o porquê: sentimento profundo de inferioridade. Outro dia o Jardel disse que as gordinhas são boas de cama. E são mesmo, já teve alguma namorada gorda? São e muito, mas não porque te amam, cara: elas são boas de cama (as que dão, lógico) porque se sentem tão absolutamente inferiores sem roupa que fazem tudo o que você pedir. Aliás, nem pedir você precisa: elas mesmas se encarregam de concretizar todas as fantasias que você tem — e as que ainda vai ter — , tamanho o pavor que elas sentem de talvez serem comparadas com a sua ex-mulher que era magra, por exemplo. Liberadas? Coisa nenhuma!

Gordo é mesmo um poço de esquemas a esquadrinhar...

Bons tempos os de antigamente... Lembra da época da tuberculose? Todo mundo tinha de ser gordo para se mostrar saudável. E os barões do café então? Se não fossem bem gordos não posavam como suficientemente ricos: êta desculpa boa para encher a cara de comida, hein? E agora, bem, agora é essa associação de AIDS com magreza. Bobagem... Lembra do Cadu? Quando morreu ainda estava com papada, coitado... Bom, mas não adianta: a gente emagrece e já vem aquele povo chato perguntando se a gente está bem de saúde. Fico gordo mesmo, obrigado.

Você soube da Fafá? Ela mesma. Engordou de novo! Quando ela estava no auge da dieta, magra, linda de doer, encontrou um ex-namorado lá de Brasília. O cara foi logo perguntando se ela estava bem de saúde, com os olhos esbugalhados, quase chorando de desespero. Você acha que ela convenceu o babaca de que era só regime dos bem apertados aquele emagrecimento repentino? Que nada! O cara foi fazer teste de HIV de puro pânico: que toupeira! Ela disse que nem ligou para isso, mas começou a engordar no dia

seguinte: claro, a desconfiança dele mexeu com a sua cabeça, ela precisava engordar de novo para provar que estava bem de saúde, afinal magreza é sinal de doença!

Esse mundo não se entende mesmo: ao mesmo tempo em que magreza é sinal de doença, gordura também é. No que você pensa quando vê um cara gordo como eu? Pressão alta, colesterol ruim, triglicérides, veias entupidas, enfarte, ponte de safena, varizes...

E de onde veio tanta gente gorda, me fala? De Adão e Eva: só pode ser! Mas qual dos dois era gordo, hein? Eva, por exemplo: a primeira mulher da história. Será que Eva era gorda? Se fosse, estaríamos no Paraíso ainda porque ela nunca tomaria qualquer atitude contrariando a vontade de Deus, o poder masculino em questão. Ou talvez — espera um pouco — talvez Eva fosse gorda sim e nem se desse conta disso lá no Paraíso, sem nenhuma *top model* para se comparar, suprema em sua beleza arredondada.

Acompanha comigo: uma noite pintou uma fome extra e, ignorando as claras proibições do Pai, Eva mandou ver na maçã porque não havia nenhuma loja do "Amor aos Pedacos" nas redondezas. É, estou convencido: Eva era gorda mesmo.

A safada da cobra ficou atijando: "Ah, Eva, uma maçã pequena dessas não faz mal nenhum! Come, vai! Só hoje!" Igual à Esther quando tem festa lá no sindicato, sabe? Ela fica atrás da gente feito um carcará sanguinolento até que você coma tudo o que ela preparou: tudo! É coxinha, empadinha, risólis, quibe, cajuzinho, brigadeiro... Se nega a comer, se nega? Diz que está de dieta, para você ver o que acontece: ela entuba a comida pela sua goela abaixo! A Esther é descendente da cobra do Paraíso!

Mas se o Paraíso realmente era um paraíso, deveria haver chocolate por lá. Alguém já viu um dia de absoluta ventura sem nenhuma barra de chocolate na boca? Não existe. Chocolate faz parte de uma vida minimamente feliz: sem chocolate não há

felicidade. Então Eva era infeliz, mesmo no Paraíso, afinal vivia sem chocolate. Como eu tenho certeza? Pô, rapaz, se houvesse algum bombom disponível você acha, em sã consciência, que ela iria comprar aquela briga toda por causa de uma maçã?

E Adão, hein? Ah, Adão deveria ser um magro em processo de engorda porque ele caiu legal na conversa da Eva quando ela propôs o tal lanche com a maçã proibida. Ele não cairia nessa se fosse um magro autêntico, pode crer.

E tem uma coisa que ninguém sabe: Eva só chamou Adão quando, depois de comer todas as maçãs que estavam ao seu alcance, precisou de alguém mais alto do que ela para pegar as outras.

Daí chegamos à conclusão de que nós somos descendentes de uma gorda e de um magro em processo de engorda e, caramba, não dá para lutar contra toda essa carga hereditária! Opa: isso significa que o estado natural do ser humano é gordo; os magros é que são os anormais, cara! Pau neles!

Atenção: a autora não se responsabiliza se algum doido varrido levar este texto ao pé da letra.

A vítima

*"O corpo conserva os vestígios bem marcados
dos cuidados que se teve com ele
ou dos acidentes que sofreu.*

Acontece o mesmo com a alma.

*Quando ela se despoja do corpo,
conserva os traços evidentes de seu caráter,
de seus sentimentos,
e as marcas que cada um dos seus atos lhe deixou. "*

Sócrates (470 - 399 a.C.)

— Sinto muito.

— Mas eu sou inocente, juro!

— Entendo sua posição e isso será considerado na audiência:
não se preocupe, você possui muitos atenuantes.

— Não é uma questão de atenuantes, dr. Miguel, sou inocente
cem por cento!

— Por favor, apenas Miguel.

— Tudo bem: Miguel. Como podem me acusar assim se nunca
quis que isso acontecesse! E não aconteceu!

— Ninguém a está acusando, Gerda. Existem várias causas que você julga ignorar e que, no entanto, sempre estiveram pulsantes na sua consciência. Porém, não se desespere. Aliás, nunca, em hipótese alguma, se desespere: esse estado dificulta o processo analítico e o tornará mais lento sem, contudo, desviá-lo um milímetro da justa decisão. O seu histórico é bastante doloroso e isso a beneficiará.

— Quanta injustiça, meu Deus... já sofri tanto, e agora isso!

— Não há injustiça alguma. Injustiça haveria se você estivesse sendo maltratada ou se não contasse com meu apoio, por exemplo. Queixas não têm serventia, Gerda. Você realmente é suicida, de uma categoria diferente da comum mas, ainda assim, suicida.

— Eu devo estar ficando louca mesmo: eu não me matei, não me matei, não dá pra ver, não?

— O que vejo é uma corrosão progressiva de suas forças vitais impulsionada, essencialmente, pela sua própria vontade desencadeando a morte. Os mecanismos da vida são um tanto complexos e o que parece ser uma resposta definitiva é, muitas vezes, apenas a ponta de um delgado e profundo iceberg. Primeiro você precisa se conscientizar de que se suicidou de forma lenta e indireta. Então, tudo ficará mais fácil.

— Do que você está falando? Que história é essa de me suicidei e corrosão sei lá o quê?! Tudo o que fiz na vida foi cair... cair e sofrer!

— Você diz que só fez cair e sofrer e o "cair" foi sua maior...

— Culpa. Culpa, não é? Vamos lá: diz!

— Não. Cair foi sua maior escolha, sua responsabilidade.

— Você está querendo me dizer que depois de viver quarenta e sete anos num verdadeiro inferno, tratada como uma aberração,

amada como uma barata caseira, surrada dia e noite por uma dependência que não me permitiu um só minuto de perfeita alegria, vou ser tachada de suicida por ter comido demais? Como se eu adorasse aquela situação? Como se já não tivesse sofrido o bastante? O que é isso? As mocinhas da moda são abençoadas; pelo que verifico, têm algum privilégio que me foi tirado! Por quê, hein? Porque sou feia demais, desgraçada demais, deformada demais para a estética dos anjos? Porque sou gorda? Mas nem morta eu vou me livrar disso?

— Calma, Gerda. Vamos passear à beira-mar um pouco e lhe explicarei tudo. E afinal, quem está morto aqui? Estamos mais vivos do que jamais estivemos. Além do mais, eu lhe prometo: nada de mal irá lhe acontecer.

— Miguel, eu só queria ser como todo mundo, poxa! Por exemplo: estacionar em qualquer vaga no shopping! Sabe, eu tinha sempre que estacionar do lado de alguma pilastra por causa do vão maior, senão não conseguia abrir bastante a porta pra sair do carro.

— Sim, eu sei.

— Com 15 anos não quis ir à Disney com os meus primos ricos porque não ia caber no assento do avião. Disse pra eles que já era uma mocinha bem crescida para gostar dessas bobagens, quando meu maior sonho era ir pra lá! Eu acordava todas as manhãs com os olhos inchados e mentia pra minha mãe dizendo que era conjuntivite; a verdade é que eu chorava até dormir, morrendo de vontade de estar lá com eles... Você sabe que um monte de vezes deixei de ir no cinema, no teatro, num restaurante, com medo de não caber nas cadeiras e as pessoas rirem de mim mais ainda do que já riam?

— Eu sei, sim.

— Foi nessa época que comecei a passar por um batalhão de especialistas, todos com o mesmo diagnóstico: comida. Controle a

comida. Reduza a quantidade. E eu sonhava!... Depois de cada médico, me imaginava magra caminhando pelas ruas de minissaia: que prazer! Mas as dietas eram como bilhetes do *missão impossível*: depois de muito pouco tempo, se autodestruíam.

— Você tem senso de humor, Gerda.

— Alguma coisa a gente tem que desenvolver quando a natureza não ajuda, ué. Por isso os perfeitamente belos acabam se tornando irretocavelmente insossos. Pra que vão se esforçar em ser inteligentes, interessantes, sagazes, espirituosos, se o mundo já cai aos seus pés com um simples piscar de pestanas? Eles são chamados de suicidas por nunca terem precisado de alguém pra amarrar os sapatos deles?

— Os perfeitamente belos, como você diz, são, muitas vezes, perfeitamente infelizes. As variantes são imensas, mas vou lhe dar um exemplo. Venha comigo.

— Aonde você está me levando...

— Não tema, apenas continue de mãos dadas comigo. Estamos na superfície da Terra.

— Ahh... tão rápido!?

— Vê essa moça deitada? Você a reconhece?

— Calma, deixa eu ver. Hum... claro que sim, ela é uma modelo superfamosa! Ah, que corpo ela tem... Queria ver ela se virar com o meu, isso sim!

— Chegue mais perto.

— Pra que ela está lendo essa bobagem? Eu já fiz essa dieta; é batata: você emagrece, mas fica anêmica e, aí, dá-lhe vitamina... Hei, o que são essas lesões na barriga dela?

— Só nós as estamos vendo, Gerda. São muito semelhantes às que você tem.

— Eu? Mas eu fiquei tanto tempo naquele hospital depois que morri...

— Você não morreu. — É, é.

— Você esteve e está em tratamento e, por agora, sob minha responsabilidade. Chegará o dia em que irá se curar por completo.

— E isso na garganta dela? Eu não tenho isso, tenho?

— Não, isso você não tem. Veja que ela está bem mais comprometida do que você. Uma jovem com fama, beleza, fortuna e que, para manter a forma exigida pelo mercado de trabalho que escolheu, se submete aos mais deprimentes processos, acabando por desenvolver, inclusive, uma terrível doença pela qual ela não teria necessariamente de passar.

— Posso ver?

— Foi para isso que a trouxe aqui.

— Ai, Miguel! Ela está comendo feito uma louca! Nossa, como sei o que é isso... Hei, que que está acontecendo? Pra que esse tubo de borracha? Ai, credo, é assim que ela machuca a garganta! Que horror, coitadinha! Miguel, a gente não pode fazer alguma coisa? Por Deus!

— Fico feliz em ver que você se apieda dela, contudo nós não devemos interferir neste caso. Ela está sendo constantemente auxiliada e você ainda não está pronta para ver tudo.

— Então alguém vai ajudar ela, não vai?

— Claro que sim, contanto que ela também se ajude. Nós não podemos interferir no livre-arbítrio de quem quer que seja. Ela sabe, através da consciência, que precisa de um médico, porém tem medo de que sua doença caia no domínio público e comprometa sua carreira. Seu orgulho a está fazendo piorar e dificultando nosso trabalho.

— Mas e se alguém dissesse isso pra ela: se você aparecesse, agora, na sua frente?

— Se isso houvesse acontecido com você, você acreditaria nos seus sentidos? Diga-me, sinceramente.

— Ah, eu ia... não, você tem razão. Eu ia achar que foi uma alucinação ou coisa assim. Mas ela pode acreditar, Miguel, tente!

— Gerda, não é justo agirmos assim. A liberdade e a consciência são propriedades inalienáveis do ser e entre as duas cada um tem de encontrar o equilíbrio por própria vontade. Mas como lhe disse, seu caso está sendo acompanhado de perto por companheiros nossos que incansavelmente, através da intuição, dos sonhos, lhe sopram bons conselhos. No entanto, a decisão será sempre dela e o mérito ou demérito dessa decisão também. Apenas se houver extrema necessidade, eles poderão exercer influência mais direta sobre os fatos.

— Coitadinha! Deitada no banheiro desse jeito...

— Temos de voltar.

— ...

— Você compreende agora, Gerda?

— Um pouco, acho que sim. Se ela não se ajudar vai também ser considerada suicida.

— Sim, vai. E de uma classe mais grave que a sua. Contará, porém, com toda a assistência, assim como você conta.

— Mas então não existe escapatória? Todo gordo feliz e assumido, todo magro tentando continuar magro, todo gordo infeliz tentando ficar menos gordo, vai se encontrar nessa situação do lado de cá?

— Não, de maneira alguma. Há muitas pessoas gordas que cuidam da saúde com previdência e são, aliás, muito felizes. Há pessoas magras que se conservam de forma saudável e, se não o podem ou não o conseguem, aceitam normalmente as mudanças do tempo. Há pessoas ainda que, diante de um exame limítrofe e uma advertência dura por parte dos médicos, passam a pensar, antes, nos anos que ainda estão por vir, nos entes queridos que precisam delas na Terra, e dominam seus vícios, controlam suas dependências, sejam elas quais forem, em prol da vida, simplesmente pela vida.

— Foi o que não fiz, Miguel. Os médicos disseram que eu tinha hipertensão aguda. Comecei a ter pressão alta depois que um namorado meu... ele foi embora porque eu fiquei... você sabe tudo da minha vida?

— Sim, sei.

— Então você sabe do Jonas?

— Sei. Não precisa se envergonhar de nada, Gerda, sei tudo o que aconteceu. Jonas ainda está na Terra, porém você não deve vê-lo: não é recomendável, por enquanto.

— Você sabe até o que eu estou pensando...

— Com o tempo você perceberá os meus pensamentos também. Nós estávamos conversando sobre a sua hipertensão. Vamos voltar a ela?

— Ah, é... Então, um dos médicos que me examinou chegou a dizer claramente: "Ou a senhora faz uma dieta rigorosa a partir de hoje, ou não vai ter muito tempo de vida."

— E o que você pensou?

— Ah, fiquei com medo, claro, mas depois pensei: "A minha vida é uma droga mesmo, então pra que deixar de lado o único prazer que tenho?"

— Foi isso mesmo o que você pensou?

— Foi sim, Miguel.

— A que conclusão você chega?

— Que eu me entreguei. Que não valho nada. Que sou uma droga mesmo.

— Não, nada disso! Você se entregou sim, tem responsabilidade e dela trataremos amanhã na audiência, no entanto você não é uma droga nem tampouco nada vale. Pelo contrário, mostrou-se compadecida com o drama de uma moça cuja vida pouco antes você depreciava. Existem muitos de nós que cuidam dessas pessoas; espíritos que, como você, já passaram pelo mesmo drama. Se você quiser, poderá ajudar também, dentro de algum tempo. São casos complexos, posso lhe assegurar que você apenas arranhou a realidade das coisas, em contrapartida eles são muito enriquecedores e ternos.

— Miguel, isso seria fascinante, mas eu vou ser condenada amanhã... ih, vou ficar presa?

— Ora, Gerda, que idéia, claro que não! Você não será "condenada", nem presa. Prisões são estados de alma, literalmente, que podem se prolongar por milênios ou desanuviar-se em segundos, dependendo da compreensão do indivíduo: por isso é tão

importante que você compreenda. O que você precisa é aprender uma série de coisas que ainda desconhece para estar em condição de me acompanhar. Há muito o que fazer, Gerda, mãos à obra! Estamos acertados?

— Nossa... Estamos, claro que estamos! Puxa, Miguel, se eu tivesse encontrado alguém como você lá na Terra, a vida teria sido bem mais fácil pra mim...

— Tenho certeza absoluta disso.

— Você tem nome de anjo, Miguel. Você é um anjo, não é? — Não.

— Ah, claro que é.

— Não, querida, não sou um anjo. Quem sabe um dia mereça esse indicador carinhoso.

— Tá bom, Miguel, finge que eu acredito: você não é anjo. Então você é o que, hein?

— Eu sou o filho que você optou por não ter.

Pantufas de cachorro

Dois dias ainda e eu nesse nervoso. Há um semestre me preparo para uma oportunidade como essa mas, sinceramente, nunca pensei que ela seria tão perfeita assim: uma festa! Céus, o que poderia ser mais conveniente?

Faz onze meses, vinte e três dias e quinze horas que ele me deu o fora. Fora daqueles de deixar os fundilhos doloridos, de fazer a gente comer a grama do bairro, roer as beiras das calçadas da cidade, matar todos os urubus da América Latina a dentadas... e engordar alguns quilinhos. OK, foram alguns muitos os que eu engordei.

Lembro, como se fosse hoje, o dia em que meu mundo magro caiu: eu atravessava uma rua quando, do outro lado, atravessava também o corpanzil de uma criatura cujos cabelos eram parecidos com os meus. O mais estranho é que a coisa andava ao meu encontro. Foi assim que me percebi obesa: em frente a uma porta espelhada. Eu, olhando diretamente para mim, não me reconheci durante um tempo mais que razoável, quer dizer, não reconheci o reflexo de um troço que de maneira alguma se parecia comigo. Pois esse tremendo susto foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido porque então, apavorada, comecei a fazer dieta.

O propósito, claríssimo: um dia, gatésima, ir a um evento qualquer, encontrar o Maurício *casualmente* e, do alto dos meus poderosos dezessete quilos perdidos (ou enfiados em algum fundo de commodities, rendendo silenciosos, não importa), olhar bem dentro dos seus olhos e esperar pelo gemido de dor por ter jogado esgoto abaixo a mais encantadora mulher do mundo.

A grande oportunidade chegou: a festa informal de aniversário do Jorge, amigo que se tornou comum aos dois, embora fosse,

inicialmente, só meu. Maurício não faltará, tenho certeza disso, pois estive lá todo lampeiro no ano passado enquanto eu me entupia de tranqüilizantes para dormir.

Estou preparada para A Festa. Os quilos, todos perdidos. O visual, montado: vou de pretinho solto, muito casual, tipo "nem te ligo", cabelos perfeitamente úmidos à moda "só vim dar uma passadinha", perfume discretíssimo esquema "é minha pele", pouca mas impecável maquiagem estilo "saí de cara lavada", batom cor-de-boca-não-a-minha.

Que diferença da última vez em que nos encontramos... Eu ostentava umas olheiras monstruosas depois de duas noites insones, chorando, cabelo desganhado, camisola de florzinha e aquelas malditas pantufas de cachorro. Também, não sou adivinha para saber que era ele atrás da porta e não o guarda-noturno pedindo o pagamento da quinzena. Se ele tinha alguma dúvida em acabar ou não comigo, terminou com todas naquela noite. No entanto, fui digna, sim senhor! Assim que ele disse "não quero mais você", fiz uma careta, um gesto de enfado e o mandei embora. Eu parecia uma mulher derrotada, mal-amada e em frangalhos — como de fato estava — , mas não era por isso que iria deixar ele ficar na minha casa se penalizando com aquela figura encardida usando chinelos infantis: isso não!

Dignidade eu tive: por dentro poderia estar o próprio poço fundo do além-juazeiro manezinho porém, mesmo com pantufas de cachorro, nunca dei o braço a torcer. Quando comentavam comigo a respeito do novo romance dele e como havia sido rápida a reposição — ô gente maldosa — , eu, fingindo desinteresse, dizia que estava ótima, esplêndida aliás. Entretanto, fui saindo de cena: a verdade é que fui me escondendo porque estava doendo demais, além da conta. E não há maneira mais segura de se esconder de tudo e de todos do que engordando.

Pois é, só que amanhã sairei dos escombros do "planeta dúvida alheia" e responderei à questão crônica: "Será que ela superou o bilhete azul?" Amanhã todos estarão lá e ele, principalmente ele, Ele, EEEEE vai ver que estou absolutamente recuperada, que nem ligo mais para o que nos aconteceu, que sou uma mulher forte e não preciso, em absoluto, ir a uma festa pendurada num novo namorado — embora pudesse conseguir um — , que estou magra, mais jovem e sensual, que me sinto linda, que sou uma rocha polida sem fissuras.

Minhas pernas estão bambas e a boca secou. Eu não contava com isso, melhor parar naquele bar ali e comprar umas balinhas, ou tomar um copo d'água, sei lá. Só sei que chegar à festa com a boca seca e nervosa desse jeito não é um sinal vitorioso. Tudo bem, é bom mesmo chegar tarde: entrada triunfal.

— Moço, me vê uma água de copinho e duas balas de hortelã?

Sétimo andar, vamos lá. Melhor eu cruzar os braços: parece displicência e disfarça as mãos trêmulas. Melhor. É. Ai. Como demora. Três. Quatro. Cinco. Estou ouvindo umas vozes, socorro. Seis. Força, Walquíria, força. A Força caminha comigo e a princesa Léa que vá para o raio que a parta. Eu sou forte, ninguém que emagrece dezessete quilos é fraca. Sete. É agora.

O Maurício está aqui, eu sei, vi seu molho de chaves sobre a mesa, mas onde? E lá vem a chata da Sheila.

— Que é isso! Você que está ótima, Sheila.

— Ah, é? O Maurício está sozinho? E eu com isso, menina? Olha bem para mim: esse cara passou há anos-luz na minha vida. Onde está o Jorge?

Isso, Sheila: vá se embora para outro canto. Amiga-da-onça é mais resistente que vassoura de bruxa.

— Jorge querido: deixa eu te dar um abraço! Parabéns! Muita saúde, felicidade, blá, blá, blá...

Os homens não se traem, veja o Jorge: logo ficou cupincha do Maurício, mesmo me conhecendo há muito mais tempo. Tudo bem, pelo menos nossa longa amizade serviu para que ele me convidasse a esta reunião. Santa Clara: uma mão tocou meu ombro. E é a mão do Maurício, conheço de cor a pressão única que os seus dedos fazem contra a minha pele.

— Oi, Maurício!

— É, faz tempo, rapaz. E aí, como cê tá?

— Ah, que bom.

— É, eu emagreci um pouquinho, correria, sabe como é. O MISERÁVEL PERCEBEU!!! YES! YES! YES!

Ele está me encarando com aquele olhar de desejo que conheço muitíssimo bem e me convida a dançar, ora, ora.

Maurício ainda dança como antigamente e tenta me fazer lembrar da primeira vez em que dançamos assim, de rostinho colado. Se eu me lembro?

— Não, quando foi?

É claro que lembro, mas não vou me denunciar; prefiro ouvir a história toda saindo deliciosamente pela boca dele, assim, cheio de saudosismo.

Ai que maravilhosa é esta sensação de vitória absoluta sobre todas as adversidades nauseabundas da vida!!! Ver aquele

namorado que lhe deu o maior pé de todos os tempos lambe o seu sapato é o que se pode chamar de satisfação suprema!

Suas mãos estão mexendo no meu cabelo e agora é hora de colocar em prática a parte mais difícil do meu plano.

— Olha, Maurício, amanhã eu tenho de apresentar um projeto supercedo, só vim dar um alô pro Jorge.

— Não dá, Maurício, esse projeto vale ouro pra mim.

— Maurício, eu tô sem a minha agenda, prefiro não marcar nada.

— Não dá pra ficar mesmo. Qualquer dia a gente marca, tá? Tchau.

Será que é fácil achar um táxi por aqui? Menti que estava de carro, sim, fez parte da minha saída gloriosa não precisar da carona oferecida por Maurício. Tudo bem, vou andando, não tenho pressa mesmo. Qualquer dia... Sempre que alguém me diz "qualquer dia" sei que está querendo dizer "nunca, jamais, em tempo algum, tô fora, desinfeta". E foi mais ou menos essa a impressão que quis deixar. A impressão de não me importar mais: tanto faz, qualquer dia.

Puxa vida, estou feliz! Mesmo que ele me ligue, acabou aqui: como planejei. Eu escolho que esse romance acabe hoje, nessa festa de agora há pouco, e que a minha última lembrança do Maurício seja aquela súplica sincera, aquele desejo de dançar um pouco mais comigo.

Vamos encarar a realidade: a satisfação suprema não foi vê-lo aos meus pés. Queria mesmo era me sentir assim, amada de novo.

E agora me encontro como quem treinou quatro anos e acabou de ganhar a medalha de ouro olímpica: uma felicidade tão plena e ao mesmo tempo uma sensação de que não há nada mais então, de que todos os sacrifícios já se justificaram e não fazem mais sentido. Uma vontade de ir trabalhar num circo — o que eu realmente queria fazer da vida — , de largar o carro no primeiro congestionamento, de ir ao parque de diversões mais vagabundo da cidade brincar a noite inteira no carrinho elétrico, de rolar nas areias da Praia Grande, de namorar um estivador maduro, de me lambuzar de maçã do amor, de comer tudo o que eu gosto, inclusive pastel de feira bem engordurado... e quer saber? Eu vou é fazer tudo isso!

— Táxi!

A fome-por-ela-mesma

No entardecer chuvoso de uma quarta-feira — daquelas de trânsito infernal, temperatura instável e caras amarradas — senti uma fome imensa de algo bem definido. E digo *uma* fome porque tenho várias.

Por muitos anos, supri esse tipo especial de fome — que hoje é claramente detectável — com um brigadeiro de padaria. Comer o bendito brigadeiro de padaria (e enfatizo os "de padaria" porque eles são maiores que os de festinha de criança) não me ajudava em nada — afinal de contas, a fome era outra — , mas durante vinte e sete segundos sentia um calorzinho por dentro, uma sensação de alívio, de carinho, de que o mundo poderia até ser doce e macio. Contudo, como já disse, o torpor passava veloz por mim e eu precisava, imediatamente, comer outro brigadeiro de padaria para não pensar na brevidade do efeito, como a das drogas.

Essas várias fomes convergiam todas em comida: tentativa inútil de barrar o oceano com um docinho, mais um, só mais um e paro, um outro apenas e vou ser feliz já, quer ver?

Só consegui conter esse impulso quando passei a adjetivar minhas fomes. Comecei a classificá-las, muito amedrontada em princípio, para mais tarde dissecá-las impiedosamente.

Se eu sentisse, por exemplo, uma fome clássica como a de comida e me encontrasse na mais completa miséria, não teria condições de me alimentar e a fome-simples se transformaria em fome-morte-fato. Já se estivesse doente, aguardando com angústia pelo apetite como sinal da recuperação próxima, a fome-simples se tornaria fome-esperança-saúde. Contudo, se eu seguisse rigorosa dieta por motivos estéticos, a fome-simples se desdobraria em fome-ansiedade-culpa. Caso a dieta fosse por imposição médica, a fome-

simples transmudaria para fome-hospital-cirurgia. Se já, ao contrário, fosse eu mártir jejuando, então a fome-simples passaria a fome-disciplina-sublimação-ideal.

Mas a fome daquela quarta-feira não foi a clássica (a de comida), e sim a mais potente de todas as fomes, a que mais mata, a que mais fere, a mais difícil de ser saciada: a de amor. Em milésimos de segundo essa fome foi se afunilando; não era fome do amor de um amigo, do amor de mãe, do amor de um filho, do amor de um estranho: era fome de amor de um homem, fome do amor dele. Especificamente dele e de mais ninguém.

Se ele me ignorasse, a fome-simples começaria a estender pernas compridas e cabeludas transformando-se rapidamente em fome-rejeição. Se ele estivesse longe, viajando, a fome-simples adquiriria as cores pálidas da fome-saudade. Se ele fosse casado e costumasse me usar como método antitédio, a fome-simples se aguçaria em fome-auto-estima-zero. Se ele houvesse me abandonado há um par de dias, a fome-simples seria bem outra: fome-lágrima-dor. Se ele houvesse me abandonado há um par de meses, a fome-simples cederia espaço à fome-um-dia-você-vai-se-arrepende. Se ele houvesse me abandonado a um par de anos, a fome-simples não passaria de uma fome-muxoxo-era-um-bobo-mesmo. Se ele possuísse um daqueles desejos tão delicados por mim que só dão sinal de vida uma ou duas vezes no ano, minha fome-simples se empobreceria dentro da fome-será-que-se-eu-ligar-vai-rolar-alguma-coisa? Se ele tivesse morrido, a fome-simples se resignaria em fome-ausência-promessa.

Porém ele não me ignora, não está viajando, não é casado, não me abandonou, não me procura uma ou duas vezes no ano, nem está morto. Ele me ama e está ao alcance da mão, na casa verde número cento e setenta, no fim da Alameda das Acácias, e eu pude abrir espaço para que, na insignificância aparente daquela noite de quarta-feira que começava a raiar, minha fome adjetivada,

dissecada, explicitada em suas intenções mais obscuras, alçasse vôo: a fome-por-ela-mesma.

Eu poderia, mais uma vez, ter passado no mercado próximo ao meu apartamento, ligar a TV na novela das sete, encher de salgadinhos e guloseimas minha cama e engolir. Engolir a dor da solidão; engolir a tortura de perceber o corpo bem maior do que as roupas no armário; engolir o olhar de escárnio das adolescentes donas-do-mundo; engolir a máscara assexuada colada aos meus olhos, como se fosse muito normal; engolir a vontade de andar, correr, pular pela praia sem camiseta, canga, desculpas; engolir a possibilidade do vôo, do vento, da vontade, da vida! E assim, engolindo, protelar indefinidamente o vôo da fome-por-ela-mesma.

Como um pássaro recém-resgatado de um desastre ecológico, ainda guardo suas asas amarfanhadas, um tanto viscosas de óleo, é verdade. Pequenas cicatrizes cinza-chumbo pululam aqui e ali, vez ou outra uma perna falha no pouso: mas ela voa. Cada vez mais alto, ela voa.

FIM